

Divina por engano



## SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Para quem quer fugir da rotina

TÍTULO: *Divina por Engano / n.º 215 da Coleção Bang!*

AUTORIA: *P.C. Cast*

EDITOR: *Luís Corte Real*

*Esta edição © 2013 Edições Saída de Emergência*

*Título original Divine by Mistake © 2006 P.C. Cast. Publicado originalmente nos E.U.A. por Luna Books, 2006*

TRADUÇÃO: *Susana Serrão*

REVISÃO: *Saída de Emergência*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion, corpo 12*

DESIGN DA CAPA: *Saída de Emergência*

ILUSTRAÇÃO DA CAPA: *Saída de Emergência*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Cafilesa - Soluções Gráficas, Lda.*

1.ª EDIÇÃO: *Setembro, 2013*

ISBN: *978-989-637-567-6*

DEPÓSITO LEGAL: *362691/13*

EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA

*R. Adelino Mendes n.º 152, Quinta do Choupal, 2765-082 S. Pedro do Estoril, Portugal*

TEL E FAX: *214 583 770*

WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM



# P. C. CAST

## Divina por engano

*Tradução de Susana Serrão*

*A presente obra respeita as regras  
do Novo Acordo Ortográfico.*



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
Para quem quer fugir da rotina



Queridos e fabulosos leitores,

Adoro este livro! Foi um amor planeado. Quando me sentei para escrever *Divina por Engano* — muito antes de escrever a série Casa da Noite —, disse a mim mesma que ia escrever O Livro Que Eu Mais Quero Ler, e foi exatamente o que fiz. Criei uma heroína que me faz rir e mandei-a para um mundo saído dos meus devaneios favoritos, para viver uma fantasia cheia de vinho e sexo, aventura e amor verdadeiro, e tudo isso é muito divertido.

Porém, tenho de ser sincera. A razão mais importante para eu gostar deste livro foi a criação de ClanFintan, o qual será eternamente o meu herói favorito. Claro que ele é forte, bonito e sensual — são qualidades que fazem parte do modelo do herói — mas ClanFintan tem mais duas coisas a seu favor que o destacam de qualquer outro herói. Primeiro, o sentido da integridade é profundamente comovente. A sua palavra é mais do que uma promessa, a sua palavra é quem ele é. Segundo (e pode muito bem ser o que eu mais gosto nele), o sentido do divertimento e da inocência que desperta nele quando este herói, de resto muito mundano e durão, se apaixona pela minha heroína. A alegria dele ao descobrir o amor fará com que ele permaneça sempre no meu coração.

Por conseguinte, recomendo que se aconcheguem com um copo do vosso vinho preferido e que entrem em Partholon, mas cautela! Tal como eu, talvez nunca mais queiram de lá sair..

Feliz leitura,  
P.C. Cast



## Agradecimentos

Gostaria de agradecer encarecidamente às muito entusiásticas e muito afirmativas fãs de *Divina por Engano*. Sem vocês, a minha carreira não teria sido possível. Obrigada, obrigada, obrigada.

Gostaria também de agradecer à equipa crítica da Romantic Times BOOKreviews. Minha gente, foram vocês quem me “descobriu” com uma recensão Escolha de Ouro 4 ½ Estrelas quando isto não passava de um livrinho obscuro de pequena editora. Ena! Nunca me esquecerei do entusiasmo dessa primeira recensão. Muito obrigada.

Obrigada à minha amiga e agente, Meredith Bernstein, que leu este livro de um dia para o outro e soube que tínhamos algo especial.

A minha gratidão para com a fabulosa Stacy Boyd. Ela “topa” realmente Partholon e Shannon, o que fez o processo editorial correr às mil maravilhas.

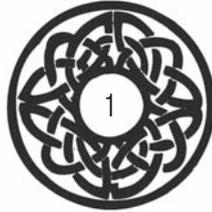


Este livro é dedicado ao meu pai, Dick Cast, O Velho Treinador.  
Eternamente o meu Super-Rato.



PRIMEIRA PARTE





Finalmente, a caminho. O meu *Mustang* era uma beleza a zarpar pela autoestrada quase vazia. Parece que os carros correm melhor depois de serem lavados, porque será? Debrucei-me, pus um CD no leitor, avancei para a faixa número seis e desatei a cantar a plenos pulmões muito desafinados, com Éponine, acerca da futilidade do amor. Quando começaram os acordes da canção seguinte, contornei um *Chevy* vagaroso e bradei:

— Credo, adoro ser professora!

Era o primeiro dia de junho, e o verão estendia-se diante de mim, imaculado e virginal.

— Tantos dias para me deixar dormir de manhã!

Só de o dizer em voz alta me sentia feliz. Nestes dez anos de ensino, já reparei que os professores têm tendência para falarem sozinhos. Calculo que seja porque a nossa profissão é falar, e sentimo-nos seguros a dizer em voz alta o que nos vai na cabeça. Ou pode ser que a maioria de nós, especialmente a variante professora do ensino secundário, é esquisita como o caraças.

Só quem for ligeiramente louco é que escolhe uma carreira a ensinar adolescentes. Até estou a ver a minha melhor amiga, Suzanna, a encolher-se toda e a estremecer involuntariamente quando eu lhe conto as mais recentes tribulações passadas numa sala de aulas do secundário.

— Credo, Sha, eles têm... As hormonas todas aos saltos. Que nojo!

A Suzanna é professora universitária tipicamente snobe, mas eu adoro-a mesmo assim. Simplesmente não sabe apreciar as muitas e variadas

oportunidades de interlúdios humorísticos que os adolescentes proporcionam diariamente.

O tenor dinâmico que fazia de Jean Valjean interrompeu-me o devaneio, e trouxe-me de volta à autoestrada Oklahoma I-44 Leste e ao dia 1 de junho.

— Pois, é mesmo isto: a vida de uma professora do ensino secundário com sentido de humor. Condenada a não ter dinheiro mas muito material para comédia. Ai, chiça, é aqui a saída!

Felizmente, o *Mustang* sabia guinar depressa à direita para entrar na US-412. O sinal dizia Locust Grove 35 km. Continuei a conduzir, metade com um joelho e metade com uma mão, enquanto tentava desdobrar o folheto do leilão onde tinha as indicações escritas. Algures a meio caminho entre Locust Grove<sup>1</sup> (que nome horrível para uma terrinha) e Siloam Springs, devia haver um sinal grande a apontar para uma estrada secundária, até outro sinal, outra estrada secundária, e assim por diante, até chegar ao Leilão de Propriedade Única — Artigos Invulgares — Todas as Ofertas Aceites — Todos os Artigos para Venda.

— Bem, eu gosto mesmo de coisas antigas e esquisitas. E gosto mesmo de coisas antigas, esquisitas e baratas.

Os alunos dizem que a minha sala de aula é como um bizarro túnel do tempo. As paredes e os armários estão atulhados de tudo e mais alguma coisa, desde gravuras de Waterhouse a cartazes do Super-Rato e peças de aeromodelismo da nave Enterprise do *Caminho das Estrelas*. Mais um ror de espanta-espíritos (fazem bom chi).

E isto é só na sala de aula. Deviam ver o meu apartamento. Mas calculo que não ficariam nada admirados. Só que, em casa, sou tarada pela arrumação. A sala de aula está em perpétuo estado de desordem. Parece que não sei encontrar nada se não estiver tudo à mão de semear. Seja lá o que isto quiser dizer, chiça.

— Tenho de parar de dizer asneiras! — Dizer em voz alta serviria, esperava, para reforçar a ideia. Uma espécie de reviravolta na teoria do cão de Pavlov. Continuo a dizer, há de acontecer.

— Hoje não estou para te aturar, Javert. — Clique! Adeus, Les Misérables. Olá, estação de jazz de Tulsa. É fixe conseguir apanhar mesmo onde Judas perdeu as botas.

O sinal dizia “Está a sair de Locust Grove”. Abrandei, pisquei os olhos e a terrinha desapareceu. Bom, talvez fosse nominalmente maior do que um piscar de olhos. E continuei a baixa velocidade. Era altura de parar e cheirar o verde do Estado Verde. O Oklahoma ao princípio do verão é real-

---

<sup>1</sup> Mata dos Gafanhotos, em inglês. (N. da T.)

mente uma montra espantosa de cores e texturas. Eu andei na Universidade de Ilinóis, e sempre me aborreceu que se falasse do Oklahoma como se não passasse de uma cova cheia de terra vermelha. Ou uma cena a preto e branco da desgraça em *As Vinhas da Ira*. Quando tentava explicar à malta da faculdade que o Oklahoma era conhecido como “Estado Verde”, faziam pouco de mim como se achassem que eu tinha comido algodão a mais ou andado aos socos a vacas.

Passei pela localidadezinha de Leach<sup>2</sup> (outro nome infeliz) e fiz uma subida na estrada. O Oklahoma estendia-se diante de mim, subitamente indomável na sua beleza. Agrada-me imaginar um tempo em que estas estradas não passavam de carreiros e a civilização não era assim tão segura de si. Devia ser empolgante a vida nesse tempo – não empolgante como ser chamada ao diretor devido a um pai queixinhas em como eu dissera que Guinevere era uma galdéria — mas empolgante do tipo “não vamos tomar banho nem lavar os dentes, e vamos caçar a nossa comida e carregar a nossa água”. Credo. Pensando melhor... É delicioso sonhar com o tempo dos cowboys ou dos dragões ou dos cavaleiros, e eu admito ter uma obsessão com os poetas românticos e literatura clássica, bem, do antigamente (termo técnico de professora). Porém, a realidade lembra-me que tinham de se safar sem penicilina e sem pasta dentífrica. Como diriam os meus miúdos, “Não pode ser normal!”

— Lá está! Saída número um, saída de acesso, e não saída com o tipo que nos chega à porta com calças de lã azul-marinho e princípios de calvície.

LEILÃO DE PROPRIEDADE ÚNICA MAIS À FRENTE e uma seta, a apontar para baixo, para uma estrada lateral à minha esquerda.

Era um caminho muito menos percorrido (trocadilho bem apanhado). Uma espécie de azinhaga tristonha com buracos e valetas fundas de cascalho. Mas fazia curvas e contracurvas bonitas, e ocorreu-me trautear “a casa da avó, eu vou, eu vou”. Tentei, em vão, recordar-me do resto da cantiga nos quilómetros seguintes.

LEILÃO DE PROPRIEDADE ÚNICA MAIS À FRENTE e outra seta. Outra estradinha secundaríssima. Mais cascalho, menos largueza do que a outra. Bem, talvez o carácter fora de mão servisse para dissuadir os comerciantes de antiguidades, por mim considerados o flagelo de qualquer adepta de leilões com pouco dinheiro. A estação de rádio de jazz esmoreceu, o que não fez mal nenhum porque a cantiga da Casa da Avó também esmorecera no

---

<sup>2</sup> Graficamente semelhante e foneticamente idêntico a *leech* (sanguessuga) ou *leash* (trela). (N. da T.)

meu rádio interno — e dera lugar à banda sonora de *The Beverly Hillbillies*<sup>3</sup> (e eu sabia a letra toda, coisa que me deixou algo transtornada).

Por falar em pacóvios, não vi assim muitas casas. Hum... Se calhar a propriedade não passava de um casal mesmo no meio de um rancho já desativado cujos donos tinham sido uns ricaços ao estilo Bonanza. Agora já tinham morrido todos e a terra seria subdividida em lotes de habitação onde a malta da classe média alta pudesse descansar do emprego longe em... Onde tiver de ser. Eu chamo a isso segurança laboral. A malta da classe média-alta tem sempre os 2,5 filhos da praxe, mais 1,5 filhos (de um casamento anterior). Os miúdos têm de passar a Inglês para terminarem o ensino secundário. Deus abençoe a América.

Depois de um gancho e uma ladeira na “estrada”, avistei o que pensara ser uma quinta velha.

— C’um pirete! É a Casa de Usher<sup>4</sup>! — (o verão não era nada boa altura para deixar de dizer palavrões). Abrandei. Pois — mais um sinal: LEILÃO DE PROPRIEDADE ÚNICA, pespegado ao lado do carreiro de saibro que levava à propriedade. Alguns carros, mas mais carrinhas *pickups* (estamos mesmo no Oklahoma) estacionados no que outrora seria uma entrada muito bem cuidada... Sei lá... Como é que se chama uma coisa daquelas... Estendia-se a perder de vista... Terreno, parecia-me muito simples... Recinto. Soava melhor. Muita relva. O acesso orlado por árvores grandes, como em *E Tudo o Vento Levou*, menos o musgo pendente.

Apercebi-me de que estava feita basbaque quando um velho de calças pretas e camisola branca de gola alta me fez sinal com uma daquelas lanternas cor de laranja, e um ar mal-encarado que dizia “não seja basbaque e conduza”. Parei ao lado dele e fez-me sinal que baixasse o vidro da janela.

— Boa-tarde, menina. — Ele curvou-se pela cintura e espreitou pela janela. Uma rajada de ar fétido trouxe as palavras dele para o interior climatizado e acabou-me com a alegria inicial de me tratarem por “menina”, muito melhor do que me chamarem “senhora”. Era mais alto do que eu pensara e tinha uma cara muito enrugada, como se tivesse trabalhado ao ar livre toda a vida, mas não deixava de ter uma cor macilenta e enfermiça.

Santíssimo sacramento! Era o paizinho de *As Crianças do Milharal*.

— Boa-tarde. Hoje está mesmo calor. — Tentei ser simpática.

— Sim, menina. — *Argh*, que cheiro. — Queira avançar para o Relvado. O leilão começa às duas horas em ponto.

<sup>3</sup> Comédia televisiva americana em que uma família da província se muda para Hollywood depois de encontrar petróleo nas suas terras. (N. da T.)

<sup>4</sup> Referência a uma das narrativas góticas de Edgar Allan Poe, *A Queda da Casa de Usher* (1839). (N. da T.)

— Hum, obrigada. — Tentei sorrir quando fechei o vidro e segui as indicações que ele me dava. Mas que cheiro era aquele? Parecia uma coisa morta. Bem, ele era mesmo pálido; talvez estivesse doente. Isso justificaria o cheiro e o facto de estar de manga comprida em junho, e eu era uma cabra odiosa a comparar o velho com o paizinho de *As Crianças do Milharal*. E a entrada chama-se Relvado. Estamos sempre a aprender!, disse de mim para comigo, e fiz uma careta. Os lugares-comuns são o flagelo das mentes esclarecidas.

Antes de desligar a ignição, demorei os vários minutos da praxe (uma vez um homem disse-me que sabia sempre quando uma mulher era atraente pelo tempo que ela demorava a sair do carro — eu tento demorar muuuuuito) a retocar o batom. Também aproveitei para mirar a casa. Esquece lá isso — a mansão.

Mantinhm-se as primeiras impressões. O sítio conjurava seriamente imagens de Poe e Hawthorne. Era gigantesco, ao estilo vitoriano e tentacular. As casas velhas e invulgares costumam agradar-me, mas aquela não. Baixei os óculos de sol na ponta do nariz para ver melhor. Parecia estranha. Demorei um pouco a perceber porquê, e depois caiu-me a ficha — parecia ter sido construída às prestações desirmanadas. O edifício original era mais ou menos um quadrado enorme, acrescido de dois alpendres, um deles retangular com degraus até à fachada, tudo grandioso e abrangente. A cerca de cinco metros do primeiro alpendre, ficava uma estrutura redonda em forma de coreto, simplesmente... bem... Pespegada na frente da mansão, junto com gradeamento e roseiral todo torcido. Uma torre grande anexada a um dos lados, como um abcesso canceroso, e uma ala com telhado em declive acentuado emergiam da outra ponta da estrutura. Estava tudo pintado de um tom cinzento horrível, com fendas e rachas, como a pele de um fumador velho.

— Tem de haver mesmo artigos únicos à venda — resmunguei. Preparei-me para desviar o olhar da mansão de Usher quando senti um arrepio na espinha. Uma nuvem gorda tapou o sol e a sensação de “caminhar sobre a minha campa” atingiu-me como um pesadelo. *Faz-se tarde? Parece-me que a luz esmorece.* A minha mente de professora escolheu esta citação de Medeia. Tragédia grega, cheia de vingança, traição e morte. Parecia apropriado, mas de uma maneira assaz imprópria.



— Credo, orienta-te, Parker! — Ridículo, tinha de sacudir aquela sensação de pavor e assumir o papel de compradora de tralhas. O calor do Oklahoma estava à espera de me abraçar com braços húmidos quando saí do carro e premi o botão do comando eletrónico. Montada na lateral da casa estava uma mesa grande e uma fila de participantes. Calculei que fosse a mesa de inscrição e para lá me dirigi, sempre de olho nas pilhas de tralha que começavam a estender-se do espaço lateral até às traseiras do recinto. Já tinha as mãozinhas cheias de formigueiro com a perspetiva de mexer naquelas caixas todas, mas primeiro a inscrição.

— Ufa! Devia ter apanhado esta trunfa num rabo de cavalo! — Comecei a meter conversa com a matrona que ia à minha frente.

— Pois. — Ela abanou-se com um folheto do LEILÃO DE PROPRIEDADE ÚNICA e os olhos passaram do meu cabelo que já encrespava e suave, para a blusa justa de seda branca que terminava logo acima da cintura da saia muito estilosa (e curta) de aqui da Gap, até chegar às pernas compridas (e muito nuas).

— Ugf. — Ela fez um barulho como se fosse uma galinha a pôr o ovo, e calculei ser o fim da minha tentativa de conversa fiada.

— O sítio só pode ter coisas interessantes para vender. — Tentei valentemente meter conversa pela segunda vez, agora com um careca atrás de mim.

— Não podia estar mais de acordo. — O careca agitou-se, a limpar o suor dos olhos. — Constou-me que vão leiloar várias peças de vidro do

tempo da Depressão, e tive mesmo de fazer esta deslocação. Acho fascinante a vidraria americana, não acha? — Os olhinhos dele já tinham encontrado o meu decote, e era óbvio que não era só a vidraria que ele achava fascinante.

— Hum, hum, o vidro é giro. — Avancei. Era a vez de a matrona receber a ficha dela, mas estava tão entretida a ver o careca a ver-me a mim que quase nem dava as informações ao rececionista.

— Na verdade — ele entrou demasiado no Espaço Só Meu — encontro-me a organizar um livro de luxo maravilhosamente informativo sobre as origens da arte da Depressão e como distinguir entre peças autênticas e imitações.

— Ah, que bom. — Ainda estava no Espaço Só Meu, e tentei avançar mais, para cima da matrona, a qual ainda estava na fila a prender o número de participante no peito da sua Depressão.

— Não me importaria nada de lhe oferecer os meus préstimos se encontrar peças em que lhe interesse licitar. Não gostaria nada que uma jovem tão simpática fosse enganada... — A voz falhou-lhe e ele limpou o suor do lábio superior com um lenço dobrado e muito nervoso miudinho. Reparei nas manchas amareladas por baixo dos braços. A camisa de sarja devia ser quente de mais para tal deslocação.

— Não me esqueço de contar consigo se precisar. — Era a minha vez, graças a Deus.

— Nome, se faz favor. — Até senti o careca a esticar as orelhas para apanhar a resposta.

— Shannon Parker.

— Sr.<sup>a</sup> Parker, o seu número é o 074. Queira preencher a morada junto ao espaço 074. Tenha sempre o número consigo, o leiloeiro fará menção dele se a senhora adquirir um artigo. Quando terminar as compras, basta entregar o número à caixa e ela apresenta-lhe a conta.

Indicações típicas de um leilão — agarrei no meu número e fugi antes que o Careca se transformasse num macaco de nariz. Nunca hei de compreender porque é que os homens baixos se sentem atraídos por mim. Não sou nenhuma amazona, mas sem saltos meço 1,73, e como adoro saltos, raramente ando de sapatos baixos. Tirando a altura, não sou mesmo nada maneirinha. Não me interpretem mal. Não sou forte. Faço exercício que nem uma tarada, mas parece que nunca me safo dos quilos a mais, entre dois e meio e cinco. Não sou nada do tipo esbelto e anorético que está tão “in” hoje em dia — sou do tipo voluptuoso, peito grande, anca larga, perna grossa. E sinto-me ridícula ao pé de homens baixos; imagino sempre que o mais certo era bater-lhes, o que me faz perder completamente o interesse no que poderia acontecer. Deem-me um homem do tamanho do John

Wayne e eu derreto-me como sorvete em boca quente. Infelizmente, a minha vida amorosa está mortinha como o Duke.

O grosso do leilão tinha lugar nas traseiras da casa, onde seriam outrora os jardins gloriosamente cuidados. Mesmo no meio estava uma fonte em ruínas com ninfa desnudada e tudo. Os lotes para leilão estavam dispostos em semicírculo à volta da fonte — o lado aberto do círculo apontado a várias alfaias agrícolas. Os Manéis e os Jaquins apinhavam-se em grupos, obviamente encantados com aquilo. A brisa trazia-me os ditos típicos do Oklahoma, “minha gente”, “catano”. Um deles tinha uma palha metida no intervalo dos dentes da frente. A sério, não estou a reinar.

Os outros artigos estavam agrupados em lotes e, depois de os inspecionar melhor, era óbvia a meticulosidade com que tinham feito a disposição. Em conjuntos bem arranjados estavam, de um lado, peças de mobiliário (quartos, cantos de refeições, cadeiras ornamentadas, etc.), e, do outro, mesas cheias de candeeiros, material de iluminação, apliques e cristais (reparei que o Careca ia direitinho a essa mesa em particular). Bugigangas em caixas marcadas com números de lotes e espacejadas o suficiente para as pessoas mexerem sem se acotovelarem, obras de arte dispostas com gosto em mesas improvisadas e cavaletes.

Foi para a arte que eu me encaminhei. Não pude evitar um olhar cobiçoso para a mobília, mas bastou essa olhadela para saber que o ordenado de professora não me permitiria compras nessa área.

O gosto do dono que ia deixar de o ser era coerente, de facto. Todos os quadros dispostos em cavaletes tinham o mesmo tema: mitologia. Fui de aguarela para acrílico e para óleo. Tudo, do nascimento de Vénus a uma grande litografia da despedida de Wotan e Brunilde.

— Minha nossa senhora, é de gritos! — Tive de dar um toque à Rainha das Vendas de Garagem que estava a meu lado, e apontei para uma gravura maravilhosa e cheia de cor que mostrava um dragão que cuspia fogo a uma guerreira loura montada num cavalo branco empinado. Ela desviava o fogo com um escudo e brandia uma espada. Não consegui discernir o nome do artista, mas o título pintado ao fundo da gravura dizia: Apagar fogos na floresta.

— Tenho de ficar com esta — disse eu, a rir-me.

— Bem, é um pedacinho estranho. — O sotaque anasalado da Rainha das Vendas de Garagem interrompeu-me o sorriso.

— Pois, mas apraz-me pensar que não é normal, em vez de simplesmente estranho. — Ela lançou-me um olhar sonolento e óbvio e dirigiu-se à secção de artigos domésticos. Suspirei e abri o bloco de notas para tirar apontamentos: “Lote nº 12, gravura do dragão”. Olhei melhor para a mol-

dura e ocorreu-me que poderia não ter dinheiro para aquilo, mas talvez toda a gente pensasse que era “um pedacinho estranho” e eu fosse a única a licitar.

Havia muitos mais quadros interessantes, mas eu já decidira concentrar a minha energia financeira numa única gravura e talvez uma jarra ou escultura pequena, ou outra bugiganga “estranha”. Atrás dos quadros estavam lotes com coisas artísticas. Mesas com peças individuais, caixas com sortidos. Parecia haver um tema, mais uma vez. As esculturas eram reproduções em miniatura de coisas que pareciam muito gregas ou romanas e, bem, muito nuas.

Aquilo ia ser divertido.

Três estatuetas de figuras masculinas encontravam-se em cima da mesa. Cada qual com cerca de sessenta centímetros de altura. Parei e dei a cada uma a atenção respeitosa e devida, mas a tentar não parecer muito interessada enquanto lia as etiquetas com números de lotes e títulos: Lote nº 17, estatueta de Zeus, Relâmpago em Riste (muito nu, aliás, todo nu, e parecia muito, hum, em riste).

— Desculpa lá, fofo. Não te posso levar comigo, és muito picante. — Mexi-lhe no relâmpago.

Lote nº 18, estatueta de líder helenista, possivelmente Demétrio I da Síria. Demétrio era um homem grande, musculado, nu. Muito grande.

— Oh, amor, quem me dera que fosses Galateia e eu o escultor apaixonado. — Fiz-lhe uma festa nas bochechas e ri-me, mas olhei logo em volta para ver se não estava a dar nas vistas.

Lote nº 19, estatueta de guerreiro etrusco. Muito magro para o meu gosto — só havia duas coisas a sobressaírem na estatueta: a arma e, hum, a arma.

— Adeusinho, rapazes. Tenho de os deixar, estou... tesa... — Ri-me da minha graça e passei à mesa seguinte, cheia com cerca de meia dúzia de jarrões. Fui olhando para aquela elegância...

E o mundo parou. De súbito, e completamente, o dia parou. A brisa morreu. O som emudeceu. Não senti o calor. Deixei de respirar. A minha vista afunilou-se e só pude focar o jarrão.

— Ai, desculpe, não queria dar-lhe um encontrão. — O ar entrou-me nos pulmões e o mundo recomeçou a girar quando um homem simpático me agarrou no cotovelo para me amparar.

— Não faz mal. — Sorvi ar e tentei sorrir.

— Não devo ter visto onde punha os pés. Quase lhe passava por cima.

— Agora estou bem. Não houve estragos.

Ele olhou-me como se não tivesse a certeza, mas assentiu e seguiu caminho.

Passei uma mão trémula pelo cabelo. O que se estava a passar? O que acontecera? Eu estava a ver os jarrões e...

Voltei a dar atenção à mesa de cerâmicas, e os olhos foram-me imediatamente atraídos pelo último jarrão. Os pés já se encaminhavam para lá ainda antes de eu os mandar. A mão ainda trémula foi tocar na etiqueta que identificava a peça: Lote nº 25, reprodução, jarrão celta — o original decorou campas num cemitério na Escócia — a cena a cores representa súplicas à Sumo-Sacerdotisa de Eponina, a Deusa Celta dos Cavalos.

Senti a vista desfocada e os olhos muito quentes quando olhei outra vez para o jarrão. Pestanejei para limpar a turvação e examinei-o, tentando não ligar à estranheza que sentia.

O jarrão tinha cerca de meio metro de altura e parecia a base de um candeeiro. Uma pega curva desenhava um lado. O topo era aberto com uma circunferência de beira graciosamente canelada. Mas não era a forma nem o tamanho que me atraíam; era a cena pintada no barro, que dava a volta toda. A cor preta abrangia todo o fundo, o que destacava as outras cores douradas e beges. Uma mulher estava recostada numa espécie de coxim. De costas para o espetador, só se lhe via a curva da cintura, um braço estendido com que fazia regamente sinal aos suplicantes ajoelhados diante dela e uma cascata de cabelo pelas costas.

— Parece o meu cabelo. — Só me apercebi de que falara alto quando ouvi as palavras. O cabelo dela era como o meu, mais comprido. O mesmo ruivo-dourado, os mesmos caracóis soltos que nunca paravam no mesmo sítio. O meu dedo avançou de moto próprio e dei comigo a tocar no jarrão, hipnotizada.

— Oh! — Estava quente! Recolhi o dedo de onde não era chamado.

— Não sabia que a cerâmica lhe interessava. — Era o Careca a mirar-me de olhos semicerrados. — Na verdade, sou bastante versado em várias categorias de cerâmica clássica americana. — Depois lambeu os beiços.

— Bem, a cerâmica clássica americana não me interessa realmente. — O reaparecimento do Careca no Espaço Só Meu fora um balde de água fria nas sensações bizarras que eu estava a ter. — É muito sudoeste para mim, sou mais do tipo greco-romano.

— Ah, compreendo. É uma peça fascinante, a que estava a admirar. — Ele estendeu as manípulas suadas e, num gesto sacudido como o de uma barata, levantou o jarrão e virou-o ao contrário para ver o fundo. Fiquei à coca por sinais de bizzarria, mas ele continuou normal. Marrão, mas normal.

— Hum, o senhor não nota nada de, hum, *esquisito*, nesse jarrão, pois não?

— Não. É uma reprodução bastante boa, mas não noto nada de esquisito em Eponina nem na urna. A que se refere? — Ele pousou o jarrão e limpou o lábio superior com um lençinho.

— Bem, pareceu-me um pouco, nem sei bem dizer o quê, quente, quando lhe toquei. — Olhei-o nos olhos, a pensar se seria evidente o meu ataque de nervos iminente.

— Posso sugerir — ele debruçou-se ainda mais no Espaço Só Meu, quase enfiando o nariz no meu decote — que o calor pode ter sido gerado pela sua generosa temperatura corporal?

Ele quase salivava. Credo.

— Sabe, se calhar tem razão — ronronei. Ele parou de respirar e tornou a lambe os beiços. Sussurrei: — Acho que ando a chocar alguma. Não me consigo safar desta cândida vaginal. Fica tudo pegajoso com esta caloraça. — Sorri e encolhi-me um bocadinho.

— Nossa senhora. Minha nossa senhora. — O Careca saiu logo do Espaço Só Meu. Eu sorri e fui atrás. Ele continuou a recuar. — Parece-me melhor voltar aos meus lotes de vidros da Depressão, quero mesmo lá estar quando abrirem a licitação. Boa sorte para si. — Ele virou-se e esgueirou-se dali.

Os homens são uma seca, mas é muito fácil livrarmo-nos deles, basta falar nas pavorosas Doenças das Senhoras e é vê-los abalar a toda a brida. Apraz-me pensar que é um dos jeitinhos que Deus nos faz para nos vingarmos. Quer dizer, nós temos de dar à luz.

— Mas o que é que se passa com o sacana do jarrão? — Era demasiado *Dark Shadows* para eu saber explicar. Vista desfocada — falta de ar — cerâmica quente — mesmo cabelo. Com franqueza, o mais certo era ser um afrontamento prematuro (vinte anos prematuro — pronto, quinze anos antecipado, no mínimo). Por conseguinte, decidi confrontar simplesmente a fonte. O Temido Jarrão Mistério.

Estava todo inocente onde o Careca o deixara, uns pontos vagamente luzidios onde ele pousara os dedinhos besuntões na superfície brilhante. Respirei. Respirei fundo. Era mesmo uma coisa de aspeto intrigante. Semicerrei os olhos e debrucei-me para ver melhor, mas com o cuidado de não lhe tocar. A Sacerdotisa tinha mesmo o cabelo como o meu, mas mais comprido. O braço direito estava coberto com um tecido branco leitoso e translúcido, havia beleza e graciosidade no gesto, a palma da mão virada para cima e para a frente, ligeiramente inclinada. Parecia solícita na aceitação das oferendas pelos suplicantes ajoelhados. No braço, tinha uma placa de ouro a toda a volta e braceletes no pulso. Não tinha anéis, mas parecia haver um desenho nas costas da mão...

— Oh, Deus! — Levei a mão à boca para calar o guincho que ameaça-

va sair. Senti que me caía o coração aos pés e tornei a ficar sem ar. Não era uma qualquer tatuagem nem joia a decorar-lhe as costas da mão, era uma cicatriz. Cicatriz de queimadura de terceiro grau. Eu sabia porque a minha mão direita tinha essa mesma “decoreção”.



— **S**enhoras e senhores, vamos dar início ao leilão. Queiram dirigir-se ao Lote nº 1, diretamente a leste da fonte. Vamos abrir esta tarde com mobiliário e recheio para quartos de dormir...

Ainda ouvi a voz monótona do leiloeiro em segundo plano, enquanto se licitava o Lote nº 1 — reprodução vitoriana, conjunto de seis móveis de quarto em madeira de carvalho, mas o jarrão não me deixava desviar a atenção. Junto com outros tresmalhados, deixei-me ficar perto do artigo preferido, à espera que o leilão fosse ter comigo. Com a mão ainda trémula, procurei nas profundezas negras da mala um lenço de papel usado e todo embrulhado. Devagar, estendi a mão para o jarrão e limpei as dedadas que o Careca Marrão deixara. Talvez fosse apenas uma ilusão do suor e da luz. Pisquei os olhos com força e tornei a mirar a mão da sacerdotisa. E depois a minha.

A cicatriz da queimadura que eu tão bem conhecia estava lá — estava lá desde os meus quatro anos precoces, em que eu achara poder ajudar a avó a ferver água para a massa mais depressa, se abanasse a pega da panela. Claro que a água a ferver se derramara na minha mãozinha e deixara uma cicatriz esquisita que se parecia muito com uma estrela. Trinta e um anos depois, a pele eriçada ainda provocava comentários de amigos e de estranhos. A figura do jarrão tinha uma cicatriz idêntica?

Impossível. Especialmente na reprodução de uma antiga urna celta.

Porém, ali estava, em toda a sua glória “cabelo parecido com o meu, mão com a mesma cicatriz, ai que me vai dar uma coisinha má”.

— Preciso de um copo. — Mas que grande eufemismo. Olhei para o leiloeiro e vi que ainda só iam no Lote nº 7 (reprodução de roupeiro Luís XIV — licitação aguerrida e acelerada). Eu tinha tempo de dar com a banca dos refrescos e de me dominar antes de chegarem perto das cenas artísticas. Escusado será dizer que não ia licitar no Lote nº 25; a gravura fixe com o dragão teria de ir para casa com outra. Tinha de concentrar dinheiro e energia no jarrão.

Coisa mais curiosa, reparei que, assim que me afastei da mesa das cerâmicas, me comecei a sentir normal outra vez. Nada de afrontamentos, nada de falta de ar, nada de momentos “ai que o tempo parou”, de todo. A banca das bebidas improvisada ficava perto das alfaias agrícolas. Tinham refrescos, café e cachorros-quentes com ar maléfico à venda. Pedi “qualquer coisa *light*” e demorei-me a bebericar e a voltar calmamente para a secção das cerâmicas.

Sempre tive imaginação fértil. Adoro fantasia e faz de conta. Caraças, sou professora de Inglês — até leio e tudo. Por prazer, por mais chocante que isso pareça ser para muito boa gente. Porém, sempre soube a diferença entre fantasia e realidade — até me encanta essa diferença.

Portanto, que raio se estava a passar comigo? O que eram aquelas sensações estranhas? E porque é que a figura feminina do jarrão se parecia comigo? Dei um beliscão a mim própria, e fiz doer. Não estava a ter nenhum sonho daqueles esquisitos que parecem a sério e que são meu hábito.

Regressei à secção das cerâmicas e senti logo um aperto no estômago. Era uma bizarrria pegada. Devia comprar o caraças da gravura do dragão, meter-me no carro, voltar para casa e beber uma garrafa inteira de *Merlot* para fins medicinais. Tudo isto me passou pela cabeça enquanto as pernas me levavam direitinha ao jarrão.

— O raio da coisa continua a parecer-se comigo.

— É deveras estranho, não é, menina? — O tipo esquelético da entrada estava atrás da mesa das cerâmicas. Esticou o braço e deixou a mão deslizar lentamente sobre o jarrão, parou um momento no cabelo da sacerdotisa e percorreu com o dedo a linha do braço dela.

— Também reparou. — Semicerrei os olhos e ele tirou a mão ossuda de cima do jarrão.

— Sim, menina. Reparei no seu cabelo quando a menina chegou de carro. É uma bela cor para os dias de hoje; são tantas as jovens que parecem querer estragar o cabelo a pintá-lo com cores pouco naturais: grená, amarelo, preto. E cortá-lo curto. Por isso, o seu sobressai. — O tom dele era inofensivo, mas os olhos tinham uma intensidade que me fez sentir pouco à vontade, de repente. Até do outro lado da mesa me chegou o hálito fétido dele.

— Pois foi uma surpresa para mim, um choque até, de facto. — Observei-o. Os olhos estavam sempre a dardejear de mim para o jarrão com uma intensidade quase sexual. E continuava a tocar-lhe. Bastante.

— Talvez sejam as Parcas a dizerem-lhe para o comprar. — Voltou a brindar-me com aquele olhar pouco natural. — Esta urna não deve ir para casa com mais ninguém.

Tive de me rir.

— Espero que as Parcas saibam como manter a licitação no âmbito do ordenado de uma professora.

— Sabem deveras. — Com este comentário enigmático, ele afagou o jarrão uma última vez e foi-se embora.

Caraças, mas que tipo estranho. Era mais do tipo Lurch<sup>5</sup> falador do que o paizinho de *As Crianças do Milharal*.

O leilão avançava bem e começaram a licitar estatuetas. Parecia haver muita gente interessada nos “rapazes”. Não podia censurar ninguém. Avancei para o grupo que estava perto da plataforma móvel do leiloeiro quando a puseram em posição atrás da mesa. Os lances começaram nos cinquenta dólares para Zeus, mas cinco pessoas rapidamente levaram esses cinquenta a cento e cinquenta. Finalmente foi vendida a uma mulher de aspeto sólido por cento e setenta e cinco dólares. Nada mau. O Sírio granjeou mais interesse (devia ser pelos músculos). A licitação rapidamente passou dos cinquenta dólares de abertura para trezentos e cinquenta. Eu começava a ralar-me com o âmbito dos preços.

O Sírio vendeu-se por quatrocentos e cinquenta dólares. Mau sinal. O meu orçamento era de duzentos dólares. Podia arranjar mais cinquenta, mas mais do que isso já ultrapassava os meus parcos meios.

Até o guerreiro magricela se vendeu por quatrocentos dólares.

Tornei a sentir o estômago apertado quando acompanhei a multidão até à mesa das cerâmicas e ouvi o leiloeiro falar da excelência das reproduções greco-romanas e celtas, dignas de um acervo museológico, ilustradas pelos seis lotes seguintes. Mas nunca mais se calava? Avancei no meio da multidão, não ligando à sensação desconcertante que a proximidade do jarrão me dava. A licitação do Lote nº 20 abriu em setenta e cinco dólares.

Só havia três pessoas a licitarem seriamente nas cerâmicas. Reparei que todas três tinham ar de *marchands*. Os blocos de notas pequeninos em punho, os oculinhos na ponta do nariz, o ar de intensidade profissional que quem ia casualmente a um leilão nunca tinha. Era um ar completamente diferente de quem se apaixona por uma peça da propriedade e quer levá-la consigo. O *marchand* tem uma maneira clínica quanto às suas aquisições,

---

<sup>5</sup> O mordomo de *A Família Addams*. (N. da T.)

como quem pensa: *Ai, estou desertinho por levar isto para a loja e cobrar 150 por cento a mais.* Eu estava tramada.

O Lote nº 20 foi para uma *marchand* com cabelo louro encrespado (as raízes muito precisadas de retoques) por trezentos dólares.

O Lote nº 21 foi para um *marchand* que parecia inglês. Sabem como é, atilado, empertigado, esperto, bem-falante mas muito precisado de um banho e cuidados ortodônticos. Pagou quinhentos dólares (e tinha mesmo sotaque) pelo belíssimo jarrão romano, entre os séculos dois e quatro, que o leiloeiro descreveu como sendo ao estilo Moselkeramik, ou seja (explicou ele aos leigos ignorantes), da maior qualidade e excelência. O inglês parecia todo presumido com a compra.

Os Lotes nº 22, 23 e 24 foram para a terceira *marchand*. Acreditem se quiserem, era a matrona da Depressão que eu ofendera com as minhas pernas antes. Lindo. A Sr.<sup>a</sup> Matrona pagou trezentos, quatrocentos e vinte e cinco e duzentos e setenta e cinco dólares, respetivamente, pelos jarrões.

— Chegámos à última bonita peça de cerâmica, o Lote nº 25, reprodução, jarrão celta — o original decorou campas num cemitério na Escócia — a cena a cores representa súplicas à Sumo-Sacerdotisa de Eponina, a Deusa Celta dos Cavalos. É interessante assinalar que Eponina foi a única divindade celta aceite pelos romanos invasores, e ficou deusa pessoal deles, protetora das lendárias legiões. — A voz dele soava empertigada e orgulhosa, como se tivesse sido ele a fazer o jarrão e fosse amigo pessoal de Eponina. Odiei-o.

— Reparem no uso excepcional da cor e do contraste na urna. Vamos abrir a licitação nos setenta e cinco dólares?

— Setenta e cinco. — Pus a mão no ar e chamei-lhe a atenção. É importante telegrafar ao leiloeiro (por contacto visual) sérias intenções de compra, e eu estava a enviar código Morse como se fosse morrer.

— Tenho setenta e cinco, alguém me dá uma centena?

— Cem. — A Matrona pôs no ar a mão papuda.

— Cento e dez. — Tentei não berrar.

— Cento e... dez. — Era impossível não notar o tom condescendente da voz de Sua Majestade. — Tenho um lance de cento e dez dólares. Cento e vinte e cinco?

— Cento e cinquenta dólares. — Era o Bife. Claro.

— Cento e cinquenta dólares do cavalheiro. — Agora fazia voz melíflua. Mas que doninha. — Cento e cinquenta, vamos aos duzentos?

— Duzentos — disse eu entre dentes.

— Ah, a senhora dá duzentos dólares. — Voltei às boas graças dele. — Alguém dá duzentos e vinte cinco?

Silêncio — eu nem respirava.

— O último lance é de duzentos dólares. — Pausa expectante. Só me apetecia esganá-lo. Diz “uma, duas, vendido”, gritava a minha cabeça. — Alguém dá duzentos e vinte e cinco dólares?

— Duzentos e cinquenta. — Outra vez a Matrona. Antes que eu pusesse a mão no ar e gastasse mais do que o orçamento, o Bife, num esvoaçar de dedos brancos e compridos, levou calmamente a licitação aos duzentos e setenta e cinco.

Além da reverberação nos meus ouvidos, apercebi-me da guerrinha entre a Matrona e o Bife. Culminou em trezentos e cinquenta dólares. Acima do meu orçamento — muito acima do meu orçamento. Recuei devagar, enquanto a multidão avançava para o conjunto seguinte, e dei comigo sentada na beira da fonte em ruínas. Vi os assistentes do leilão começarem a encaixotar as cerâmicas O Bife e a loura encrespada andavam por ali, já não licitavam mais — provavelmente tinham lojas especializadas em obras de arte. Conversavam e riam-se com a camaradagem típica de gente do mesmo ramo.

O jarrão não ia para casa comigo. Parecia-se comigo. Fazia-me sentir neurótica, mas ia para casa com o Bife. O suspiro saiu-me diretamente do coração confuso. Não sabia que raio se passava comigo, mas sentia-me, como diria o Bife, incomodada e absolutamente

No Oklahoma diríamos apenas que me sentia péssima.

Talvez devesse pedir um cartão ao Bife, e poupar dinheiro para... O quê? Ele me pôr a maldita coisa de reserva? Talvez eu pudesse dar aulas no verão e...

Reparei no Bife a levantar o meu jarrão — quer dizer, o jarrão dele. Examinava-o com um sorriso de posse enquanto esperava que o assistente enchesse a embalagem com papéis para que não se partisse nada. De súbito, o sorriso passou a uma expressão irada e transtornada. Hum — levantei-me e cheguei-me mais.

— Por Deus! Mas que desfaçatez é esta? — O Bife segurava o jarrão acima da cabeça, e olhava atentamente para o interior.

— Há problema, senhor? — O assistente estava tão confuso quanto eu.

— Há problema, deveras! O jarrão está rachado! Assim não me serve para nada. — O Bife pousou-o sem cuidado nenhum em cima da mesa, o jarrão rebolou e ficou precariamente quase a cair.

— Deixe-me ver, senhor. — O assistente agarrou no jarrão e observou-o a contraluz, como o Bife fizera. Depois empalideceu.

— Tem toda a razão, senhor. Queira aceitar as minhas sinceras desculpas por esta mercadoria defeituosa. A sua conta será corrigida de imediato. — Enquanto ele falava, outro criadito corria para a tenda das contas.

— Desculpe... — Tentei fazer um tom desprendido. — O que acontece ao jarrão agora?

Viraram-se todos os três para mim.

— Vai ser leiloado novamente, tal como está, naturalmente. — Ele passou o jarrão a outro assistente, o qual se apressou a voltar à zona de licitação. Fui atrás com as pernas bambas, sentindo-me como a proverbial traça atraída pela luz — ou, como acontece mais no Oklahoma, como o mosquito atraído pelo aparelho com amplo raio de ação.

— Minha nossa, parece que temos um erro precisado de correção. — A voz do leiloeiro soava aborrecida. — Antes de prosseguirmos com o Lote nº 31, temos de voltar a leiloar o Lote nº 25. A reprodução cerâmica evidentemente tinha uma fratura minúscula a toda a largura da base. Mas que pena.

Avancei pela multidão quando ele ergueu o jarrão, a parte aberta virada para o público, para que todos pudéssemos ver as profundezas imperfeitas. Semicerrei os olhos... E parecia que a superfície do jarrão ondulava, como a superfície de um lago negro. Senti-me tonta e pestanejei várias vezes, a tentar limpar a turvação.

O leiloeiro olhou para a abertura e abanou a cabeça, contorceu a cara numa careta de desdém perante mercadoria assim abominavelmente estragada. Depois encolheu os ombros e disse:

— Ouço um lance de abertura de vinte e cinco dólares?

Silêncio.

Eu mal podia crer — apetecia-me gritar, mas contive a exuberância enquanto os olhos dele varriam a multidão calada e ele se despachava a rever o lance por baixo.

— Quinze dólares? Alguém dá quinze dólares?

Silêncio. Dez minutos antes, a guerra de lances granjeara trezentos e cinquenta dólares. Agora já não era perfeito, e o tipo nem quinze mocas conseguia. As Parcas sussurraram-me ao ouvido.

— Três dólares e quinze cêntimos. — Não pude evitar. Era uma espécie de justiça marota.

— Vendido! Por três dólares e quinze cêntimos. Minha senhora, queira indicar os seus dados ao meu assistente. — Ele fez uma careta. — Pode recolher o seu jarrão de imediato.



— Tenho o número 074, vim fazer contas. — Parecia que a pessoa da caixa era paga à hora... Mexia-se com todo o vagar. Tentei não ficar agitada. *Quero o meu jarrão quero o meu jarrão quero o meu jarrão.* Estava a ficar doida varrida.

— O total é de 3,78 dólares... Com o imposto. — Ela até pestanejou devagar, fazendo-me lembrar uma vitela.

— Tome lá. Fique com o troco. — Dei-lhe uma nota de cinco dólares. Ela sorriu como se eu fosse o Pai Natal.

— Obrigada, minha senhora. Vou mandar buscar a sua mercadoria. — Virou-se para trás e chamou: — Zack, traz as coisas do número 74.

Zack saiu de detrás do edifício com uma caixa como aquelas onde eu vira embalarem outros artigos. A tampa vinha aberta e ele mostrou-ma para eu poder ver que era o meu jarrão. Nem era preciso, eu já estava outra vez com aquela sensação de enjojo na boca do estômago.

— Obrigada, agora já é comigo. — Antes que me acobardasse, agarrei na caixa, fechei bem a tampa e fui para o carro.

— Vou dar às de vila-diogo.

Assim a falar sozinha, conseguia não me enervar. Bem, quase.

Destranquei a porta do pendura e pus a caixa em cima do assento com cuidado. Pensando bem, decidi que era melhor pôr o cinto de segurança naquilo; não queria que caísse e me fizesse deitar-lhe a mão enquanto conduzia. Credo.

O ar condicionado começou a fazer magia assim que o motor arran-

cou. Tentei não olhar de lado para o meu passageiro, engatei a mudança no Mustang e arrepiei caminho.

— O que foi agora?

O paizinho de *As Crianças do Milharal*, mais conhecido por Lurch, estava de volta ao seu posto, a acenar-me com a coisa cor de laranja. Parei o carro e baixei o vidro — metade.

— Vejo que as Parcas foram fiéis. — Os olhos dele dardejavam da caixa fechada para mim. Credo, que hálito asqueroso.

— Pois, está rachado no fundo, consegui uma bela pechincha. — Larguei a manete e o carro começou a avançar. Mas ele não se tocava?

— Sim, menina, não faz ideia do negócio extraordinário que fez por tão pouco. — Os olhos dele eram como verrumas, depois contemplaram o céu. — O tempo vai mudar. Não se esqueça de conduzir... — Pausa. — Com *cuidado*. — Mas que raio queria aquilo dizer? — Não gostaria nada que a menina tivesse... — Pausa. — Um *acidente*.

— Não há de haver problema. Sou uma excelente condutora. — Subi o vidro e larguei a manete. Olhei pelo retrovisor e ainda vi o pai do milho a dar uns passos atrás de mim. — Tarado. — Arrepiei-me toda.

Soube-me bem entrar na estrada de gravilha, e puxei pelo motor, a gozar a moca juvenil de espalhar gravilha com os pneus. Tornei a olhar pelo retrovisor e vi que o pai do milho estava especado no meio da estrada a olhar obsessivamente na minha direção. Passou-me pela cabeça o aviso do Tarado quanto à mudança de tempo. Olhei para o céu.

— Lindo, não me faltava mais nada. — As nuvens cinzentas e gordas pairavam, dando ao horizonte azul ar de hematoma. Dirigia-me a sudoeste, de regresso a Tulsa e, aparentemente, rumo a um belo exemplo de trovoadas de verão no Oklahoma.

— Bem, amigos e adeptos de desporto, vamos ver o que as rádios campónias locais dizem da previsão do tempo.

Corri as frequências e só consegui sintonizar uma estação de música country, um programa de lavoura a falar no flagelo das carraças em junho (não estou a inventar) e um pregador evangelista que parecia bradar sobre adultério (não ouvi o suficiente para saber se ele era contra ou a favor). Meteorologia, nada — nem sequer jazz ou fugidio “soft rock”.

— E se nos armarmos em Meatloaf e zarparmos para casa como um morcego saído do inferno? — Eu estava a falar para a caixa. Lindo. Ali estava eu no meio de nenhures, a conduzir rumo a (outra olhadela para a frente e um bocadinho para a esquerda deu-me as más notícias) uma parede de nuvens, e falava para uma caixa onde estava um jarão que me fazia sentir como se tivesse tomado vários comprimidos de dieta e emborcado um balde de café do Starbucks. — Está decidido. Na primeira terra que me apare-

cer, paro na estação de serviço dos campónios. Vou comprar qualquer coisa com chocolate, e saber que raio se passa com o tempo. — Dei uma olhadela desconfiada à caixa. — É apanhar ar.

Por instantes, quase lamentei a minha fobia aos telemóveis. Não tenho nenhum. As minhas amigas têm todas — geralmente mais do que um, como se houvesse concurso para ver quantos conseguem manejar, qual é o mais pequeno, tipo ao contrário da questão da pila. A minha melhor amiga (a professora universitária empertigada) tem um telemóvel especial montado no carro para poder tagarelar sem tirar as mãos do volante. Também tem um modelo giro e enganosamente inofensivo guardadinho na carteira. Eu tolero o ridículo das colegas porque decidi que, quando estiverem todas a morrer de cancro no cérebro, hei de dizer-lhes “eu bem te avisei”. Passo a vida a explicar-lhes que não, não sou nenhuma mulher das cavernas desfasada do mundo moderno. Simplesmente não preciso de um telefone no carro, na mala, na secretária, no saco da ginástica, etc., etc. E hei de ir vê-las quando estiverem desgraçadamente a definhar com tumores do tamanho de bolas de basquete causados por constantes radiações de telemóvel a bombardear-lhes o crânio, enquanto elas conversam sobre o local do almoço e quem é que tem os enteados mais marados.

Por conseguinte, não hei de morrer de cancro no cérebro, mas a parede de nuvens de trovoada, possível tornado, estava a deixar-me com nervoso miudinho. Observei o céu enquanto zarpava pela estrada abaixo e apercebi-me de que a trovoada que se avizinhava estava mesmo a piorar. As trovoadas no Oklahoma têm personalidades, personalidades grandes e mazinhas. Fico sempre abismada com a rapidez com que um céu de verão pode mudar. Lembro-me de uma vez em que estava deitadinha ao sol à beira da piscina do jeitoso dessa altura. Como manda o figurino ideal da banhista, eu estava virada para o Sol e a deixar-me ir naquele relaxamento maravilhoso típico do solinho (é óbvio que o jeitoso não estava em casa, uma mulher não se pode deixar ir em relaxamento nenhum com um gajo a dizer “que belas mamas tens”) quando, de repente, o vento mudou e arrefeceu. Abri os olhos e virei-me para trás, e vi nuvens escuras e gordas a formarem-se. Agarrei nas minhas cenas, deixei um bilhetinho a agradecer ao jeitoso e pirei-me. Só morava a quinze minutos de lá, mas não consegui chegar a casa antes de o céu desabar. As nuvens escuras e gordas estavam pretas e verdes. O bizarro vento frio fustigava as árvores. As cortinas de chuva tornavam a condução impossível. Tive sorte de conseguir chegar ao hospital pequenino em Broken Arrow. Só tive tempo de entrar com o carro pelas urgências e de estacionar na cave antes de um tornado assolar o centro da cidade.

Pronto, era mais do que nervoso miudinho. E o sacana do jarrão também não ajudava nada.

O sinal verde e branco na estrada dizia Leach 16 km, e foi o último sinal que consegui ver bem porque, nesse momento, o céu abriu-se em cordas de água que começaram a fustigar-me o *Mustang*.

Ora, eu adoro o meu carro. De paixão. Mas o artista não é realmente carro para andar com chuvadas. Adora derrapar e fazer aquaplanagem pela estrada fora. Reduzi a mudança, aumentei a velocidade dos limpa-para-brisas, e tentei manter-me do meu lado do traço contínuo.

No rádio, só ruído estático. As árvores que eu conseguia lobrigar ao lado da estrada vergavam-se em ângulos esquisitos. Acendi os médios, a tentar ganhar visibilidade, em vão. Parecia que o vento me dava estaladas no carro; tinha de me agarrar com as duas mãos bem suadas ao volante.

Suadas?

— Mas que raio?

Fazia calor dentro do carro. Porquê? Entrava ar fresco pela ventilação, mas eu ainda me sentia cheia de calor.

Depois reparei. O calor vinha da maldita caixa. Os olhos dardejaram-me da estrada quase invisível para a caixa. Juro que estava incandescente, como se tivesse uma lâmpada por dentro e alguém a tivesse acendido.

Tirei os olhos da caixa e voltei à...

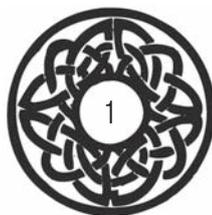
— Oh, Deus! — Já não havia estrada! Senti os pneus derraparem na gravilha e, depressa de mais, guinei o volante para a esquerda. Esta sobrecompensação resultou num pião e tentei desesperadamente corrigir para a direita. De nada serviu. O vento e a chuva desorientavam-me por completo. Foi um esforço imenso só para manter o volante direito; senti o coração na boca só com o pião a arrastar-me pela estrada fora, os pneus a guincharem. Depois o mundo virou-se de cabeça para baixo.

Ao mesmo tempo que sentia uma dor aguda e lancinante na têmpora, cheirou-me a fumo. Devia ter estado de olhos fechados, porque os abri de supetão e foi como se estivesse no meio do Sol. O jarrão irrompera da caixa. Era uma bola de luz e calor que vinha, em câmara lenta, na minha direção. O tempo parou e parecia que eu estava suspensa no limiar do inferno. Olhei para o globo luminoso e tive um vislumbre bizarro de mim mesma, como se olhasse para uma poça de água ondulada que tivesse pegado fogo mas onde ainda se pudesse ver o reflexo. A minha imagem no espelho corria para a frente, nua, com os braços abertos e cabeça atirada para trás como uma gloriosa bailarina pagã a ser devorada pela bola de fogo. Depois o fogo e o fumo também me envolveram, e soube que ia morrer. O último pensamento não foi uma retrospectiva da minha vida, nem lamento por amigos e família que deixava. Foi simplesmente:

— Caraças, devia ter deixado de dizer palavrões. E se Deus for mesmo batista?

SEGUNDA PARTE





A consciência não voltou com facilidade, foi algo elusivo. Parecia um sonho, o tipo de sonho que eu já tive com um período muito desagradável, câibras e tudo. No sonho, as câibras passam a dores de parto altas em glicemia e depois dou à luz um Twinkie, o que até me faz sentir melhorzinha. Pois é. Eu seria um banquete para Freud.

Doía-me a cabeça. E muito. Pior do que as enxaquecas da sinusite, ainda piores do que a ressaca do tipo “não acredito que bebi aquela tequila toda”. E o meu corpo parecia — não, é que eu nem sentia o corpo. Não conseguia abrir os olhos. Só posso estar morta. Não admira que me sintam...

O negrume fechou-se sobre mim suavemente, como um amigo.

Quando tornei a dar acordo de mim, ainda me doía a cabeça — e muito. E tive pena de perceber que já sentia o corpo. Doíam-me as articulações todas, como se fosse uma gripe infernal. Se calhar até estava no inferno (se comessem a berrar problemas de Matemática, seria o inferno de certezinha). Mas não conseguia ouvir nada a não ser um estranho tinido que parecia sair dos meus próprios ouvidos. Tentei abrir os olhos, mas não me obedeceram. Devia ser porque os cadáveres não têm as pálpebras funcionais. Se não fosse pelo facto de estar morta, acho que o coração me teria saltado do peito. Os cadáveres podem entrar em pânico?

Obviamente, sim... Dessa vez o negrume não foi amistoso, foi sedutor, e eu entrei numa espiral voluntária nos seus braços expectantes.

— Sossega, Senhora minha, tudo ficará bem.

A voz era doce e conhecida, mas tinha uma cadência engraçada que

me era estranha. Senti a cabeça pesada, quente e dorida. O corpo era como se me tivessem dado uma tarefa. Tinha algo na cabeça que me fez concentrar a atenção numa humidade súbita. Toquei numa compressa grossa, mas alguém me tirou a mão com gentileza.

— Está tudo bem, Senhora minha, estou aqui. — Mais uma vez aquela familiaridade elusiva.

— O que... — Credo, tinha a garganta dorida e ainda a arder. Arder! A memória voltou de supetão, trazendo medo e pânico. Dessa vez, quando mandei os olhos abrirem-se, eles obedeceram. Mais ou menos. Tentei concentrar-me no que via, mas as imagens e as luzes turvaram-se numa confusão. A mancha enorme que eu tinha a meu lado mexeu-se e os meus olhos começaram a concentrar-se...

Graças a Deus, era a Suzanna. Se ela cá estava, eu não poderia ter morrido, e talvez pudesse correr tudo bem. Tentei manter-me concentrada nela enquanto o quarto andava à roda e eu me esforçava por limpar a vista turva. Ela já me tinha pegado numa mão mas, estranho, tentou soltá-la quando me viu abrir os olhos. Agarrei-me o mais que pude. Parece que a vi empalidecer, mas também me pareceu ver quatro dela, depois duas dela, outra vez quatro, quando a vista me fraquejou.

— Senhora minha, tens de permanecer sossegada. Passaste muito esta noite, precisas de repouso de corpo e alma. Não te aflijas, estás a salvo e está tudo bem.

Tentei perguntar, *que raio se passa contigo*, mas o som que me gorgolejou na garganta era como o de uma serpente a sussurrar — ou um daqueles opossuns apanhados pelos faróis do carro (e não, não é que se finjam de mortos, bufam e guincham e pregam um susto do caraças a mulheres incautas que tenham parado o carro à beira da estrada, à procura de privacidade para fazerem chichi. Credo...). Seja como for, eu não percebia nada do que estava a dizer, e, portanto, Suzanna também não.

Ela tirou a mão da minha e alguém que não consegui focar passou-lhe uma taça. Uma taça? Uma taça dourada? Num hospital?

— Bebe, Senhora minha. Vai acalmar-te a garganta e ajudar-te a descansar. — A mão gentil segurou-me na cabeça e ela levou-me a taça aos lábios para eu tentar sorver o líquido doce e espesso.

Só de levantar a cabeça eu sentia ondas de dor renovada nas têmporas. Antes de o mundo ficar às escuras outra vez, tentei continuar concentrada na minha amiga. Estava a tirar-me um pano da cabeça e a pôr outra compressa fresca que uma enfermeira incrivelmente jovem lhe passara, enfermeira essa com uma farda esquisita e esvoaçante. Mais parecia que a “enfermeira” ia dar cabriolas nos prados, em vez de trabalhar nas urgências, nos cuidados intensivos, ou...

O negrume tingiu-se do sabor doce e xaroposo do remédio.

Na ocasião seguinte o negrume levantou de repente. Não foi um despertar tranquilo, ai não, ai que vou...

— Senhora minha, vou ajudar-te. — Suzanna apoiou-me as costas e tirou-me o cabelo da frente enquanto eu vomitava as tripas de um dos lados da cama (ela é mesmo a melhor Melhor Amiga, não devia ter-lhe chamado empertigada). Quando acabei de despejar as entranhas, ela levou-me de volta à almofada e limpou-me a cara.

Odeio vomitar. Sempre odiei. Faz-me tremer e sentir descontrolada. Ainda bem que não me acontece muito mas, quando acontece, sou do mais bebé que há. Certo e direitinho, não conseguia parar de tremer. Estava fraca e desorientada, mas achei que deveria ser por estar morta, e não só por ter vomitado.

— Á... á... água. — Consegui soltar um guincho compreensível; Suzanna de imediato fez sinal a uma enfermeira, e apareceu logo uma taça. Ela segurou-me e ajudou-me a beber.

— Argh! — Cuspi quase tudo, não era água, era vinho diluído. Ora, eu adoro vinho, mas logo depois de vomitar, não.

— Suz! Á...gua! — Lancei-lhe um olhar do tipo *Mulher, vou matar-te*, para ela perceber melhor.

— Sim, Senhora minha! — Ela empalideceu outra vez, virou-se para a enfermeira e passou-lhe a taça (mas que hospital era aquele, afinal?) — Tragam água à Dama Rhiannon imediatamente! — A enfermeira ninfa foi-se dali. Suzanna voltou a mim, mas não me fitava. — Perdoa, Senhora minha, equivoquei-me. A culpa é minha, não é da donzela. — Suzanna cruzou as mãos sobre o peito, como se rezasse, e curvou a cabeça, mas ainda sem me fitar.

*Pronto, mas que raio se estava a passar? Apanhei-lhe uma mão e puxei, a tentar que ela olhasse para mim. Depois reparei no cabelo. Era da cor normal — alourado, com nuances bonitas e naturais — mas emaranhara-se na minha mão. Porque lhe chegava à cintura e lhe caía pelos ombros e seios e por isso se emaranhara nas nossas mãos.*

— Não. Como... — Consegui balbuciar. Suzanna sempre tivera um corte de cabelo curto e sexy. Adoro meter-me com ela porque o cabelo assim pode parecer despenteado e malandro. E ela diz, “Ai, muito obrigada!” como um gato que acabou de lamber o leite todo. Como é que podia ter crescido até lhe chegar à cintura. Bolas. Será que estive numa espécie de coma? Se calhar estive “fora” um montão de anos e, com o desgosto, ela deu uma de Lady Godiva comigo inconsciente, e sem o meu sentido do estilo astuto que lhe diz o que manda o figurino, ela deixa crescer o cabelo até ao rabiosque.

Não, não parecia nada mais velha. A cabra.

Continuou a evitar fitar-me enquanto eu a estudava. Era decididamente a Suzanna. A mesma estrutura óssea delicada. Uma cara linda redonda que, sei lá como, emanava bondade. Tinha as melenas compridas atrás das orelhitas perfeitas, como fazia com o cabelo curto. As mesmas sardas no nariz e nas maçãs do rosto altas. Se sorrisse (não me parecia nada que sorrisse), aposto que lhe veria as covinhas de cada lado da boca amorosa.

— Suz... — Puxei-lhe a mão, a tentar fazê-la olhar para mim. Quando levantou os olhos, eram os mesmos castanhos-dourados que me contemplavam há anos. — Que me... — Tentei perguntar enquanto lhe lançava o olhar do costume, *Que me contas, miúda?* Pareceu-me vê-la desanuviar, mas a enfermeira entrou de supetão (literalmente, a ninfeta correu para dentro do quarto) com nova taça.

— Senhora minha, se faz favor.

Graças a Deus, água a sério. Fresca e tudo. Tentei sorver o mais que pude, mas a garganta não foi nisso.

— O... obrigada... — saiu-me em voz rouca. Suzanna teve de se acercar para me ouvir, mas soube que compreendera porque corou de repente, pegou rapidamente num pano macio e começou a secar-me a cara.

Fiquei siderada ao perceber que estava exausta. Só tinha vomitado as tripas, tentado falar e bebido uns goles de água. Suzanna tirou-me o cabelo da testa, a cantarolar uma melodia qualquer.

— Descansa, Senhora minha, está tudo bem.

E que raio é que ela tinha vestido...?

A minha outra amiga, a escuridão, apareceu furtiva e levou-me outra vez.



— **P**erdoa, Senhora minha, mas tens de acordar. Não, eu chamei uma substituta, deixem-me dormir. Isto deve ser um sonho, um sonho horrível. Talvez se eu fechasse os olhos bem fechados e me concentrasse em conjurar uma imagem onírica de Hugh Jackman embeijado por mim, conseguisse voltar à minha Terra dos Sonhos.

Depois fiz o erro de engolir.

Caraças — a garganta doía-me... Caraças. Ah, pois. Devo estar morta. E abri bem os olhos.

Duas ninfetas/enfermeiras ladeavam Suzanna dos cabelos longos. Uma tinha qualquer coisa transparente drapeada nos seus belos braços muito nus. A outra empunhava pentes e escovas e uma coisa amorosa que parecia uma coroa dourada (acho que se chamam diademas). Hum... O inferno não podia ser assim tão mau se houvesse joias.

— Senhora minha, o mensageiro de teu pai acabou de chegar, anuncia que foram publicados os banhos e que o teu prometido virá cá para a cerimónia do vínculo das mãos.

O meu quê?

— Hoje. Por favor, temos de te preparar.

Não consegui fazer mais do que pestanejar. De que é que ela estava a falar? O meu prometido? Mas eu nem sequer tinha namorado! Mandara à fava o último tipo com quem tinha saído, sem antes o conhecer (a não esquecer: nunca, mas nunca mais sair com nenhum estranho).

Parecia que Suzanna hesitava.

— Senhora, ainda não consegues falar?

— *Senh... argh.* — Mas que era aquilo da senhora para a frente, senhora para trás?

Obviamente, a resposta rouca como o guincho de um opossum bastava. Reparei que o som da minha voz bastante tramada punha as ninfetas num interessante estado de alarme. Suz fazia-se zangada; de súbito, tirou vestes transparentes, pentes, escovas e joias das mãos das ninfas.

— Estão dispensadas. — Bem, parecia mesmo severa, o que só acentuava a cadência estranha, quase melodiosa da sua voz. — Eu trato da nossa senhora. — Elas escapuliram-se com um arzinho aliviado. Já não se fazem enfermeiras como antigamente.

— Senhora minha, apoia-te no meu braço, eu levo-te aos banhos.

Dir-se-ia que levantar-me para ir tomar um banho (precisadíssimo) não custaria nada, e talvez não custasse se o maldito quarto não parasse de andar à roda.

— Uiiiiiii. — Parecia que eu coxeava, como as velhas do Primeiro Ato de *Macbeth*. Sabe Deus que o cabelo me parecia desgrenhado a ponto de ficar bem no papel.

— Estás a ir muito bem, Senhora minha. Vamos, só mais uns passos.

Descíamos um corredor mal iluminado. Olhei para cima e reparei que a luz era fosca porque, bem, porque (e com isso fiquei completamente especada) havia archotes enfiados em suportes de ferro forjado. Tenho um curso superior; não me conseguem enganar. Archotes não são coisa normal num hospital! E raios partam isto! Não estou nada noiva de ninguém!

— Senhora minha, precisas de descansar?

O que acontecera à Suzanna? Teriam deixado de fabricar *Prozac* enquanto eu estivera “fora” e ela teria entrado numa espécie de histeria trágica e medieval? Eu já ia de braço dado com ela, não foi difícil pegar-lhe na outra mão. Obriguei-a a virar-se para mim e a olhar diretamente para mim. Demorei-me, engoli várias vezes em seco para limpar a garganta cheia de bichos, prendi-lhe o olhar e disse, devagar e decidida:

— O que aconteceu?

Ela ainda assim tentou desviar o olhar mas eu sacudi-lhe as mãos e os olhos dela dardejaram de volta aos meus.

— Senhora minha... — Calou-se e olhou em volta, como se receasse que a ouvissem, e sussurrou num tom sério como se fosse a Oprah numa sapataria:

— Como te chamas?

Pronto, eu alinhava. Mas se o Sean Connery aparecesse ao virar da es-

quina, de certezinha que aquilo era o Maior Sonho Bizarro de Todos os Tempos.

— Shannon. — Proferi com a clareza que me foi possível. Ela nem sequer pestanejou.

— E como é que eu me chamo?

Credo. Se calhar estava bêbada — a mulher nunca aguentou álcool. Bastava um cheirinho a tequila e ela desaparecia numa espécie de devaneio louro. Respira fundo — não, não me cheirava a álcool.

— Tu chamas-te Suzanna.

Ela chegou-se ainda mais a mim e abanou a cabeça de um lado para o outro. Dessa vez parecia mais capaz de me fitar. Não pude deixar de reparar que o medo que lhe toldara os olhos se mesclava então de pena.

— Não, Senhora minha. — A resposta amável naquele sotaque estranho e cadenciado embalou-me. — Não me chamo Suzanna, mas sim Alanna. Tu não te chamas Shannon, és a minha Senhora Rhiannon, Sumo-Sacerdotisa da Deusa Eponina, filha de MacCallan, prometida e em breve vinculada ao Sumo-Xamã ClanFintan.

— Balelas.

— Sei que isto te deve custar, Senhora minha, mas vem comigo. Vou ajudar a preparar-te e vou explicar como tudo sucedeu. — Parecia mesmo preocupada, ali a empurrar-me o corpo dormente pelo corredor abaixo e por uma porta entreaberta à nossa direita.

O quarto em que entrámos conjurava imagens daqueles documentários que primeiro mostram ruínas da atualidade, que só parecem uma balbúrdia de entulho e colunas — e depois surge uma imagem de computador sobre as ruínas para o público ver como seria o original em toda a sua glória. O quarto parecia mesmo uma dessas imagens criadas em computador. O chão e o teto eram de mármore liso. Era difícil perceber se o tom dourado vinha da pedra ou dos muitos archotes nas paredes. A simetria das paredes era interrompida a intervalos regulares por nichos que pareciam abertos na pedra a diversas alturas. Nos nichos ardiam chamas em lucernas douradas com formas estranhas (credo, aprecio mesmo uma sala cheia de talha dourada), o que dava às paredes ar de joias facetadas. Numa parede havia um espelho enorme e uma cómoda à frente. O espelho estava ligeiramente embaciado pelo vapor que subia de uma poça de água límpida e funda, que borbilhava no centro da sala e transbordava numa corrente rápida que, por seu turno, desaguava noutra poça na sala ao lado. O ar estava tão quente e húmido que parecia uma carícia. Só de o respirar me descontraía, e o aroma fez-me lembrar algo...

— São termas! — Até a minha voz reagiu ao aroma curativo da sala e Suz/Alanna não teve de se esforçar para me perceber.

— Sim, Senhora minha. — Pareceu-me contente por eu ter o bom senso de identificar o aroma metálico da água e falar com alguma clareza (era mais do género caminhar a mascar pastilha, mas enfim). — Vou ajudar-te a tirar a túnica. — E assim fez, rápida e gentilmente. Depois fez-me sinal que descesse os degraus de pedra até à água fumegante. Era funda, mas havia parapeitos de rocha polida ao longo da beira e eu afundei-me num deles, com um suspiro fundo como só os porcalhões podem soltar. Vi, por entre pálpebras semicerradas, Suzanna/Alanna ir buscar esponjas, frascos e boiões à cómoda, servir-me mais uma taça dourada de algo vermelho-escuro do jarro que lá estava, e depois ajoelhar-se à beira da piscina perto do meu parapeito.

Aceitei a taça com gratidão e suspirei de prazer ao saborear um *Cabernet* delicioso. Em seguida, como se o fizesse todos os dias, ela pegou-me no braço que tinha a mão livre e começou a passar uma esponja ensaboada. Soltei um ganido e encolhi-me.

— Senhora minha, tens de te preparar para conhecer o teu prometido.

— Eu sei... (engolir, respirar)... lavar-me... (engolir)... sozinha! — (respirar). Pousei a taça ao lado dela com força e sussurrei ferozmente: — E nem penses que consegues adormentar-me até me esquecer da treta bizarra que me atiraste para cima no corredor. Quero saber o que se passa, e é já, Suzanna Michelle. — As amigas só usam os segundos nomes umas das outras quando há crise ou se fala de sexo desviante; ela tinha de saber que eu falava a sério.

— Perdoa, Senhora minha. Não era minha intenção ofender nem prevaricar. — Ela curvou a cabeça e juntou as mãos por cima do peito, como se estivesse à espera de castigo.

Eu não fazia ideia do que se passava; havia algo muito mal mesmo. Fosse o que fosse, de certeza que o *Cabernet* delicioso havia de ajudar. Outro gole acalmou-me a garganta, quase um bálsamo como a água quente que me acalmava o corpo. Outro gole — respirar fundo. Suzanna não se mexera. Pronto, se me limitasse a sussurrar, talvez conseguisse ter voz bastante para esclarecer aquela treta toda — ou ficar tão bêbada que nem me ralasse com mais nada.

— Suz. — Vi-lhe o queixo subir devagar ao som do murmúrio. — Eu não estou doida, tu sabes que não. — Antes de ela se voltar a dominar, tenho a certeza que lhe vi uma expressão chocada no rosto. — Mas estou confusa. — Respirei fundo outra vez. Apurei a garganta. — Começa de novo e diz-me onde estamos. — Parecia uma pergunta simples e fácil.

— Estamos no teu quarto de banho no Altíssimo Templo de Eponina. Abanei a cabeça mentalmente. Então, não, um hospital com o nome

de uma deusa pagã num dos Estados mais santanários que há? Se calhar, a pergunta carecia de foco.

— Em que Estado? — Mais uma taça ou duas e o opossum e eu ficaríamos prontos a dominar o mundo.

— Parece que estás combalida, Senhora minha, mas também em franca recuperação. — Ela piscou os olhos com um ar a que gosto de chamar coelhinho fofinho.

— Não, Suz, não é o estado em que estou, é o Estado em que estamos. — Continuava o arzinho de coelho. Suspiro. — Qual dos cinquenta Estados Unidos? — Caraças, quem me dera gritar.

— Referes-te à nossa localização? — Caiu-lhe a ficha.

— Sim, amiga. — Eu é que ia polvilhar-lhe os brownies preferidos com a mais recente receitinha de *Prozac*.

— O Templo de Eponina controla todas as terras em redor. Enquanto Sumo-Sacerdotisa de Eponina, és dona e senhora dessas terras.

Ora que reconfortante. Estava a passar por um episódio psicótico, a minha melhor amiga a ter um esgotamento, mas caraças, ao menos eu era dona e senhora de tudo! Nas palavras do Rei (o Elvis, e não um farsante medieval qualquer), “Obrigadinho, obrigadinho de coração”.

— Suzanna, não quero apoquentar-te nem chocar-te e, por favor, não chores — foi sempre uma grande chorona — mas não faço a mais pálida ideia do que estás a dizer.

— Senhora minha — começou ela, hesitante. — Talvez seja por já não te encontrares no teu mundo.

Ora isto já me chamou a atenção.

— Suzanna, acabaste de dizer que sou dona e senhora aqui, e que o meu prometido vem a caminho. Não te importas de explicar de que raio estás a falar? Ah, e serve-me mais vinho, tenho a sensação de que vou precisar. — Acho que ficou aliviada por me virar costas; talvez pudesse organizar pensamentos neuróticos e eu pudesse ir ao fundo da questão. Aliás, até podia ser um plano complicado para se vingar de mim por me ter esquecido dos anos dela, o mês passado (caraças, eu sabia que ela continuava zangada).

— É complicado, Senhora minha.

— Suz, pareces a Jeannie quando dizes essa cena da Senhora minha. — Ela não ligou ao comentário, e eu detesto que ela não me perceba as piadas. — Basta ser sucinta e ir direta ao assunto, eu hei de apanhar o fio à meada. — E tu vais ter ajuda profissional bem depressinha.

— A minha senhora original, Dama Rhiannon, trocou de lugar contigo. Disse que o teu mundo faz magia com máquinas, e poder com o dinheiro ganho nessas máquinas, e que desejava viver lá. Por conseguinte, enviou para lá a sua alma, durante um Sono Mágico, e encontrou-te. Disse que és o

seu espelho, a sua sombra, e que podia trocar de lugar contigo e entrar nesse mundo. Pensava poder deixar o bastante da sua consciência aqui, como faz quando entra no pomar sagrado, para te ajudar e orientar. — A estudar-me atentamente, ela abrandou a litania: — Mas não me parece que esteja aqui contigo. Pareces ser ela, mas não tens... — Aqui vacilou, como se estivesse perdida em pensamentos. Depois continuou: — ... os modos dela. Agora ela personifica-te, e tu tens de a personificar aqui.

— Não pode ser. Não acredito.

— A Dama Rhiannon mandou-me fazer-te uma pergunta, se parecesse que não compreendias ou acreditavas.

Ergui uma sobrancelha como o Spock e aguardei.

— No teu mundo, sabes histórias de deuses e deusas, mitos e magia, sortilégios e feitiçaria? — Ela calou-se, a olhar-me, expectante. Era óbvio que a sobrancelha erguida não servia de resposta.

— Claro que sim, sou professora. Ensino essas histórias aos meus alunos.

— A Dama Rhiannon mandou-me dizer-te que foi deste mundo que essas histórias surgiram. Passaram o Fosso como sombras e fumo, em busca dos seus reflexos no teu mundo. Assim soube desse mundo, em forma de fumo e sombra, e assim encontrei o meu reflexo: tu.

— Isso é fantasia e ficção científica, Suz. Estás à espera que eu acredite?

— A Dama Rhiannon disse-me que ia usar a sua imagem que já estava no teu mundo, e uma parede de fogo para transpor o Fosso.

— Maldito jarrão. — Não pode ser.

— Perdão, Senhora minha?

— O fogo. Como é que ela saiu ilesa de uma parede de fogo? E como é que eu não entrei em combustão também?

Suzanna ficou muito pálida.

— Mais vinho, Senhora minha.

— Pois. E não respondeste à pergunta.

Bateram à porta e interromperam-na. Teve a decência de fazer um ar incomodado... e não parava de olhar para mim. Mas que...

— Entre — ordenou ela finalmente.

Uma ninfa nova entrou a fazer salamaleques.

Suzanna ainda olhava pesarosamente para mim. Ups, estava sempre a esquecer-me, se eu é que era dona e senhora ali, tinha de mandar nas ninfas.

Pronto, vamos tentar.

— O que foi? — Embora a voz ainda me saísse como um opossum a bichanar, tentei projetar o tom tipo “não me interrompam a aula” que os meus alunos conheciam e adoravam.

A ninfazinha virou-se para mim e falou numa cadência encantadora.

— Senhora, o teu prometido chegou.

Olhei rapidamente para Suzanna. Caraças, não era grande ajuda; fechara bem os olhos e mexia os lábios como se estivesse a rezar qualquer coisa. Bolas.

— Pronto. Digam-lhe... (empata, discorre, discorre) digam-lhe... hum... (com este “hum”, a ninfa arregalou os olhos; ups, parece que as donas e senhoras minhas não fazem “hum”)... digam-lhe que o irei cumprimentar quando terminar de me arranjar. — Pronto. Sou mulher, esteja lá onde estiver, os homens devem estar habituados a esperar que as mulheres se arranjem.

— Sim, Senhora minha. — Ela saiu às arrecuas e às vénias. Parecia que o expediente dera certo. Quase me senti como Penélope.

— E que tal, amiga? Já parecia mais dona e senhora disto, ou quê?

— Somos peões num jogo perigoso, Senhora minha.

— Ora, vá lá, Suz. Isto não passa de um sonho ou coisa assim!

— Senhora minha, por favor. — Ela agarrou-me nas mãos e apertou. — Se tens algum afeto pela tua Suzanna, ouve e toma atenção às minhas palavras. É mais do que a tua própria vida que depende dos teus atos neste dia.

— Está bem, está bem, Suz. Eu ouço.

— Primeiro, não me podes tratar por esse nome. Só me podes chamar Alanna. Tens de te encontrar com ClanFintan. Terminou o tempo de noivado, é altura de entrar no vínculo oficial.

Houve algo nos olhos dela que me impediu de refilar. Ela acreditava piamente naquilo. Não estava a fazer de conta nem a brincar. Parecia aterrada.

— Sabes bem que sempre te ajudarei, miúda...

— Alanna! Se me chamares pelo nome, tens de me chamar Alanna. Compreendes?

— Sim, Alanna. — Estava alguma coisa mal e não era sem dados nenhuns que eu poderia consertá-la, e Suz, perdão, Alanna, precisava mesmo de conserto.

— Está bem, um vínculo não é um casamento temporário?

— Assim é, Senhora minha. Um casamento que dura apenas um ano. — Ela não queria mesmo fitar-me.

— Porque é que Rhiannon só ia estar casada com ele um ano?

— O acordo era esse. — De repente, ela afadigou-se a procurar qualquer coisa nos frasquinhos que estavam no beirado de mármore ao longo da piscina e depois a deitar na água algo que me cheirou a madressilva. Estava a esconder qualquer coisa de certezinha. Muita coisa.

— Como é que esperas que eu me safe a celebrar vínculo com um homem que nunca vi?

— A Dama Rhiannon conheceu-o. — Pelo ar dela, comecei a pensar que isso talvez não fosse nada de bom. — Vou apresentar-te e explicar que tiveste um acidente no último Ritual da Lua, e que ficaste sem voz. Eu falarei por ti. — Ajudou-me a sair da piscina como se fizesse aquilo todos os dias, e tentei não ligar ao facto de ela estar a secar-me com toda a descontração.

— Está bem, então e os pormenores... hum... íntimos deste vínculo? Eu nem conheço o tipo, de certezinha que não vou consumir nada com ele! — E se o tipo se revelasse copiazinha do meu ex-marido, então é que eu zarpava dali para fora.

— Simplesmente não te esqueças de que és a Dama Rhiannon, Sumo-Sacerdotisa e amada de Eponina. Só tocam na Dama Rhiannon se ela assim o entender.

— Mesmo que seja o homem com quem celebrou vínculo?

— Mesmo assim. — Ela parecia bastante confiante. Devo ser uma grande cabra. Sorriso!

O pedaço de tule que ela levava para o quarto acabara por ir parar não sei bem como às suas mãos nessa altura. Era mesmo bonito. A minha cor, um vermelho-dourado que parecia ter movimento próprio.

— Por favor estica os braços para os lados, Senhora minha.

Fiz o que ela mandou e fui um público atento, encantada a vê-la embrulhar-me o corpo naquele tecido diáfano. Ela levou uma mão atrás de si e tirou dois bonitos aros dourados e entretecidos da cómoda, fixou-me um na cintura e outro no ombro, um pouco à maneira do kilt escocês embrulhado e drapeado (só que não me parece que os kilts sejam semitransparentes e sedosos, a não ser que sejam comprados no MacFrederick's de Hollywood. Alanna deu um passo atrás para observar o seu trabalho, e depois mais umas achegas e uns retoques aqui e ali. Sempre teve jeito para os labores.

— Meu Deus, vê-se tudo! — E via, mas não era tipo galdéria da rua 11 com a Peoria à meia-noite, era tipo Elizabeth Taylor em *Cleópatra*.

— Perdoa o esquecimento. — Ela pegou num triângulo do mesmo tecido que estava em cima da cómoda (eu achava que era um lenço) e passou-mo para eu vestir. A sério, era uma tanga minúscula. Ai, sentia-me muito melhor, muito mais “tapada”. Então, não.

— Por favor, senta-te, Senhora minha, para te compor o cabelo.

Está bem. Ao menos alguma parte de mim estaria compostinha.

Ela franziu o sobrolho, a mirar-me as melenas empapadas, e começou a tentar penteá-las com um pente de dentes largos.

— O teu cabelo é mais curto do que o dela. O mesmo, mas mais curto. Vou apanhá-lo até que cresça mais. — Parecia que ela estava a falar com o

cabelo e não comigo. Descontraí-me nas mãos dela e pensei que ia gostar do penteado.

Tenho para mim que alguém a escovar-nos o cabelo é uma experiência praticamente sexual, que só fica atrás de uma bela massagem aos pés. *Nham*. Só Alanna a pegar em joalheria me podia ter distraído do transe capilar em que eu estava (só prova que as joias podem combater a apatia e serem bons acessórios).

Ela pôs-me uma tiara dourada à volta da testa e dispôs artisticamente o cabelo apanhado para complementar. Virei a cabeça de um lado para o outro para ver melhor. A luz das velas refletia-se no ouro polido e polarizava-se na pedra facetada como um diamante e engastada no meio do círculo. Debrucei-me para o espelho.

— Granada?

— Sim, Senhora minha. A tua pedra preferida.

— A minha pedra preferida? — Ergui as sobrancelhas, num assombro moderado.

Ela até me sorriu, era quase a minha Suzanna.

— Bem, a pedra preferida de Rhiannon.

— A minha é o diamante, mas as granadas são bonitas. — Sabia bem retribuir-lhe o sorriso, era quase normal.

— Mas, Senhora minha, não te podes esquecer de que és Rhiannon. — Voltara a Alanna grave e séria.

— Sim, não há problema. — Ela fez um ar aliviado e continuou a tirar caracóis ruivos do carrapito para me emoldurarem o rosto e enfeitarem as costas.

— Agora vou tratar dessa cara. — Parece que um olhar atento para “esta cara” servira de chamada à realidade, pois ela fez o ar teimoso de Suzanna e começou a trabalhar, a aplicar cremes e pós dos boiões bonitos espalhados pela cómoda fora.

— Hum, não me importo com o que fazes, só peço muito batom castanho-dourado.

— Exatamente o que Rhiannon teria escolhido.

— Que coisa mais esquisita.

— Ela disse que as duas seriam uma só alma. — Ela olhou para mim rapidamente, quase nem me fitando.

Tínhamos de deslindar aquela treta duma vez por todas.

— Pois mentiu.

— Perdão, Senhora minha? — Alanna estava com ar de quem levou um choque elétrico.

— Eu disse que ela mentiu, Alanna. Eu não sou ela, sou Shannon Parker, professora do ensino secundário em Broken Arrow, Oklahoma, e fui

apanhada em algo ainda mais bizarro do que o *Mundo do Adolescente*, o que não é de pouca monta. Vou ajudar-te, mas sei bem quem sou, e não sou Rhiannon. — Nunca a desfitei. — Entendido?

— Sim, Senhora minha, mas é difícil.

— Ai é? — Ela sorriu outra vez.

— Tens uma maneira de falar muito esquisita.

— Tu também. Uma espécie de cruzamento entre sotaque escocês e a voz da Deanna Troi do *Caminho das Estrelas*. — Agora é que ela parecia mesmo confusa. — Deixa lá. Não importa.

Ela tornou a sorrir e voltou à minha toilette. Deixei os olhos vaguear por aquele quarto invulgar. Sentia-me descontraída e quente mas não tinha sono (parece que uma experiência de quase-morte/coma substitui umas boas oito horas de sono). Os meus olhos estavam sempre a focar as milhentas velas embutidas nas paredes lisas e cremosas. Era como se os olhos quisessem olhar para elas — sensação estranha mas não propriamente desagradável.

— Aqueles embutidos são mesmo invulgares. Fazem-me lembrar... Credo! São caveiras?

— Sim, claro que são, Senhora minha. — Ela parecia admirada com o meu espanto. — As caveiras fazem parte da tua devoção a Eponina. — Agora olhava para mim com um ar professoral. — Decerto, mesmo no teu mundo, compreendes que todas as coisas místicas e poderosas vêm do Fogo na Cabeça, da Sede da Aprendizagem e do Conhecimento? — Juro que ela fez um ruído muito típico da Suzanna quando eu não respondi. — Sempre te rodeaste do poder da mente. Faz todo o sentido.

— Mas são caveiras banhadas a ouro!

— Claro, Senhora minha, a Sumo-Sacerdotisa e Amada de Eponina só tem o melhor. — Agora parecia que eu preferira pernoitar numa Days Inn em vez de no Hyatt.

Bem, parecia que eu finalmente encontrara uma coisa que não apreciava em ouro. Espantoso.

— Conta-me lá do meu prometido. Como é que ele se chama? — Ela continuou a trabalhar na minha cara muito cansada, a tentar transformar-me de blargh em ena!

— Chama-se ClanFintan. É um Sumo-Xamã poderoso e respeitado. — Era isso. Hum... Ainda bem que não sou o Hamlet, pois de certezinha que havia algo podre aqui no reino da Dinamarca.

— E eu estou... Apaixonada por ele?

— Não, Senhora minha. — Lá estava o nervoso miudinho outra vez. — Foi um casamento arranjado pelo teu pai.

— Então mas não sou eu quem manda aqui?

— És, Senhora minha, mas, por vezes, o bem do povo tem de se sobrepor às vontades de uma só pessoa.

Mas quem é que ela era, o Spock?

— Pronto, admite lá. Eu aguento. Ele é horroroso, não é?

— Não, Senhora minha. — Parecia mesmo que ela falava verdade. Até era boa atriz quando lhe apetecia.

— Então qual é o mal dele? — Herpes? Careca? Pila pequena? Pior ainda, seria agarrado ao dinheiro?

— Não há nada de que eu tenha conhecimento, Senhora minha.

Pronto, não ia contar-me. Eu teria de descobrir sozinha.

— A toilette está feita. — Enfiou-me nas orelhas duas cascatas de granadas em continhas e ajustou-me uma braçadeira dourada incrustada com granadas. Levantei-me. — Linda, como sempre. — Será que ouço presunção?

Mas tinha razão. Para uma mulher que se achara no inferno horas antes, eu estava com belíssimo aspeto, modéstia à parte — quase nua, mas feitosa.

— Vamos dar início ao espetáculo.

— Não sei o que é o espetáculo, Senhora minha?

— Deixa lá. Vamos lá despachar isto, estou a começar a lembrar-me de que não como há dias, sei lá.

— Vem comigo, Senhora minha. — E fui; ela ia tagarelando em voz baixa e tom conspirador. — O normal seria que fosses à frente, claro. Mas hoje vou um pouco à tua frente. — Depois observou-me a andar quando saímos do quarto. — Ótimo, Senhora minha. Estás a recuperar bem. Não te esqueças de que a Dama Rhiannon só anda depressa se quiser chegar a algum lado rapidamente. Caminha lenta e languidamente como se mandasses em tudo o que vês.

— Ai mando? — Arreliei.

— Com certeza.

Mando? Não era bem a resposta de que estava à espera.

Mando em tudo o que vejo. Fui olhando (como uma basbaque) enquanto caminhava languidamente para ir conhecer um tipo que nunca vira mais gordo mas a quem estava prometida. Estávamos num corredor parecido com o que levava às termas, mas na direção oposta àquele de que viéramos (parecia-me). Continuámos a avançar. Alanna endireitara as costas. Aliás, andava como se lhe tivessem metido um chicharo no rabo, e eu fiz o mesmo. Virámos a esquina e deparámos com umas portas duplas enormes. Relevos de padrões complicados e entrelaçados, com motivos celtas. Pestanejei e podia jurar que alguns dos círculos eram caveiras (credo!). Mas não me demorei muito a ver os relevos, porque

estavam dois homens amorosos e pouco vestidos a decorarem as portas de cada lado.

Quando me viram, empertigaram-se todos, a baterem com espadas façanhudas nos troncos firmes e musculados (benditos sejam). Um lançou-se para a frente e abriu-me a porta (ora cá está o que faz falta na América dos nossos dias: os homens acham que já não é preciso abrir portas). Infelizmente, não pude dar-lhes a atenção que eles mais do que obviamente mereciam. Alanna empurrava-me para uma sala enorme.

Tetos altos, pilares esculpidos (juro que vi mais caveiras estúpidas por todo o lado), frescos belíssimos com ninfas a brincarem e... ah... ui, *eu!* também pouco vestida, montada num belo cavalo branco, obviamente à cabeça da brincadeira (mas aqui nunca faz frio?). No meio da sala, no proverbial estrado, estava um trono folheado a ouro. Duas ninfas da praxe deitadas nos degraus do estrado mas, quando me viram entrar, levantaram-se nos pezinhos descalços e delicados e curvaram as cabecitas fofas.

Eu deveria ter sido nomeada para qualquer Oscar Greco-Celta de Mais Voluptuosa Ascensão ao Trono. Ai, sabia mesmo bem sentar-me.

Antes que se fizesse um silêncio constrangedor, Alanna, diretamente à minha direita, anunciou:

— Informem o Xamã ClanFintan de que a Dama Rhiannon o vai receber agora. — Uma das ninfetas saiu aos saltinhos por outra arcada enorme, e eu fiquei a pensar se os homens que a guardavam seriam em proporção.

Olhei brevemente para Alanna e ela fez-me um sorrisinho de encorajamento. Brindei-a com uma piscadela de olho, as portas voltaram a abrir e a ninfeta regressou numa nuvem de bruma transparente armada em roupa.

— Vem aí, Senhora minha. — Parecia corada e excitada (talvez ele não fosse horroroso, afinal), e dissolveu-se outra vez nos degraus do trono. Com tanta carinha à mostra, não devia ser fácil manter a calma.

Toda a gente olhava expectante para a arcada. Reparei num barulho específico que se começava a ouvir pelas portas abertas, e que ia ressoando mais e mais. Fazia-me lembrar... hum... Já sei! Cavalos! O meu prometido vinha a cavalo para a minha sala do trono? Pronto, parece que Eponina é uma espécie de deusa equestre, mas eu ia ter uma conversinha com ele sobre etiqueta palaciana. Em breve. Como diria a minha avozinha, aquilo não podiam ser maneiras.

O barulho de cascos já se ouvia distintamente. Deviam ser vários. Burgressos!

Pronto. Ele devia ser chapadinho de um pacóvio do Oklahoma. Estava-se mesmo a ver, ia chamar-me coisinha boa e dar-me palmadas no rabo.

Vi os guardas da porta (e sim, pareciam proporcionais) a fazerem continências sucintas quando os cavalos chegaram à entrada e...

E fiquei completamente sem ar. Como nos filmes. Uma falta de ar enorme e tive de me controlar para não fazer o Sinal Universal de Asfixia enquanto engolia o coração.

Entraram dois a dois na sala. Conteí rapidamente — era espantoso não ter perdido a capacidade de contar —, eram dez.

— Centauros. — A minha voz, já castigada de tanto sussurrar, era um guincho de rato, mas a expressão de Alanna indicou que me tinha ouvido. Fechei a boca (escancarada como aqueles balões de sinalização ao vento) e calei-me. Não, Toto, é que já não estávamos mesmo no Kansas.

Os dois centauros da frente continuavam a avançar para o trono, e os outros oito espalharam-se para ladearem o grupo. Quando os líderes se acercaram dos degraus, um deixou-se ficar e o outro avançou, fazendo um gesto largo e bonito com o braço.

— Bem conhecida, Dama Rhiannon. — Uma voz surpreendente, funda e macia, como chocolate preto, a mesma cadência melodiosa de Alanna. Pelo menos era bastante óbvio que não era o meu ex-marido.

Antes que eu tentasse responder, Alanna fez uma veniazinha e dirigiu-se-lhe.

— Senhor ClanFintan, a minha Dama Rhiannon lamenta informar que perdeu a voz temporariamente. — Ele semicerrou os olhos ao ouvi-la, mas não interrompeu. — A Dama Rhiannon deu-me ordem para te saudar e dizer que ela está pronta a finalizar o vínculo.

— Mas que altura mais — pausa — inoportuna para perder a voz, Senhora minha.

Seria sarcasmo? A mim pareceu-me. Parece que eu não era a única a sentir-se desconcertada com o casamento combinado.

— Sim, senhor, a minha Dama Rhiannon tem estado muito alterada com isso. — Alanna não se deixou ficar mal.

— Como é que aconteceu? — Ele nem sequer olhou para Alanna; continuou a olhar para mim, como se as palavras me saíssem mesmo da boca. Achei melhor continuar a fitá-lo; se me deixasse olhar para outros sítios, de certezinha que ia ficar boquiaberta.

— No Ritual da Lua, ela adoeceu, mas a dedicação da minha senhora a Eponina não a deixou retirar-se. Depois de concluída a cerimónia, ficou de cama alguns dias, e só hoje se levantou. Já se encontra melhor de saúde, mas a voz ainda não lhe voltou. — Até ouvi o sorriso reconfortante na voz dela. — Não te aflijas, senhor, é temporário e depressa irá sarar, desde que ela repouse e dê a si mesma tempo para recuperar.

— Compreendo a tua situação, Dama Rhiannon. — Não parecia compreensivo, parecia zangado. — Mas espero que esta — outra pausa — ma-leita infeliz não nos atrase os negócios de hoje.

Negócios! Mas que maneira esquisita de descrever um casamento, por mais temporário que fosse. E não me agradou nada o tom da voz do Mr. Ed. Não sei o que Rhiannon teria feito, mas sei muito bem o que Shannon Parker faria. Quando Alanna sorveu ar para responder por mim, estiquei o braço e pus-lhe a mão no braço. Fitei bem o Sr. Rabugento. Devagar e distintamente, ergui o queixo (mesmo tipo cabra empertigada) e abanei a cabeça de um lado para o outro. Uma vez.

— Ótimo. Agrada-me. O teu pai manda a sua bênção, e lamenta ter ficado retido e não nos poder acompanhar na cerimónia.

Ai que bom.

— Vens a mim, ou devo subir para o teu — outra pausa grosseira — pedestal, Senhora minha?

Senti-me retesar o queixo mas, antes que pudesse reagir, Alanna avançou. Graciosamente, deu-me a mão e ajudou-me a levantar.

— A Dama Rhiannon vai continuar, como manda o protocolo. — Eu e Alanna descemos os degraus até chegarmos ao chão. ClanFintan recuou um passo para me dar espaço, mas estava realmente muito perto. E era muito alto. Parecia encher o espaço acima de mim. Depois chegou-me o cheiro, algo cavalhar, mas não desagradável, um misto de glicéria e calor masculino.

Ele esticou o braço e agarrou-me na mão. Assustei-me e Alanna encobriu-me o gemido a dizer:

— A minha senhora está pronta a continuar.

O tanas.

A mão dele era dura e quente — quase a ferver. Olhei para baixo e vi que envolvia a minha toda. Era cor de bronze, como o resto da parte humana do seu corpo. Ao ouvir-lhe a voz, os meus olhos voltaram logo aos dele.

— Eu, ClanFintan, aceito-te, Rhiannon MacCallan, no vínculo deste dia. Aceito proteger-te do fogo, mesmo que o sol caia do céu, da água, mesmo com o mar bravo, e da terra, mesmo que esta trema. E vou honrar o teu nome como se fosse meu.

A voz dele já não ressumava sarcasmo. Era hipnótica e funda, como se as palavras dele pintassem imagens fantásticas da nossa união no ar entre nós.

Depois a voz branda de Alanna falou por mim:

— Eu, Rhiannon MacCallan, Sumo-Sacerdotisa de Partholon e Amada de Eponina, aceito-te, ClanFintan, no vínculo deste dia. Aceito que nem fogo nem chama nos podem separar, nem lago nem mar nos podem afogar, não há montanhas na terra que nos possam apartar. E vou honrar o teu nome como se fosse meu.

— Aceitas isto, Dama Rhiannon?

Com a pergunta, ele apertou-me a mão até quase fazer doer.

— Senhor, ela não consegue declamar a jura. — Alanna parecia ralada.  
— A jura não, então, mas uma única palavra a aceitar ou a recusar. — Apertou-me ainda mais a mão. — Aceitas cumprir esta jura, Dama Rhianon?

— Simmmmm. — Deixei a minha voz castigada arrastar a palavra de propósito.

Ele nem pestanejou. Afrouxou o torno e deixou a minha mão na dele com a palma virada para cima.

— Então está combinado. Durante um único ano, pertencemos um ao outro. — Sem deixar de me fitar, levou-me a mão à boca. Devagar, abocanhou a parte carnuda abaixo do polegar e deu uma dentada. Foi rápido e, com franqueza, fiquei mais admirada do que dorida.

Devo ter estado de olhos completamente arregalados quando tirei a mão daquele gesto íntimo.

Casei com um maldito cavalo.

E morde.

Pronto, sou do Oklahoma e gosto de cavalos grandes, e sou fã do John Wayne e gosto de homens grandes, mas aquilo era mais do que ridículo.

E ele, caraças, morde!



— Senhor, permite que te leve ao Grande Salão para que tu e os teus guerreiros possam banquetear-se com o festim que damos em honra do vosso vínculo. — Alanna sorriu e abriu caminho graciosamente para fora da sala do trono.

ClanFintan curvou ligeiramente a cabeça para mim e estendeu-me o braço. Com a minha mão levemente pousada na dele, saímos também. Ouvi os homens dele (os cavalos?) atrás de nós.

— Sei o quanto isto te é desagradável, mas folgo em ver que finalmente lograste pôr de lado as tuas vontades para cumprires o teu dever.

Não olhou para mim, e falou baixinho só para eu ouvir. Mirei-o e vi que o rosto era uma máscara inescrutável.

Mas em que raio é que eu me fora meter?

— Como jurámos honrar-nos durante o próximo ano, vou perdoar a desonra que me fizeste ao recusares que nos víssemos durante o noivado, ao devolveres as minhas prendas e ao obrigares-me a vir aqui finalizar o contrato. — A voz baixa saía-lhe forçada.

Nem cavalo nem menos cavalo, eu não ia deixar que ele me intimidasse.

— E eu perdoo a desonra que me fazes agora ao criticares-me no templo da minha deusa no dia do nosso vínculo. — Ora toma!

Ele teve de inclinar a cabeça para me ouvir a voz sussurrada. Fez um ar instantaneamente admirado, e estacou.

— Tens razão, Dama Rhiannon. Estou a desonrar os nossos votos e a

mim próprio quando te falto ao respeito. Perdoa o comportamento grosseiro. — Os olhos escuros dele retiveram os meus.

Tive de limpar a minha castigada garganta para poder soltar um guinchinho:

— Eu perdoo-te.

Ainda parecia zangado, mas agora mais zangado consigo mesmo do que comigo. De momento, pelo menos, achei-o satisfeito com a resposta, porque começou a andar no rasto de Alanna outra vez, comigo a reboque.

Alanna acabara de chegar a outra arcada (sim, guardada por mais dois guardas encantadores — Rhiannon tem mesmo bom olho para o músculo) e entrámos numa grande sala de banquetes. Era mesmo esquisito.

Pronto. Tinha de ser sonho, mas, mesmo para mim, era um sonho mesmo tramado de esquisito.

O salão tinha pelo menos duas dúzias de divãs, mas cada qual com um lado subido numa espécie de braço que os fazia parecer canapés antiquados. Perto da parte subida dos divãs ficavam colunas de mármore atarracadas com a parte de cima achatada. Em cima de cada uma, uma taça dourada. Magotes infinitos de jovens bonitas como ninfas saltitavam de divã em divã, a encherem as taças de vinho tinto com ar apetitoso. Tentei não me babar toda.

Sonho tramado de esquisito, mas fixe.

Alanna fez-nos sinal na direção de dois dos divãs esquisitos encostados no centro do salão, com uma coluna de permeio. O resto estava disposto em oval à nossa volta.

— Vamos para o jantar, Senhora minha?

Parece-me que não tinha como recusar. E sentia uma fome desgraçada, de repente. Assenti e aproximei-me daquele instrumento de tortura ao jantar enganadoramente confortável. Quer dizer, haja santa paciência. Tresandava tudo a Roma Antiga. Com franqueza. Aqueles Romanos todos e “Quem domina Roma, domina o mundo inteiro”, blá blá blá, deita-te e come, come de mais, vai vomitar. Nem sequer se saíram com uma mesa de jantar, palavra de honra.

Bem, pelo menos reclinada eu ficaria com um ar mais esbelto...

No instante em que o meu rabo tocou no divã, toda a gente pareceu agitada, como se eu tivesse saído da casa de banho com papel higiénico colado ao salto do sapato. Por favor, meu Deus, que a Alanna saiba que raio se passa. Ergui-me graciosamente e puxei-lhe pela manga da túnica para ela se chegar a mim e eu poder bichanar.

— O que é que eu não estou a fazer?

Ela sorriu e fez uma vénia, como se eu tivesse dito a coisa certa, coisa que não fiz absolutamente.

— A Dama Rhiannon pede que desculpem a sua falta de voz. Está desapontada por não poder abençoar o festim do seu próprio vínculo, mas não consegue projetar a voz que ainda está tão fraca. — A sorrir, começou a ajudar-me a re-recostar-me (se isto for mesmo uma palavra de lei).

— Ela não pode sussurrar-te a bênção, e tu reproduzes as palavras dela, como fizeste antes?

A voz do meu novo marido encerrava um desafio muito aparente. O Mr. Ed estava a revelar-se um chato do caraças (e mordida). Se calhar achava que estava a lidar com uma sacerdotisa pobre de espírito e a cheirar a mofo.

Se me permitem, estava redondamente enganado. Senti um sorriso começar a formar-se-me no rosto.

Mais uma vez, a minha mão susteve a intercessão de Alanna e eu susurrei-lhe ao ouvido:

— Repete o que eu disser.

— Senhora minha! — A reação dela mostrava-a raladíssima, quase à beira do pânico. Era óbvio que não se apercebera de que lidava com uma professora do ensino secundário: ganhamos a vida a lidar com esquisitice no dia-a-dia (ou hora a hora, consoante quem foi ou não foi suspenso ultimamente), e conseguimos acabar com a ignorância e tocar no futuro no meio do caos. Aquilo era trigo limpo, farinha amparo. Pensar de improviso é a norma para mim — até é o meu ideal de diversão.

— Confia em mim. — Pisquei-lhe o olho rapidamente e ela assentiu, mas com relutância.

— Tens razão em recordar-me do meu lugar, Senhor ClanFintan. Perdoa, vou repetir a bênção da minha senhora nesta ocasião festiva.

Vamos dar início ao espetáculo — outra vez. Eu sabia que tantos semestres de Literatura Europeia me haviam de dar jeito um dia — só achei que seria num concurso de televisão. Inclinei-me com ar teatral (e mostrei bastante decote) e susurrei a Alanna versos de uma antiga bênção irlandesa que tinha decorado para uma cadeira qualquer inútil na faculdade. Só podia ser apropriado: — Faço votos de que tenham sempre...

— Faço votos de que tenham sempre... — A voz doce de Alanna fez eco da minha a declamar aquela bênção antiga, enquanto eu sorria para o público enlevado, a adorar aquele silêncio respeitoso.

— Paredes contra o vento...

— Paredes contra o vento...

— E um teto contra a chuva...

— E um teto contra a chuva...

— E chá à roda da fogueira (momento de pânico, oxalá esta gente beba chá).

— E chá à roda da fogueira (sorrisos a toda a volta, parece que afinal bebe).

— Risos para alegrar...

— Risos para alegrar...

E agora o golpe de misericórdia. Virei-me para o meu novo e temporário marido, olhei diretamente para ele, proferi o último verso, e vi-o arregalar os olhos com a surpresa, quando Alanna repetiu o remate da bênção.

— E alguém perto para amar, e tudo o que o vosso coração desejar!

As palavras dela fizeram eco das minhas e os centauros retorquiram exclamando “Saúde!” Juro que vi os lábios cinicamente torcidos de Clan-Fintan mimarem a expressão xeque-mate.

Como diria o meu profe preferido na faculdade: “Não se metam com gente de Literatura e Cultura. Guardam montes de tretas inúteis na cabeça. De vez em quando saem-se com algumas e dão-vos uma abada monumental.”

A cara radiosa de Alanna era prova provada da minha vitória, e os aromas que nos chegavam das bandejas trazidas por... bem... empregados mais encorpados (não se pode esperar que as ninfas carreguem tanto tule e o jantar também) subiam-me à cabeça. Senti-me tonta. Há quanto tempo é que eu estaria sem comer?

— Senhora minha, é melhor sentares-te. — Alanna salvou-me outra vez com uma intervenção oportuna.

A manada de amigos do meu marido temporário imitou-nos, e os empregados da cozinha começaram a pôr travessas lindas diante de nós. Ora o presumível objeto do meu afeto fez uma vénia jeitosa na minha direção e afastou-se para juntar cabeças com um tipo que devia ser amigo/assistente/sei lá o quê. A bebericar o vinho, outro excelente tinto, desta feita mais encorpado, mais *Merlot* do que *Cabernet*, aproveitei o facto de a atenção dele estar noutra parte para o mirar sem ele perceber.

Se tivesse de jogar ao Descreve Numa Só Palavra, a palavra seria Poder. Era enorme e musculado — muito musculado, e não digo isto em detrimento nenhum da sua pessoa. Eu cá sou mocinha de oportunidades iguais. Sou por tentar não penalizar palermas magricelas nem ficar obcecada com tipos armados em *Schwarzenegger* (ênfase no tentar). Ele parecia absorto na conversa, aproveitei e olhei bem. Sim, deixei-me ficar boquiaberta o suficiente para entrar o vinho que levava à boca.

O cabelo era preto e espesso, com uma ondulação errante. Era comprido, mas ele apanhara-o numa espécie de fita de cabedal (quase maior do que a que eu tinha na cabeça). O rosto era masculino — maçãs altas, nariz direito e bem feito e uma covinha no queixo (fazia lembrar Cary Grant,

bendito seja). O pescoço era grosso sem ter ar de esteroides e afinilava lindamente nuns belos ombros e — pronto, admito, está bem — num torso absolutamente maravilhoso salpicado da quantidade exata de pelinhos encaracolados. A pele era de um tom bronze fundo, o que lhe dava uma perfeição de estátua. Trajava um colete de cabedal de couro escuro, aberto, o que me deixava ver peitorais definidos (saí-me muito bem na opção de Anatomia e Fisiologia na faculdade) que afinilavam no meu cliché preferido: os abdominais tablete de chocolate. E uma cintura lisa e apetitosa. Em suma, a parte humana dele, que terminava abaixo dos abdominais, onde começariam os quadris de um homem, parecia a de um homem muito bem-parecido no auge da vida — dezoito anos — não, estou a reinar, ele devia ter trinta e tais. Fosse lá o que fosse em anos de cavalo.

A parte equina do corpo era cor da folha do ácer, como bolotas maduras ou encadernações de pele de livros antigos, e escurecia para imitar o negrume do cabelo, dos joelhos até aos cascos. Mudou de posição, ainda a conversar, e o pelo ondulou e refletiu a luz dos archotes. Até podia ser rabugento, mas de certeza que se tratava bem regularmente. Como já disse, era grande, devia medir quinze ou dezasseis mãos até à cernelha. Tinha mais forma de cavalo de tiro do que de puro-sangue, muito musculoso e feito para arrancos de velocidade.

Ao observá-lo, apercebi-me de que não me repugnava nem horrorizava aquela fusão de homem e cavalo. E não tinha de gastar muitas células cinzentas a ponderar a minha aceitação. Fui criada a gostar de cavalos, o que é praticamente a norma para raparigas do Oklahoma, e tive um cavalo só meu até ir para a faculdade. Aliás, o meu pai até dizia que eu aprendera a montar antes de aprender a andar (será que era preciso ser cavaleira experiente para aquele tipo de casamento? Mal não faria). Na verdade, se ele não estivesse de má catadura, eu diria que ele até era atraente, ao estilo “perdi qualquer noção da realidade” de bizarria.

Parecia que o debate terminara. O amigo saudou-o e dirigiu-se à porta, só parando para me fazer uma vénia a mim. ClanFintan instalou-se no divã ao lado do meu. Mexia-se mesmo com graciosidade, para um homem/cavalo/sei lá tão grande.

Numa voz formal e sincopada, ele disse:

— Perdoa a interrupção, o meu Tenente tinha questões muito importantes a debater comigo.

Parecia mesmo que tinha um chícharo metido no seu rabo cavalariço.

— Não há problema. Bebe comigo uma taça deste vinho excelente — sussurrei. Não liguei à garganta que me doía e brindei-o com um sorriso *ai sou mesmo boa rapariga*.

— Obrigado.

Talvez se ele bebesse um copo, se descontraísse e parecesse mais humano (ou sei lá o quê).

Saíram criados de uma arcada distante com travessas tão carregadas de comida que só me faziam lembrar uma debandada de caranguejos. Os aromas envolveram-me, e a minha barriga deu horas de tal maneira que juro ter visto ClanFintan reprimir um sorriso. Ter-lhe-ia sussurrado uma explicação em como estava “com um bocadinho” de apetite, mas não achei que a minha voz se ouvisse por cima dos roncões tão senhoris da minha barriga.

Vários criados maravilhosos (desculpem lá chamar-lhes caranguejos) começaram a servir-me, e depois a ClanFintan, pedaços escolhidos das travessas fumegantes com peixes de aroma delicioso em molho cremoso, criação tenrinha de dar água na boca (bem, sabia a frango), polvilhada liberalmente com o que parecia ser pimenta-limão, grãos cujo aroma lembrava distintamente alho e vegetais que pareciam uma bela mistura de ervilhas de quebrar, cogumelos inteiros e cebolas bebês. Como sou um garfo delicado e senhoril, aceitei de tudo e fiz sinal para nos servirem mais vinho. Sim, apercebi-me de que bebia talvez um pouco de mais, mas era para fins terapêuticos. Afinal, ainda há pouco tinha morrido.

Foi a comida que me fez decidir. Não podia estar no inferno; aquilo era tudo bom de mais. Entre dentadas, fui olhando para o meu acompanhante, e interessou-me ver que também comia com gosto, não comia só grãos e vegetais. Parecia que os centauros eram omnívoros (a não esquecer: cuidado que ele gosta de carne e morde).

Deve ter reparado nos meus olhares, porque a boca formou um sorriso sardónico e ele disse:

— Um apetite saudável é sinal de franca recuperação.

— Ora, obrigada, Dr. ClanFintan.

Dir-se-ia que eu tinha jorrado leite pelo nariz, da maneira como ele arregalou os olhos à minha resposta sussurrada. Fiquei ralada a pensar que tinha um bife entalado num dente ou um macaco enorme no nariz.

— Sabes bem que não sou físico, sou um Sumo-Xamã espiritual.

Tive de engolir um bocado de frango antes de conseguir responder.

— Estava a reinar.

— Ah. Eu... Ah. — Agora semicerrava-me os olhos, e juro que lhe saiu um ronco muito cavalaresco antes de voltar a mastigar.

Eu cá começava a pensar que Rhiannon não tinha sentido de humor mesmo nenhum.

— Senhora minha, meu Senhor e estimados convivas. Para demonstrar a aprovação com que as Musas recebem o vosso vínculo, Terpsicore, encarnação da musa da Dança, vai atuar.

Os centauros espevitaram todos as orelhas (em sentido figurado)

quando Alanna bateu as palmas duas vezes e a música começou. Eu ainda não reparara nas três mulheres sentadas no outro canto da sala, mas os sons sedosos de harpa, flauta e uma espécie de tambor com a batida do coração eram encantadores. Em seguida, a bailarina entrou a dançar pela arcada mais próxima das executantes. Movia-se com graciosidade clássica, a cabeça baixa, os braços num círculo belíssimo, até ao centro da sala, diretamente em frente do meu lugar, claro. Ser Sumo-Sacerdotisa significava, obviamente, o melhor ponto da sala. Ali a bailarina parecia derreter-se numa vénia funda, a cabeça ainda baixa, enquanto a música parava. Quando começou outra vez, e ela ergueu a cabeça ao ritmo da cadência, fui apanhada a engolir e até me saiu vinho pelas narinas (delicadamente). Ainda bem que estava toda a gente a contemplá-la e não a mim, pelo que tive tempo de limpar o nariz e de me recompor.

C'um caracas! A bailarina era Michelle, uma professora que era minha colega há dez anos! Ali estava, Musa da Dança encarnada em Deusa — não admirava nada. Eu e Michelle adoramos falar do paradoxo de duas das três paixões da vida dela. A primeira paixão é a dança, a segunda paixão é a ciência (e ela gosta mesmo de répteis, coisa que sempre me deixou ralada, especialmente porque a minha sala de aula fica ao lado da dela e, pelo menos, duas a três vezes por ano letivo, foge uma cobra da gaiola e “perde-se”). Assim sendo, ela combinou as duas paixões na frequência da Northeastern Oklahoma University, curso de Química com uma bolsa de Dança. Na nossa escola secundária, ela combina as duas com a cadeira de Química e coreografias para os musicais da escola. Miúda estranha.

Fiquei a vê-la mexer-se languidamente ao ritmo da batida sensual, bebi outro gole de vinho e sorri de gratidão para a criadita que se apressou obedientemente a encher-me a taça. Era indubitável — Michelle, aliás, como diria Alanna para esclarecer, a imagem de Michelle. O mesmo cabelo castanho-escuro espesso e, como acontecera com Alanna, o corte moderno e chique que lhe dava pelos ombros dera lugar a melenas até à cintura que brilhavam e luziam a cada movimento. O cabelo também cobria o corpinho da bailarina mais do que as peças de tule brilhantes e completamente transparentes com que ela estava vestida. Enquanto dançava, os pedaços de tecido esvoaçavam e davam vislumbres do seu corpinho firme a cada volta e rodopio. Sempre tivera um corpo esguio e bonito, embora coma que nem um pardal — dez vezes o seu peso só num dia. É a única pessoa que eu conheço que consegue comer um almoço completo no refeitório principal, constituído por todas as gorduras e hidratos de carbono conhecidos à face da Terra, todos os dias, e não ficar violentamente doente nem engordar. A cabra.

A música aumentava de ritmo e Michelle/Terpsicore aumentava os

movimentos sedutores que fazia por entre os divãs. Os centauros estavam mesmo a divertir-se — tinham parado de mastigar porque estavam entretidos a mirar. Era mesmo boa dançarina. Agora fazia uma coreografia espantosa — sexo e graça juntos numa bola deliciosa. Como se fosse o Bob Fosse a dançar o *Lago dos Cisnes*. As ancas sexys dela mexiam-se ritmicamente e parecia que convocavam cada pedacinho de energia erótica presente na sala. Estava a fazer contacto visual com cada membro masculino do público, e a malandra ainda por cima começou a acariciar-se a si própria!

O que me recordou da terceira das paixões dela... homens. Michelle adora homens. Altos, baixos, peludos, lisos, musculados, esbeltos... etc., etc. Gosta de todos, desde que uma parte da anatomia seja grande (e não, não me refiro à carteira). Sim, ela gosta mesmo de um pénis grande e rijo mais do que qualquer mulher que eu conheça. Com ela é uma verdadeira arte. Não é exatamente galdéria — digamos apenas que os homens são um pasatempo e que ela tem o tempo incrivelmente ocupado.

A dança estava a atingir o clímax e ela arrepiava caminho para o centro da sala. Não havia dúvida, era uma mulher muito sensual. Dei uma olhadela ao Mr. Ed e vi que ele concordava comigo; dedicava toda a atenção a Michelle. Ela fitou-o e não desfitou a cada pulsação da música que lhe atraía as ancas (e as partes pouco vestidas) cada vez para mais perto do divã dele.

Como eu não estava romanticamente ligada a ele, foi-me fácil ver o sortilégio que ela lhe lançava às hormonas. Com um desprendimento clínico, apercebi-me de que deveria ter sido assim que Salomé conseguira fazer com que Herodes mandasse decapitar João Baptista. No acorde final, ela deixou-se cair numa pose saciada diante de nós e o público irrompeu em aplausos estrondosos. Ela ergueu-se com movimentos fluidos e agradeceu com vénias. Eu sorria, à espera de lhe captar o olhar. Porém, o meu olhar que queria dizer-lhe “boa malha” paralisou-se-me quando ela finalmente olhou para mim. A hostilidade nela ainda ficou mais óbvia quando deu rapidamente lugar a uma cordialidade fria.

— Que as bênçãos estejam contigo no teu vínculo, Amada de Eponina. — A voz era um émulo estranho da de Michelle. Parecia a mesma, mas as palavras soavam duras e inexpressivas, completamente despojadas da simpatia familiar que temos uma com a outra no outro mundo. — Espero que esta parelha te traga a alegria que tão ricamente mereces. — Com uma carícia visual para o par com o qual ela me desejava alegria, virou-se e saiu da sala a flutuar.

Ora, apalpem-me e chamem-me Tarzan — acho que acabei de ser insultada. Cada vez mais me intrigava o que Rhiannon teria andado a tramar.

Dizia-me um passarinho que ela podia não ser boa rapariga. Olhei para ClanFintan e reparei que os olhos dele ainda estavam fixos, ou será melhor dizer, presos, pelo vulto de Michelle que desaparecia.

— Ela dança bem, não te parece? — Reparei que ele acusava o toque com ar culpado e fiz um sorriso sabedor só para ele ver.

— Sim, Senhora minha, ela evoca bem a presença de Terpsicore. — A voz dele ganhara um tom decididamente roufenho. Quase ronronava. Como diríamos no Oklahoma, “Sugadito, rapaz, sugadito!”

Ora, em vez de desfitar aqueles olhos, ainda vítreos de paixão, e em vez de me aborrecer com a voz rouca e ronronante, dei por mim a sentir-me intrigada. A pretexto de me aproximar para ele me ouvir sussurrar, invadi completamente o Espaço Só Dele.

— A dança dela foi uma bênção à nossa ocasião. — O homem era mesmo quente. Eu nem sequer lhe tocava mas sentia o calor a irradiar do corpo dele. Coisa que, por alguma razão, me deu vontade de rir.

Para retribuir, ele inclinou-se para mim, o que me fez mesmo desatar aos risinhos (notinha rápida: luz amarela — alerta de vinho!). Enfim, a luz amarela é apenas um aviso.

— A dança do vínculo pretende ser mais do que uma bênção. — Ele calou-se e eu ergui o sobrolho a convidá-lo a prosseguir. — É normalmente usada como incentivo. — Na última palavra, aquela voz de veludo baixou até sussurrar como a minha. — Enquanto Encarnação da Deusa também, estou certo de que sabes isso muito bem.

Caraças!

Os meus olhos saíram dos dele para lhe percorrerem o corpo todo, e os dele fizeram o mesmo ao meu.

Ai que me esqueci de que ele era... bem... um cavalo?

Como se tivesse vontade própria, o meu corpo endireitou-se e rete-sou-se — decididamente para fora do Espaço Só Dele. Este movimento brusco acarretou uma onda de tontura, a vista desfocada e o coração descompassado. O Alerta Amarelo do Vinho passou a Vermelho.

— Ai... — A tentar pousar o vinho, falhei completamente o tampo da coluna. O vinho entornou-se. A taça tiniu e retiniu. Todas as atenções se voltaram subitamente para *moi-même*.

— Senhora minha, estás bem? — Bendita seja Alanna e a sua sempiterna ralação.

— Bebi de mais... — Quem me dera que ela parasse de se dividir em várias Alannas. Pisquei os olhos com força e consegui que a imagem dela voltasse a ser só uma pessoa. Massagei a testa e arrisquei uma olhadela a ClanFintan. Observava-me atentamente.

— Esgotaste-te sem necessidade, Dama Rhiannon. — A tentativa de

preocupação dele mais parecia um desafio. — Para quem esteve doente há tão pouco tempo, o dia hoje foi exaustivo.

Ora lá estava o eufemismo da década.

— Talvez seja altura de nos retirarmos. — Aquilo seria um ar malandro?

— Ahhhhhh.... — O barulho que me saiu era um misto de guincho e arquejo. Retirar-nos? Ir para a cama? Com ele? Biblicamente falando? Mas onde raio é que eu estava com a cabeça? De repente, apercebi-me de que ainda não tinha ponderado todas as consequências daquele vínculo. Sim, tinha falado com Alanna na questão de o consumir — ela deixara-me descansada — mas na altura eu ainda não sabia que o meu prometido era um cavalo! Tanta ralação por causa de sexo com um estranho, e não com bestialidade! Até senti apertos no estômago. Ai, não quero nada vomitar a comida deliciosa em cima deste divã.

— Ahhh... — E porque é que eu não pensara na questão do sexo? Da última vez que me casara, com o estúpido do meu ex-marido (a quem gosto de chamar projeto), eu não pensava noutra coisa além de ir para a cama com ele. Não era nenhuma virgem inocente que não sabia o que se passava numa noite de núpcias!

— Ahhh... — Parece que quase morrer e mudar de mundo é coisa para estragar completamente o raciocínio a uma pessoa. Já para não falar em beber vinho a mais. Terapêutico ou não terapêutico.

Pois bem podia pensar nisso agora.

Consumar a união.

Com um cavalo.

Que morde.



— **A**cho que vou vomitar.  
— Senhora minha, acompanho-te aos teus aposentos? — Pelo menos a preocupação de Alanna era genuína. As mãos dela estavam macias e frescas quando me tirou madeixas empastadas da testa visivelmente suada.

— Sim, se faz favor. — Pôr-me de pé foi uma experiência subitamente... Náutica. Tombar... Rolar... Aiii, que enjoo... Fechar bem os olhos.

— Ena... — Mesmo quando o meu rabo se preparava para embater no belo chão de mármore, senti que me içavam para uma toca quentinha.

— Com licença, Dama Rhiannon.

C'um caraças, o cavalo acabara de me pegar ao colo! Abri só um olho e vi-lhe a cara em grande plano. Não me estava a ligar nenhuma, limitava-se a assentir para Alanna, que o brindou com uma espécie de sorriso grato e começou a indicar o caminho por onde nós tínhamos entrado. Ao ver de cima o vulto dela a diminuir, lembrei-me do tamanho de ClanFintan — e do quanto acima do chão eu devia estar e...

— Ai. — Era melhor fechar os olhos e mais nada.

— Vais sentir-te melhor depois de dormires. — O tronco amplo dele vibrava com as palavras. De olhos fechados, ele fez-me lembrar um vibrador grande e quente, e tive de sustar um risinho parvo.

— Não me tinha apercebido de que bebera tanto vinho.

Ele fez um ruído no fundo da garganta que só reforçou o efeito de vibrador.

— Bebeste deveras.

— Tu vibras quando falas.

— Como?

— Não faz mal, eu gosto de vibradores. — Percebi que parecia uma bêbada, o que não fazia mal porque me sentia mesmo bêbeda. Por qualquer razão, sentia a cabeça pesada, como se o cabelo pesasse muitíssimo. Com um suspiro, senti-me deitá-la no ombro de ClanFintan/Mr. Ed. Ai sim, eu estava mesmo entregue à bebedeira.

— Cheiras bem. — Sim, apercebi-me de que pensava alto. E sim, apercebia-me de que ia ter uma dor de cabeça enorme da ressaca. Mas não, não havia muito que eu pudesse fazer quanto a isso. Risinhos.

— Bebeste mesmo de mais.

— A sério?

Ouvi-o resfolegar outra vez, o que ressoou no peito e me fez desatar aos risinhos. Depois reparei que já não resfolegava mas ainda ressoava, e tive de abrir os olhos.

Ele ria-se. De mim, mas ria-se. Era uma bela gargalhada, e a cara dele passou de bem-parecida e fria a bem-parecida e simpática.

Claro que nesta altura já os risinhos me faziam soluços, e isso é que o levou à gargalhada.

Alanna parou diante da porta que me lembro vagamente de ser a do quarto de Rhiannon, e parecia que lhe estava a custar sustar o riso também ao olhar para nós. Viu que eu olhava para ela no meio dos risinhos e soluços meio histéricos e ficou muito corada antes de se virar apressadamente para abrir a porta e nos deixar entrar. Pois, Rhiannon não tinha obviamente sentido de humor nenhum.

— Canudo, *hic!*, que tenho, *hic!*, uma cama, *hic!*, mesmo grande!

Ele pousou-me na cama mesmo grande e estudou-me ainda com um sorriso.

— Obrigada, *hic!*, pelo volteio, *hic!* — Desfiz-me em risinhos ébrios nas almofadas macias da cama, não podendo deixar de achar graça. Agradecer-lhe pelo “volteio”, isso é que tinha mesmo pilhéria.

— Estás diferente desde a última vez que te vi. — O sorriso ainda lá estava, mas a voz tinha um tom contemplativo que, mesmo alterada pelo vinho, eu soube reconhecer. Olhei para Alanna e vi que o rubor alegre das faces lhe passava a branco como a cal da parede.

Senti-me tentar acalmar a ebriedade.

— Sou eu, como... de costume.

— Não há nada de costume contigo, Dama Rhiannon. — O sorriso desvaneceu-se e, por um segundo, tive pena de o ver partir. Depois lembrei-me de que ele era um cavalo e aquela era para ser a nossa noite de

núpcias — e, segundo a cara receosa de Alanna, havia montes de coisas a acontecer de que eu não sabia pevas.

Fechei os olhos e deixei-me dizer em voz arrastada uma resposta sussurrada.

— Não interessa... — E bocejei tanto que mais parecia já rressonar. Alanna aproveitou a oportunidade como se fosse uma deixa.

— Senhor, não te importas que te leve aos teus aposentos? — O silêncio que se seguiu deu-me vontade de abrir os olhos, mas ainda sentia o olhar dele, pelo que me limitei a bocejar rruídosamente, num som nada senhoril.

— Os teus aposentos são contíguos a estes, Senhor. — A voz de Alanna era insistente.

— Sim, estou realmente pronto a retirar-me. — A voz dele voltara a uma formalidade fria. A retirada do quarto foi barulhenta e abrupta.

Tão barulhenta que quase abafava a voz melodiosa de Alanna.

— Senhor, ela tem passado por muito. — A brandura da voz dela imitava tão bem a de Suzanna que eu senti uma onda de saudades assolar-me.

— Todos temos. — E a porta fechou-se como um ponto final sombrio.

— Ele saiu, Senhora minha.

E a minha sensação de leveza e embriaguez também. Não há nada como intrigas pessoais num mundo especular alternativo para nos chamar à realidade.

Alanna voltou e foi a uma bacia com água na cómoda aos pés da cama. As mãos tremiam-lhe a fazer os gestos para torcer um paninho.

— Ele sabe que eu não sou Rhiannon.

As mãos ainda lhe tremiam quando me limpou a testa suada com o pano fresco.

— Não, Senhora minha, ele apenas sabe que és diferente do que ele esperava.

— Fala-me de Rhiannon. — As mãos sossegaram.

— É a minha senhora e Sumo-Sacerdotisa, Encarnação da Deusa Eponina.

— Já sei isso tudo. Diz-me que tipo de pessoa ela é.

— É uma pessoa de poder.

Suspiro.

— Alanna, não me refiro a isso. Refiro-me à personalidade. Dizes que ela não é como eu, portanto quero saber como ela é.

Silêncio.

— Não sabes já de mim o bastante para não teres receio de me contar a verdade?

— É difícil, Senhora minha.

— Está bem, eu ajudo. Conta-me porque é que ClanFintan não gosta dela.

— Ela não queria vínculo com ele, e evitou-o o mais que pôde. Quando não conseguiu deixar de o receber, tratou-o friamente. — Alanna desviou o olhar do meu.

— Porque é que não acabou com o noivado?

— O dever: a Encarnação de Eponina sempre se uniu a um Sumo-Xamã dos centauros. Se quiser permanecer Sumo-Sacerdotisa, tem de criar vínculo durante pelo menos um ano com ClanFintan. No entanto, a maioria das uniões entre Amadas de Eponina e Sumo-Xamãs duram toda a vida.

Ela parecia mesmo constrangida a falar naquilo.

Pudera!

— Eu sei que não sou de cá, mas não posso censurá-la por não querer fazer sexo com um cavalo! — Alanna pestanejou, admirada. — Quer dizer, até eu estou passada. — Alanna tentou interromper-me mas eu pus a mão no ar e calei-a. Estava a ficar sóbria e estava imparável. — E não me agrada nada que não me tenhas avisado. Ele é bem-parecido, e parece normal quando se descontrai, mas em que raio estão vocês a pensar? Como é que eu vou, bem, fazer isso? Só a logística é de deixar a cabeça à roda!

— Senhora minha, não é o que estás a pensar. — Ela estava mesmo corada. — Ele é Sumo-Xamã. — Alanna falou como se isto esclarecesse tudo.

— Pois, e é um cavalo, catano!

— O que é um cavalo catano?

— É uma expressão. Ando a ver se não digo palavrões. Deixa lá. — Suspiro. — Estás a dizer que eu e ele não temos de consumir o vínculo?

— Não, claro que não. — Aqui parecia chocada.

— Não, não temos de consumir, ou não, temos de consumir? — Já tinha dores de cabeça outra vez.

— Sim, têm de consumir o vínculo.

— Explica como, por favor. Ele não é cavalo da cintura para baixo? — Credo, até me doía a garganta.

— Bem, sim, Senhora minha. Na sua forma atual. — Agora ela estava vermelha como um tomate.

— Alanna, não sei de que raio estás a falar! Que outra forma tem ele?

— Ele é Sumo-Xamã, quer dizer que pode assumir muitas formas diferentes. A de homem é apenas uma delas.

— Isso é impossível. — Não era?

— Para ClanFintan, não é. — Ela falou com a maior normalidade, como se fosse água a correr monte abaixo, ou vinho a fazer risinhos e soluços.

— Então, não tenho de fazer sexo com um cavalo?

— Não, Senhora minha.  
— Mas que alívio.  
— Sim, Senhora minha. Eu ajudo-te a ficar mais confortável. — E desatou a afadigar-se à minha roda, a tirar-me o diadema, as joias, a maquiagem...  
— Ainda não me falaste de Rhiannon.  
Agora quem suspirava era ela.  
— Ela sabia que ClanFintan se pode fazer humano?  
— Claro que sim, Senhora minha.  
— Para de mexer! Eu estou bem. Senta-te aqui e fala comigo. — Ela sentou-se a meu lado com relutância, muito tesa e constrangida.  
— Não era ClanFintan quem ela abominava, era a ideia de emparelhar com qualquer macho.  
— Porquê? — Lindo, eu era lésbica. Não é que eu seja homofóbica nem nenhuma estupidez dessas, mas ser homossexual só iria complicar uma situação já de si difícil.  
— A Dama Rhiannon deixou claro como água a ClanFintan que não ficaria contente limitada a um único homem. — Alanna parecia envergonhada e triste. — Nem sequer só por um ano.  
— Não admira que ele não goste de mim. — Agora tudo fazia sentido.  
— Sim, Senhora minha.  
— Tu não achavas bem o comportamento dela, pois não?  
— Não me compete achar nada do comportamento da Dama Rhiannon. — A voz era neutra e impessoal.  
— Porque não? Não és assistente dela ou coisa assim?  
— Assistente?  
— Pois, como uma secretária executiva, ou alguém que orienta o horário dela? Sabes, colaboradora.  
— Senhora minha, eu sou criada dela.  
— Parece que ela não te dava valor, nem um título com um nome digno. Aposto que o ordenado também é uma treta. Não podes demitir-te?  
— Não compreendes, Senhora minha. Ela é minha dona. Eu sou propriedade dela.  
Oh, meu Deus.  
— És escrava dela?  
— Sim, e agora sou tua escrava, Senhora minha.  
— Não! Eu não posso ter escravos. Eu dou-te alforria, dá-me a carta para assinar, ou coisa assim. Isto é absolutamente ridículo  
— Não deves fazer isso, Senhora minha. — Ela empalidecera mais uma vez e a voz resumava de pânico. — Ser escrava de Rhiannon é a minha

vida. Os MacCallan compraram-me para a filha quando eu era criança. É assim no nosso mundo.

— Não é o meu mundo.

— Agora é, Senhora minha.

Senti-me assolada por uma onda de cansaço. O que é que eu estava ali a fazer? Como é que aquilo podia ser real?

— Dorme, Senhora minha. Amanhã tudo será mais claro.

— Amanhã tudo continuará a ser lixado e bizarro. — Mas o sono puxava-me. O vinho e o desgaste do dia aliaram-se para criar um excelente *Tylenol*. Os olhos fechavam-se-me como chumbo, a força e a vontade de os abrir foram-se. A escuridão foi um repouso bem-vindo.

Além da Escócia de Diana Gabaldon e do mundo de Pern de Anne McCaffrey, a Terra dos Meus Sonhos é o meu destino preferido. Sempre sonhei a cores (e a três dimensões, claro) e sonhos maravilhosos. A Terra dos Meus Sonhos é povoada por heróis alados que se apaixonam pela heroína (eu, claro), que salvam o mundo (com o céu num lindo tom de lilás) e depois extraem diamantes facetados de carvões com mãos fortes (mas gentis). O meu pretendente preferido roga-me sempre o privilégio de poder pagar o extrato enorme do meu cartão de crédito gasto na Ann Taylor, para provar o seu valor. Entre cenas em que o Pierce Brosnan me faz a corte (e também voa), vou preguiçando no céu lilás em nuvens de algodão-doce (mas não pegajoso) a coçar as barrigas de gatinhos gordos pretos e brancos, a beber uísque de malte com cinquenta anos e a soprar cabecinhas de dentes-de-leão, as quais se transformam em flocos de neve.

Assim sendo, é compreensível que entrar na Terra dos Meus Sonhos fosse coisa mui almejada, após vários dias de desgaste e mudança de mundos. Enrolada de lado, a respirar compassadamente, caí contente num sono profundo, desejosa de ver o próximo sonho na minha fantasilândia.

Por isso também, não me senti alarmada quando comecei a ter uma sensação de leveza, abri os olhos e vi que a alma se me separava do corpo dormente, e eu saía pelo telhado do meu quarto.

Tinha mesmo uma cama grande — mesmo vista de cima.

Voar ou flutuar é um efeito secundário muito fixe quando vou de visita à Terra dos Meus Sonhos. Concedo que, em sonho, geralmente tenho de dar uma corridinha e esticar os braços para a frente, antes de poder saltar do chão e elevar-me nos ares mas, que diabo, é a Terra dos Meus Sonhos, pouco tem a ver com a realidade — maneiras que vale praticamente tudo...

... Voltemos à saída pelo teto do quarto. A flutuar cada vez mais alto e para fora dos confins do Templo de Eponina, tive um momento de vertigens

muito invulgar. Voar é sempre uma experiência onírica agradável, pelo que a sensação de tontura e aperto no estômago me surpreendeu, mas a vertigem foi fugaz e depressa me esqueci daquela estranheza momentânea. A flutuar no ar da noite, sentia-me descontraída, a respirar fundo e a desfrutar da beleza das nuvens altas e tufadinhas que passavam diante de uma lua quase cheia. Reparei que não eram as nuvens de algodão-doce dourado, típicas dos meus sonhos, o que também era esquisito. Apercebi-me também, sim, de que neste sonho era capaz de cheirar o ar noturno, mas os sonhos normalmente são bastante explícitos e realistas, pelo que tive curiosidade, mas não me ralei muito com os vagos desvios do padrão. Afinal, era outro mundo. Se calhar também tinha afetado a Terra dos Meus Sonhos.

Olhei para baixo e vi que o sonho me tinha arquitetado um conjunto completo de edifícios bonitos que rodeavam o majestoso templo. O movimento num curral do lado de fora de um edifício opulento que devia ser um estábulo chamou-me a atenção. O estábulo até era contíguo ao templo, mas pareceu-me normal porque era o lugar de culto da deusa dos cavalos e, claro, a minha planta de sonho só podia dar aos cavalos privilégios adicionais. Além disso, eu gosto mesmo de cavalos — já sonhei que cavalgava *Pégaso* muitas vezes. O movimento chamou-me a atenção outra vez, e o meu corpo de sonho desceu a flutuar até ao curral até pairar sobre o muro de pedra. Uma rajada de vento tirou as nuvens da frente da lua e a claridade súbita alumiu o interior do curral. Sorri e fiz “ohhh” perante a perfeição de uma égua branca prateada. Quando me ouviu, ela parou de mastigar e levantou a cabeça bonita na minha direção, a soprar baforadas cálidas.

— Olá, minha linda. — A égua arqueou o pescoço ao som da minha voz. Fiquei encantada ao ver que, em vez de ter medo do meu corpo flutuante, ela parecia reconhecer-me (o sonho era meu, afinal) e avançou para mim. Estendi as mãos e ela esticou o focinho.

Era um animal espantoso. Fazia-me lembrar os garanhões Royal Lipizzaner que vi há muitos anos, quando a digressão passou por Tulsa. Era uma égua de bom tamanho, talvez quinze mãos de altura. À distância, parecia que o pelo era de uma única cor de prata cintilante, mas quando se acercou de mim, vi que o focinho era escuro como veludo negro, e o manto de prata se fundia em negro perto dos olhos expressivos e dos jarretes bem torneados. Nunca tinha visto um animal como ela, e não pude deixar de sorrir para a minha imaginação onírica. Ela continuou a mastigar e eu despedi-me com um longo olhar, antes de subir ao ar da noite. Talvez voltasse antes de o sonho terminar e pudéssemos dar uma bela volta no céu.

Parecia que as nuvens tufadinhas tinham desaparecido de vez, e da vista aérea pude virar o corpo flutuante em círculo e contemplar assim todas as direções. O complexo de edifícios do templo tinha um enorme muro de

mármore a circundá-lo. A terra fora do templo propriamente dito era bonita e verdejante, fazia-me lembrar a Úmbria em Itália (levei dez alunos meus numa “visita de estudo” a Itália há uns anos; saíram-se muito bem a tomarem conta de mim). Parecia que os montes estavam cobertos de vinha. Era de prever, o meu sonho tinha de meter vinho de qualquer maneira. Era de esperar então que um escanção flutuante e parecido com o Pierce Brosnan aparecesse para servir um *Merlot* da minha preferência.

Porém, se calhar já tinha bebido vinho que chegue para uma só noite, porque o Pierce nunca mais aparecia.

Pareceu-me divertido explorar aquela nova Terra dos Meus Sonhos, e continuei a flutuar e a mirar tudo. À distância, provavelmente a norte do templo (mas não vão por mim, sou uma tansa a orientar-me), vislumbrei o que me pareceu ser uma serra grande. Comecei a flutuar nessa direção e tornei a reparar na brisa que me parecia um estranho bónus à Terra dos Meus Sonhos porque tinha aroma. A brisa vinha de oeste e virei a cabeça àquela calidez. Respirei fundo e reconheci o cheiro a... hum... Maresia, pareceu-me. O mar? Esta mudança de atenção também alterou o sentido do meu corpo flutuante, e senti-me flutuar com o vento. Semicerrei os olhos e lobriguei mal umas chamas tremeluzentes e, talvez, o reflexo da lua na água. A sorrir na expectativa das possibilidades oníricas, decidi-me por essa direção — e fiquei chocada ao ver a rapidez com que o meu eu sonhador reagia.

A terra que me fugia por baixo tinha aldeiazinhas sonolentas espalhadas entre montes verdejantes cobertos de vinhedos. Um rio cintilante interligava tudo e reparei em barquinhos chatos atracados em cada aldeia. O cheiro a maresia era mais forte, e vi uma grande massa de água à distância cada vez menor na minha trajetória de voo. O litoral parecia imponente — acidentado e verde, o que me fez lembrar os Penhascos de Moher na Irlanda (levei alunos à Irlanda num verão; chamámos-lhe Visita de Estudo aos Pubs). O litoral estendia-se a perder de vista ao luar e, quando o horizonte escuro e líquido se juntou ao céu noturno, avistei a silhueta da serra ocidental em que reparara antes.

O corpo ainda era impelido para a frente e vi que me dirigia a uma estrutura ampla e sólida na beira de um dos penhascos mais façanhudos (tipo o Castelo de Edimburgo — sim, levei um grupo de alunos à Escócia, também; não lhes dei trabalho nenhum, digam o que disserem). Acerquei-me e senti-me abrandar, pelo que pude observar bem o que me era apresentado com maior clareza.

Era um castelo antigo enorme e maravilhoso, e eu flutuava diretamente sobre a entrada do lado oposto ao mar. Ao invés de tantos castelos que vi na Europa, aquele parecia estar em perfeitas condições, e quatro torres ma-

ciças com bandeiras hasteadas onde se via uma égua prateada e empinada. Hum. Era tal e qual a égua bonita que estava no templo.

As traseiras do castelo ficavam à beira do penhasco façanhudo; os habitantes deviam adorar aquela vista espantosa. A fachada do castelo, sobre a qual eu flutuava, dava para um planalto arborizado que fazia um declive suave até chegar a um vale onde se aninhava uma aldeiazinha. Havia uma estrada bem gasta da aldeia até ao castelo pelo planalto cheio de árvores, o que provava a convivência fácil entre povoação e alcáçova. As típicas muralhas e contrafortes rodeavam o castelo e uniam-se numa enorme entrada com portões de ferro mas, em vez de parecer ameaçador e frio, o castelo estava bem iluminado e a entrada aberta e acolhedora. Um castelo que servisse de fortaleza estaria guardado e fechado. O bosque de árvores centenárias não existiria, seria campo aberto para que o inimigo não pudesse esconder-se. O meu castelo de sonho não era, obviamente, belicista e provavelmente teria a “guardá-lo” (quem mais senão) Pierce Brosnan! O mais certo era ele estar lá dentro, à espera que eu acabasse a voltinha flutuante, para me poder besuntar com óleo de coco cor-de-rosa muito comestível de corpo inteiro. E depois lamber devagarinho. *Nham...* Por isso é que era estranho que eu sentisse o corpo ainda a flutuar sobre o castelo. Pronto, estava mais que preparada para deixar de voar e passar à parte mais “pessoal” do meu sonho.

Sorriso expectante.

Nada.

Ainda flutuava.

*Pronto, quero parar de voar agora!*

Nada. Mas que raio era aquilo? A Terra dos Meus Sonhos era invenção minha; obedecia-me a mim. Ainda me lembro de quando assimilei que nem toda a gente teria capacidade para controlar os próprios sonhos. Estava eu no terceiro ano e uma amiga estava pálida e parecia transtornada numa segunda-feira de manhã. No intervalo, perguntei-lhe o que se passava e ela contou-me a coisa mais espantosa — que tinha tido um pesadelo terrível nessa noite. Eu disse-lhe que bastava mandar o sonho mudar; ela olhou para mim como se eu fosse maluca (ou metesse medo) e disse-me que era impossível. Os sonhos tinham vontade própria. Até então, nunca me ocorrera que nem toda a gente podia controlar os seus. Se os meus sonhos comesçassem a ficar desagradáveis ou assustadores, eu mandava-os simplesmente mudar, e eles obedeciam. Em trinta e cinco anos, nunca tive um sonho que não me obedecesse. As amigas pensam que é uma coisa muito fixe, os namorados pensam que estou a inventar. Os meus sonhos sempre foram controlados por mim.

Até àquela noite.

A pairar sobre o castelo, a sensação de confusão acumulou com a frus-

tração crescente. Não diria que aquilo era um sonho “mau”; era mais chatinho. E que queria mesmo que parasse...

Mudou tudo. O medo assolou-me. Nunca me tinha acontecido uma coisa daquelas. Fiquei mais apavorada do que no desastre de automóvel. Mais horrorizada do que fico com cobras. Era o medo cru que vem da certeza de estar na presença do maligno. Um mal vivo como aquele que inspira pedófilos ou violadores ou terroristas.

Tentei não entrar em pânico, respirei fundo várias vezes e lembrei-me de que aquilo era um sonho... era só um sonho... Mas a sensação não amainava. Olhei para baixo e contemplei o castelo em busca de pistas que me explicassem o terror. O castelo parecia adormecido e inocente. Numa sala adjacente à muralha perto dos portões abertos à frente, via-se dois homens de farda que seriam guardas ou sentinelas. Sentados a uma mesa de madeira, jogavam aos dados. Não havia mal nenhum naquilo; empregados folgados, talvez, mas nada de vilania. Havia mais salas com luz no castelo, e de vez em quando via-se figuras pelas janelas. Não parecia haver ninguém a cometer assassinio, violação nem pilhagem. No lado do castelo que dava para o mar, vi um homem num parapeito de vigilância, mas não trucidava bebês nem violava avozinhas; estava só a ver. Ali também não havia mal nenhum.

Mas havia. Eu sentia-o. Quase podia cheirá-lo e tocar-lhe. Era como passar com o carro por cima de um animal há muito morto na estrada. O fedor agarra-se às rodas do carro e sente-se na garganta, mesmo passados muitos quilómetros.

Senti o corpo virar-se enquanto eu continuava a busca, e dei comigo a sobrevoar a floresta...

Era aquilo. Não havia questão, o mal estava lá, vinha da floresta. Emanava da beira setentrional, da parte que se fundia nas montanhas distantes. Era tão forte que me custou a manter a vista focada nessa zona; estava sempre a mudar, como se eu tentasse concentrar-me numa imagem a três dimensões e não lograsse ver a cena oculta.

Quando o meu olhar deslizou sobre as árvores, sem focar nada, vi-o. Era uma ondulação no negrume do arvoredado coberto pela noite. Pestanejei, foquei a vista acima da linha de árvores e a floresta tornou a ondular. Era como a tinta a infiltrar-se numa página nua — sombras rastejantes, oleosas e espessas. Movia-se uma massa qualquer pelo arvoredado fora, singular na intenção e na postura. A linha de avanço era rápida e silenciosa.

Fiquei boquiaberta quando assimilei. O destino era óbvio — convergia sobre o castelo adormecido.



**E**u não podia fazer nada. Tentei gritar para os guardas que jogavam aos dados, mas a minha voz fantasmagórica foi levada pelo vento. O corpo não queria descer e, por momentos, senti-me vergonhosamente grata quando me apercebi de que a ideia de estar no castelo com aquela escuridão iminente me aterrorizava. E não conseguia acordar. Voltei a olhar para a beira da linha de árvores e fiquei aterrada pelo avanço que a escuridão conseguira fazer. Aproximavam-se e o mal que emanava deles parecia mais denso. Como é que alguém no castelo podia dormir ou jogar às cartas ou simplesmente conviver? Como é que podiam não sentir também?

De súbito, deixou de ser um sonho para mim. Ali, naquele momento, o horror iminente passou a ser a minha realidade.

Como se reagisse aos meus pensamentos, o meu corpo flutuou para mais perto da linha negra. Eu estava apavorada, mas curiosa e empenhada em saber o que se passava. Vi a linha da frente sair das árvores. Acerquei-me mais.

A princípio achei que eram homens altos com mantos negros e fluidos. Parecia que corriam a passadas muito largas, e depois galgavam, como um atleta de salto em altura, só que não aterravam sobre os dois pés e tombavam no chão, pois não deixavam de correr. Aquela estranha deslocação devorava a terra debaixo deles e criava a ilusão de planar mais do que de correr.

Como se fossem, em vez de seres vivos, espectros ou sombras dos mortos.

Iam-se aproximando e eu fiquei intrigada pela forma dos mantos longos e fluidos. Vi-os mexerem-se contra as correntes de ar causadas pela corrida planadora, até me aperceber, horrorizada, de que esse movimento era voluntário. Saíam cada vez mais da floresta e compreendi finalmente o que eram os mantos — eram asas, enormes asas negras que se abriam e apanhavam o vento, que ajudavam a galgar e a planar.

Senti um arrepio de repugnância pelo corpo inteiro. Deviam ser às centenas. Eram como enormes morcegos predadores humanoides, ou baratas humanoides gigantescas. Comecei a lobrigá-los individualmente, e às feições. Só as asas é que eram negras, mas como eram amplas e estavam abertas, davam a tudo aquele negrume. Na verdade, debaixo das asas, os corpos eram tão brancos que mais pareciam translúcidos. Estavam nus, tirando um pano a cobrir as partes, e os troncos magros pareciam só esqueleto. O cabelo era claro, louro, branco, prateado. Os braços e as pernas anormalmente compridas, como seria se um ser humano procriasse com uma aranha. Mas eram decididamente humanoides. Tinham cara de homens — homens cruéis e determinados.

Passou-me pela ideia um poema de Robert Burns:

Muitos e grandes os inúmeros defeitos  
Que grassam no nosso temperamento;  
Ainda mais gravoso, somos atreitos  
A remorso, vergonha e arrependimento;  
E o Homem, rosto virado ao céu  
Enfeitado pelos sorrisos do amor,  
A desumanidade do homem para o homem,  
Condena milhares a morrer na dor.

Não consegui tirar os olhos deles quando se derramaram pelas portas abertas do castelo por baixo de mim, como a virulência de uma praga terrorista, e entraram. Entraram no castelo, mudos e mortíferos. Os jogadores de dados não repararam. Não se abriram portas nem janelas. Silêncio. Silêncio. Silêncio.

Mas eu sentia-os. De algum modo, sentia o que eles levavam. Não conseguia ver o que acontecia nas muitas salas abaixo de mim, mas conseguia sentir o terror e o sofrimento a alastrar no castelo silencioso como um cancro mudo a espalhar-se num corpo doente.

Freneticamente, procurei maneira de os avisar. Maneira de os ajudar. E o meu corpo errante começou a flutuar noutra direção. Dessa vez levava-me ao homem solitário ainda especado no parapeito de observação. Quando me aproximei, o vulto assumiu contornos familiares.

Oh, meu Deus. Com isto fiquei sem fôlego.

— *Pai!*

Ele virou-se ao ouvir-me a voz, olhou em redor, à minha procura, e pude vê-lo claramente ao luar. Era o meu pai. Que se lixe a treta do reflexo ao espelho; que se lixe a treta do mundo alternativo. Aquele homem era o meu pai.

Com cinquenta e poucos anos, aquele corpo de futebolista ainda tinha robustez. Uma vez, um primo meu disse-me que, em pequeno, achava que o meu pai era o homem mais forte que ele jamais conhecera — e agora em adulto tem a certeza. E deve ter razão. Não é que o pai seja grande, não. Só com um metro e cinquenta e cinco, quando terminara o liceu numa terrinha da província, tinham-lhe dito que ele não podia jogar futebol numa equipa grande como a da Universidade do Ilinóis, mas não contavam com a sua tenacidade. Como um buldogue mauzão, era impossível deixarem-no no banco. Depois de uma carreira de sucesso no futebol universitário, o pai passou as suas qualidades aos jogadores que treinava, foi recrutado pelo maior liceu do Oklahoma e foi o treinador que levou a equipa ao campeonato estatal sete anos seguidos. E venceu todos esses anos.

Sempre fui a Menina do Papá. Cresci a confiar na força dele. Em pequena sabia que não havia dragão que ele não pudesse caçar para mim, demónio que ele não pudesse escorraçar.

Vi isso tudo refletido no homem abaixo de mim.

— *Pai!*

Ele levantou a cabeça ao ouvir a minha voz incorpórea, mas a fronte mostrava perplexidade. Será que me conseguia ouvir bem?

— Rhiannon? Estás aí, filha?

Talvez só ouvisse o eco da minha alma. Convoquei toda a concentração numa única palavra, como uma prece, e gritei:

— Perigo! — A palavra terminou num soluço.

— Sim, moça, senti perigo na noite!

A fronte desanuviou-se e ele começou a dar grandes passadas para fora do parapeito. Saltou para a passadeira que corria ao longo do interior da muralha e lançou-se a correr. O meu corpo flutuante ia logo atrás dele, rumo à torre de vigia, e ouvi-lhe a voz como a conhecia, só que com um sotaque cerrado muito ao estilo escocês.

— Às armas! Acordem o castelo! Eponina avisou-me do perigo! Depressa, moços, sinto formigueiro, não temos muito tempo. — Pela janela, vi o choque na cara dos guardas quando seguiram o homem que se parecia com o meu pai. Pegaram em armas e acorreram às entranhas da torre, e ouvi-os acordarem outros homens. A noite encherá-se do barulho de homens aos berros e metal a ribombar.

E gritos, que vinham dos quartos interiores do castelo.

Liderados pelo meu pai, meio vestidos em kilts afivelados à pressa, os homens despachavam-se a pegar em armas e a saírem das casernas nas torres rumo ao coração do castelo, mas o inimigo já lá estava. Impotente, vi as criaturas saírem do castelejo para defrontarem os guardas. O sangue das primeiras vítimas turvara-lhes a brancura da pele. Não eram criaturas de pesadelo — eram o próprio pesadelo. Não lhes vi armas nas mãos mas, quando os guardas começaram a atacar, espadas e escudos de pouco valiam contra os dentes e as garras das criaturas humanoides. A quantidade e a ferocidade delas esmagavam os guardas do castelo. Muitas das criaturas tinham tempo de parar e devorar o sangue e as entranhas quentes de homens ainda vivos, enquanto outras as contornavam para retomar a matança. Não há som comparável ao rasgar da carne, e, ali especada, senti a minha alma começar a vacilar.

Perdera o pai de vista, e tentei aproximar-me mais da batalha. O corpo não me obedecia. Não era preciso — avistei-o. Rodeado de criaturas humanoides. Escorria sangue de feridas abertas nos braços e no torso, mas o espadeirão ainda girava em arco à volta dele. Aos pés tinha duas coisas decapitadas, vítimas da sua força. As criaturas acossavam-no, com o cuidado de não ficarem ao alcance da espada.

— Venham cá, malditos cobardes!

A voz chegou-me, e reconheci-lhe o desafio. Só o ouvira uma vez, num treino de futebol. O pai pusera no banco o melhor defesa da equipa, pois fora apanhado a roubar numa loja da terra. O espertalhão do miúdo refilava com o meu pai em como o que fazia fora do campo não importava, que ainda era o melhor da equipa. O pai levou-o (e ao ego dele) para o meio do campo e, com a equipa inteira a ver, desafiou o miúdo: “Podes jogar amanhã se me deitares abaixo”. O miúdo tinha quase mais 15 centímetros do que o meu pai, era trinta anos mais novo, pelo menos, e pesava mais cerca de vinte quilos, mas não conseguiu derrubá-lo, e de certezinha que não entrou em mais jogo nenhum nessa época.

Ouvi o eco desse desafio na voz do homem abaixo de mim. A postura era a mesma, a força era a mesma. Mais uma vez tinha razão, mas desta vez eu sabia que não importava. Chamara a atenção de mais criaturas. Uma a uma, o cerco aumentou, até que ficaram pelo menos vinte, as asas retesadas, as bocas sangrentas arreganhadas na expectativa.

Nunca me esquecerei dele ali. Não mostrou medo. Continuou calmo e confiante. Como um só, elas começaram a convergir. Vi o reflexo do espadão, a ferir a primeira, a segunda e a terceira, até que deixou de conseguir. Depois os dentes delas chegaram a ele. O pai lutou com os punhos, empapados do próprio sangue. Mesmo quando tombou de joelhos, não gritou.

E não cedeu.

Mas eu não aguentava mais. Senti que a minha alma se despedaçava com o corpo dele e gritei a minha agonia para a noite...

E fui arrancada ao sonho de repente.

— Não! Pai, não! — O corpo tremia-me e tinha as faces molhadas das lágrimas.

Alanna e ClanFintan entraram de rompante por portas diferentes, quase no mesmo instante.

— Senhora minha! Senhora minha, o que aconteceu?

Alanna correu para mim. Sem me ralar que ela não fosse mesmo Suzanna, abracei-me a ela e chorei.

— Foi um horror. — As palavras saíram-me por entre soluços entrecortados. — Mataram o meu pai. Não pude fazer nada, tive de ver tudo.

Alanna fazia barulhinhos apaziguadores e festinhas nas minhas costas.

— Há perigo? Devo chamar os guardas? — A voz de ClanFintan era a de um guerreiro, e eu tive a súbita sensação de que ele seria valoroso em batalha e, como a premonição do mal no sonho, soube que também isso seria verdadeiro.

— Não. — Os soluços passavam a gemidos, mas as lágrimas ainda me corriam pelas faces. — Aconteceu no sonho, não foi aqui.

Senti que Alanna parava abruptamente. Afastou-me gentilmente dela e encarou-me.

— Tens de nos contar o que viste, Senhora minha. — A voz estava calma, mas senti-lhe o medo nas palavras.

— Foi um sonho.

Por cima do ombro dela, vi ClanFintan mexer-se, inquieto, os olhos escuros de emoção que eu não sabia identificar.

— O que te revelou Eponina, Rhiannon? — A voz dele cativava-me, e fechei os olhos, confusa.

— *Não foi sonho.* — Alanna sussurrou-me, ao ouvido, e senti mais arrepios de choque no corpo já castigado.

Oh, Deus, o que é que acontecera?

Obriguei-me a endireitar os ombros e a acalmar as tremuras do corpo, e fitei o olhar firme de ClanFintan.

— Preciso de um momento para me recompor, se faz favor. Depois conto tudo o que vi em sonhos.

A compaixão que lhe perpassou pelo olhar deu-me um vislumbre da sua bondade. Não admirava que fosse líder espiritual do seu povo.

— Claro, Senhora minha. A tua criada que me vá buscar quando estiveres pronta.

Sem me ralar com as consequências, retorqui:

— Não é minha criada, é a minha melhor amiga. — Senti Alanna sorver ar, chocada.

— Equívoco meu, Dama Rhiannon. A tua *amiga* que me vá buscar. — O sorriso dele parecia sincero e, inesperadamente, reconfortou-me.

Quando a porta se fechou sem ruído, voltei a tremer de corpo inteiro.

— Senhora minha, eu não sou tua amiga. Eu não posso ser tua amiga — disse Alanna numa voz assustada.

— Não, Alanna. Tu não és amiga de Rhiannon. Eras escrava dela, criada dela. Eu não sou ela. — Limpei os olhos e agradeci-lhe com um sorriso quando ela me passou um lenço para me poder assoar. — Sei bem que não és a Suzanna, mas não posso evitar vê-la em ti, e ela é a minha melhor amiga. Espero que me faças a vontade e que, com o tempo, venhas a sentir essa amizade por mim também. Alanna, preciso mesmo de uma amiga neste momento. — E desatei a chorar. Outra vez.

— O que dizes é verdade, Senhora minha, não és Rhiannon certamente. — Os olhos dela encheram-se de lágrimas de empatia e ela tirou-me o cabelo da cara e deu-me um abraço doce e espontâneo. — E parece que a tua voz voltou.

— Pois parece. — Senti que fazia um sorriso forçado e desajeitado, como se a minha cara se tivesse esquecido de como era.

— Posso trazer-te algo calmante para beber de modo a que a voz não enfraqueça outra vez?

— E se for chá quente? Quero ficar longe de vinho por enquanto.

Alanna bateu as palmas duas vezes e uma ninfa sonolenta apareceu para me servir (ai, credo, será outra escrava?). Parecia muito fácil ceder ao desespero e fiquei desanimada comigo mesma quando senti lágrimas novas.

— Alanna, ajuda-me a compreender o que se passou. — Limpei os olhos outra vez e controlei o desânimo que me ameaçava. — Dizes que o que vi é verdade? Como é possível?

— Passaste pelo Sono Mágico. É um dos dons que fazem de ti Sumo-Sacerdotisa e Amada de Eponina. Mesmo em pequena, eras capaz de mandar a tua alma adormecida sair do corpo e observar acontecimentos, por vezes até comunicavas com as pessoas. Não conseguias fazer isto no teu mundo?

— Não, assim igualzinho, não, mas sempre soube controlar os meus sonhos, o que é invulgar no meu mundo. Ia de visita a sítios inventados e

aconteciam-me coisas engraçadas. — Agora essa inocência fora-se. A Terra dos Meus Sonhos nunca mais seria um lugar de felicidade pura. Depois daquela noite, não. Estremeci outra vez.

— Seria desse modo que o teu dom se manifestava, num mundo sem Eponina. — Depois do que eu observara naquela noite, custava-me compreender porque é que a voz de Alanna soava triste.

— Mas porquê esta noite? Eu não “mandei” a minha alma a lado nenhum de certeza. Não te esqueças, Alanna, de que não sou Rhiannon. Porque é que aconteceria sem que eu compreenda sequer o que se passa? — Senti os olhos cheios de mais lágrimas. — Foi horrível. Porque é que fui obrigada a ver tudo?

— Talvez Eponina te tenha tocado esta noite porque queria que servisses de testemunha.

— A tua Deusa é assim cruel?

— Não, Senhora minha. Só se pode combater um grande mal com um grande bem.

A ninfa voltou com uma bandeja e um serviço de chá magnífico. Sorri-lhe em apreciação, e ela retribuiu timidamente. Quando se virou para sair, reparei que só trouxera uma chávena. — Faz favor. — A ninfa imobilizou-se. — Traz uma chávena para Alanna, ela faz-me companhia.

— S-S-Sim, Senhora minha.

— Obrigada. — Parecia confusa, mas saltitou dali para fora. Alanna estudava-me com o que já passava a ser a sua cara O Que Fazes Agora? — Não comeces, estou num stresse tramado para me ralar com tretas de escravos. Vais ter de te habituar a que eu te trate como amiga. Como diz o ditado, que se lixem os torpedos, avante a toda a brida!

— O que...

— É mais uma expressão. — O chá derramava um calorzinho reconfortante no meu corpo e já me sentia menos trémula. — Quer dizer para esquecermos o que temos contra nós e que passemos à frente. — A criadita ninfa voltou com outra chávena e passou-a a Alanna. Ainda parecia confusa, mas retribuía entusiasticamente o meu sorriso e fez vénias até à porta. Alanna serviu-se de chá com pouco à-vontade. — Muito bem, dizes que o que eu observei não foi sonho nem visão. Foi a sério, aconteceu enquanto a minha alma ou essência ou sei lá flutuava por cima de tudo?

— Sim, Senhora minha — disse ela numa voz triste.

— Então — respirei fundo várias vezes — ele morreu?

— As minhas sentidas condolências, Senhora minha.

A chávena tiniu na porcelana delicada quando a minha mão trémula a pousou no pires.

Uma ideia súbita fez-me parar de respirar.

— A minha mãe. E a minha mãe? — Senti um aperto no peito. Ela também, não. — Não a vi, mas ela não estaria com ele também?

— Senhora minha, a tua mãe faleceu pouco depois de nasceres. — Ela falava com voz branda; pousou a chávena no pires e pegou-me na mão.

— Ah... — A voz sumiu-se-me, fiquei a pensar. — Ah, ainda bem.

Alanna arregalou os olhos.

— Senhora minha?

— Não, não quero dizer ainda bem que ela morreu. — Alanna fez um ar aliviado. — Ainda bem que não foi morta por aquelas criaturas. No meu mundo, ela divorciou-se do meu pai quando eu era pequena. — Alanna parecia chocada. — E foi pelo melhor. Ambos se voltaram a casar e são muito felizes.

— Se assim o dizes, Senhora minha. — Ela parecia duvidosa.

— Aqui não há divórcio? — Com franqueza!

— Há, mas é desonroso.

— Sejam quais forem os costumes, ainda bem que a minha mãe não teve de passar por esta noite. — Não sei bem como, mas era mais fácil pensar que ela morreria trinta e cinco anos antes, não ter de a imaginar assassinada naquela noite. Como o pai. Respirei fundo.

Ainda abalada, fiz uma pergunta que, de súbito, tinha a maior importância para mim.

— Rhiannon era apegada ao pai?

— Creio que ele foi o único homem a quem Rhiannon conseguiu amar verdadeiramente. Não se voltou a casar e criou-a sozinho, não a mandou para longe, como tantos senhores teriam feito. — Ela fez-me um sorriso triste. — MacCallan tinha tanto orgulho nela. Era extremoso. Creio que ele via um lado dela que Rhiannon nunca se permitiu mostrar a ninguém. Portava-se muito bem ao pé dele.

Senti um aperto e um calor na garganta.

— Então temos mesmo algo em comum: o amor que sentimos pelos nossos pais.

— Tens de explicar o que aconteceu esta noite a ClanFintan. Ele pode ajudar. Confia nele, Senhora minha, pode ser um aliado poderoso. — Ela agarrou-me nas mãos e falou muito seriamente. — Tirando MacCallan, Rhiannon não ligava a nada que não lhe desse prazer, nem a ninguém que não pudesse manipular e ganhar vantagem. — Os seus doces olhos castanhos perscrutaram os meus. — Tu pareces-te com ela. Tens o fogo dela, o humor e a paixão dela mas, devido ao teu estranho mundo, e às diferentes escolhas que fizeste ao longo da vida, fizeste-te numa mulher muito diferente. Não creio que sejas como ela. Tens bom coração. Por favor, Senhora minha, que também tenhas mais bom senso. Não te esqueças de que o teu

pai aprovou a união com ClanFintan. Ele é forte e sábio, ele saberá como reparar esta desfeita horrível.

— Manda buscá-lo. — Apertei-lhe as mãos ligeiramente. Ela sorriu-me e tocou-me na face, antes de bater as palmas outra vez e de dizer à ninfa que apareceu que eu gostaria de receber ClanFintan. De repente, apercebi-me do estado de desalinho em que estaria e, com os dedos, comecei a tentar ajeitar o cabelo para ficar mais composto. As mãos ágeis de Alanna seguraram as minhas, agarraram numa escova que estava em cima da mesa de cabeceira e rapidamente moldaram o meu cabelo numa bonita trança francesa.

— Obrigada, amiga.

O sorriso simpático dela foi resposta suficiente.

ClanFintan entrou no quarto e fechou a porta sem ruído atrás de si. Sem hesitar, avançou para a beira da cama e estendeu a mão para pegar na minha.

— Aceita os meus sentimentos de pesar. O MacCallan era um grande chefe e amigo. — A mão dele era quente e firme. — Partholon inteiro sabe do teu amor por ele. — ClanFintan apertou-me a mão e depois soltou-a.

— O... Obrigada. — Senti a mão fria sem o calor da dele.

— Estás preparada para contar o que viste? — A voz funda estava cheia de preocupação.

— Estou. — Endireitei os ombros. — O sonho começou aqui. Saí pelo teto e fui ver aquela égua bonita. — Alanna e ClanFintan sorriram, e percebi que a égua também era verdadeira. — Depois elevei-me nos ares, a desfrutar a radiância da lua e da noite.

— Sim, a lua parece que nos chama. — A voz dele soou-me anelante.

— Pois, hum... — Os olhos dele eram bondosos e simpáticos a contemplarem-me. Credo, que péssima altura para me deixar atrapalhar por uma cara bonita, sei lá. — Bom, vi-me atraída pelo mar. E havia um castelo no penhasco que dava para o litoral. — Ele assentiu como se entendesse. — Quase desde o princípio, soube que algo não estava bem. Não, era mais do que isso. Soube que o mal estava presente. Não conseguia ver nada, mas sentia. — Ele tornou a assentir para eu continuar. — Tentei encontrar a fonte da premonição e olhei para a floresta. Era de lá que eles vinham. — Calei-me e estremeci. Alanna, que ainda estava a meu lado, pôs-me a mão no ombro para me reconfortar. — Eram horríveis. A princípio, achei que a floresta ganhara vida mesmo, como uma criatura de pesadelo. Ondulava e mexia-se. Depois vi que não era a floresta propriamente dita, mas sim coisas horróricas a passarem por ela. E depois vi-os mesmo. Tinham asas, mas pareciam humanos.

— Fomorianos. — A voz de ClanFintan silvava, incrédula.

Antes que eu lhe perguntasse, senti a mão de Alanna a apertar-me o ombro num aviso. Olhei para cima e vi-a assentir, concordar com o nome que ClanFintan dera àquelas abominações.

— Quando compreendi o que se passava, gritei para o avisar, e ele até me ouviu, mas era tarde de mais. Eles invadiram o castelo. Mataram os guardas todos, as pessoas todas. — Escondi o rosto nas mãos. — Vi-os matarem o meu pai.

— Dama Rhiannon. — A voz dele trazia-me de volta ao presente. — Sabes dizer quantos eram?

— Muitos. Eram como um enxame de insetos vorazes. Devoraram toda a gente.

— Lamento pedir-te isto, Dama Rhiannon, mas preciso que mos descrevas, em pormenor. — Os seus olhos bondosos eram gentis e pesarosos.

Pigarreei e bebi mais um trago de chá antes de continuar.

— Pareciam mais altos do que a maioria dos homens do castelo. — Calei-me e pisquei os olhos para não ver mais demónios alados a lançarem-se sobre guardas corajosos. — Todos tinham asas pretas enormes que lhes saíam das costas. Não voavam com elas, mas usavam-nas para correr e planar. Mexiam-se muito depressa, mais depressa do que um homem consegue correr. Os braços e as pernas pareciam muito compridos e magros, a pele branca leitosa, o cabelo comprido e de cor clara em quase todos. — Calei-me outra vez, a tentar lembrar-me. — O mais horrível neles era parecerem-se com homens. Se lhes tirassem as asas e os vestissem com roupa normal, poderiam passar por homens. — Estremeci.

— Usavam armas? — Ele interrompeu-me o pensamento.

— Só os dentes e as garras. — Depois obriguei-me a acrescentar: — Eles pararam para devorar os guardas ainda antes de tomarem o castelo por completo, e antes de os homens estarem mortos. — A minha voz neutra e cava não conseguia sequer exprimir o que eu sentia pela crueldade a que assistira.

— Não pensei que fosse verdade, até agora. — Ele andava de um lado para o outro aos pés da cama, a passar as mãos pelo cabelo agora solto. — Pensei que as histórias que nos contavam de um passado com Fomorianos eram mitos, lendas para levar as crianças a portarem-se bem.

— Não compreendo. — Isto seria coisa que eu já devia saber, aliás, que Rhiannon já devia saber, mas não era altura de me armar em caladinha (se altura houvesse).

— Tu ouviste as histórias. — Ele parecia absorto em pensamentos e não reparava no meu desconhecimento. — As mães em Partholon pregam sustos aos filhos para não se afastarem de casa com lendas de demónios alados que os querem agarrar e devorar.

— Ah, pois. — Tentei soar desprendida. — Não me lembro bem. De onde é que se achava que eles vinham?

— Do outro lado das Montanhas Trier. Não creio que alguma das lendas lhes indicasse a origem.

— O que lhes aconteceu?

— Cantam os bardos que, há muitas gerações, Partholon pegou em armas contra eles. Embora fossem malignos, não eram muitos. Foram derrotados e os poucos sobreviventes fugiram para as montanhas. Segundo a lenda, foi por isso que o Castelo Guardião foi erigido no Desfiladeiro, e assim designado. — Ele olhou para mim atentamente. — Mas como Amada de Eponina, tudo isto já será do teu conhecimento.

— Eponina não quer nada com o maligno. — Assim que estas palavras me saíram da boca, soube que era verdade, mas a intuição era pouca e não me parecia de fiar. Lindo. Voltamos ao sapateado. — E porque haveria de me ralar com lendas para assustar crianças? — Agarrei-me ao que podia, olhando para Alanna, suplicante. — Eponina tem muito que fazer para se ralar com tolices. — Sentia-me completamente perdida, perplexa. Fomorianos? Partholon? Montanhas Trier?

— Talvez por isso te tenha enviado a testemunhar o horror desta noite, Senhora minha. Para te aperceberes do que está a assolar Partholon. — Alanna falou bondosamente e pegou-me na mão. — Não será que Eponina te adverte de um perigo para o qual não estás preparada? — As palavras dela tinham especial significado para nós as duas; ela sabia que eu não estava preparada para nada daquilo. Fez um sorriso triste e depois olhou para ClanFintan. — Talvez por isso tenha unido os dois. Eponina sabia que a sua Amada não estava preparada para este mal e que, enquanto Sumo-Xamã, estás mais bem informado destas lendas, mais preparado para combater o mal.

— Claro. Obrigada, Alanna. — Salvou-me a pele. Outra vez.

— Sim, faz-me sentido. — Ainda bem que ClanFintan parecia ralado de mais para discorrer. Afinal, mais cavalo, menos cavalo, era homem. Os homens não fazem mais do que uma coisa de cada vez.

— Significa isto que Eponina me avisava de que este mal estava para vir. — Como se me acendesse uma lâmpada no cérebro, sentei-me na cama e sacudi as lágrimas. — As coisas malditas não se vão contentar em atacar somente o castelo do meu pai. — Olhei de um para o outro. — Creio que Eponina nos está a dizer que não estamos a salvo. — Por mais esquisito que pareça, soube que era verdade. Talvez Rhiannon estivesse a sentir o mesmo tipo de coisa no Oklahoma, uma capacidade bizarra de intuir coisas que antes desconhecia.

— Sim, Dama Rhiannon, trata-se de um aviso ominoso de perigo

imediatamente. — Os modos de ClanFintan eram, subitamente, bruscos e profissionais. — Com o teu devido consentimento, vou mandar vir guerreiros Fintan para ajudarem a tua Guarda Palaciana na evacuação dos residentes entre este e o Castelo MacCallan. Podem vir para cá. Como sabes, Eponina quis que este lugar fosse fácil de defender, e o povo ficará a salvo cá dentro. Deprendo que tenhas mantimentos para emergências?

Alanna assentiu e eu respirei mais à vontade.

— Ótimo. O Castelo MacCallan fica a dois dias de galope. — ClanFintan tornou a andar de um lado para o outro, completamente absorto no raciocínio. — Esperemos que os Fomorianos parem para gozar a vitória e que não lancem já novo ataque. Deve dar-nos tempo de mandar vir reforços da Manada, reunir os aldeões e avisar Partholon.

— Espera...

— Perdoa, Dama Rhiannon. Não era minha intenção apoderar-me dos teus deveres. Sou teu companheiro, só pretendo ajudar nos preparativos para aquilo de que Eponina te avisou.

Falava numa voz sincera, mas era homem e, como de costume, não estava a ver a questão.

— E o meu pai?

— Lamento, Dama Rhiannon, mas morreu. — A voz voltara a ser bondosa, e óbvia a preocupação, mas ainda não chegara lá.

— Eu lembro-me do que vi. — Senti a voz falhar-me e bebi mais um gole de chá. — Mas não o vi morrer mesmo. — ClanFintan e Alanna entreolharam-se, ralados. — E se ainda estiver vivo? A sofrer... — Bebi mais chá. Não ia chorar. Outra vez.

— Rhiannon. — A voz funda era reconfortante. — Tens de convir que ele não podia sobreviver.

— Eu... Eu compreendo. Sei que deve ter morrido. Mas não o posso deixar e aos seus homens lá caídos. — Olhei-o nos olhos, o mais suplicante que me permitiria ficar. — Não viste a bravura que demonstraram.

— Com certeza, Dama Rhiannon. Eram guerreiros valorosos. — Parecia confuso. Credo, era mesmo gajo.

— Pois, e é preciso sepultá-los. — Era muito simples. Meu pai e seus homens não iam ser comida para corvos.

Alanna apertou-me o ombro outra vez.

— Senhora minha, não podes ir ao Castelo MacCallan.

— Claro que posso. Ele acabou de dizer que fica a dois dias de galope, e... — Aqui vacilei. Ela sabia que eu só lá estivera em espírito. — Bem... Não é que eu nunca tenha lá estado. — Parecia mesmo idiota.

Alanna e ClanFintan entreolharam-se, ralados.

— Dama Rhiannon, não podes correr tal risco. — Ele pôs a mão no ar

para eu não refilar. — O povo conta com a tua orientação. Tu és a Amada de Eponina. Especialmente agora, não te pode acontecer mal algum. Num tempo em que o mal anda à solta no mundo, o povo há de procurar a estabilidade e a orientação de Eponina.

— E os guerreiros, Senhora minha, humanos e centauros, devem poder contar contigo. — A voz ralada de Alanna interrompeu ClanFintan. — Também és a Encarnação da Deusa para os guerreiros. Vai ser um duro golpe quando souberem que MacCallan morreu. Se a Amada de Eponina correr perigo, o moral dos guerreiros ficará muito em baixo.

Lindo. Eu estava encarregue do *esprit de corps* e nem sequer era a Marilyn Monroe. Aquilo não se fazia.

— Pensa no que o teu povo sofrerá se fores ferida ou capturada. — ClanFintan pegou-me na mão.

Credo, era mesmo grande, homem/cavalo. Seria o diabo à solta num campo de futebol.

O pai ia gostar mesmo dele. A ideia quase me fez sorrir.

— Ouve o que ele diz, Senhora minha. E se os Fomorianos ainda estiverem no Castelo MacCallan? O teu pai não haveria de querer que corresse perigo, nem sequer por ele.

— Mas não posso deixá-lo lá, assim. — Senti os olhos marejados de lágrimas com a frustração que me dominava.

— Dama Rhiannon... — A voz funda de ClanFintan penetrou nas emoções que me assolavam. — Pergunta a ti mesma o que MacCallan queria que fizesses.

Fechei os olhos. Claro que o meu pai não queria que eu corresse perigo. Se ao menos fosse assim tão simples.

A minha mente podia dizer-me que o homem a cuja morte eu assistira não era bem meu pai. Não era Richard Parker, professor de Biologia em Broken Arrow, Oklahoma, treinador de futebol, especialista em cavalos, artista amador (gostava de fazer esboços de animais a carvão — o que agora me parecia uma ironia), excelente cozinheiro e canalizador muitíssimo jeitoso. Era o meu pai.

Não, não era só o meu pai. Era o meu homem favorito no mundo. Sim, no meu mundo, e eu sabia racionalmente que o meu velho mundo não era este. Mas o coração dizia outra coisa. Dizia que não importava nada. Ele parecia-se com o pai. Falava como o pai. Por mais esquisitas e maradas que as coisas se tivessem tornado desde que eu acordara neste mundo, Rhiannon também adorava aquele homem.

Ela até podia ser cabra. Era galdéria, de certezinha. Nem sequer seria boa pessoa. Mas também era Menina do Papá. Adorava o pai. Antes deste momento, eu não pensara muito na minha casa. Andava ocupada. Mas se

alguma coisa acontecesse ao meu pai, eu sabia, não sei como mas sabia, por mais louco que o novo mundo lhe parecesse, Rhiannon também não abandonaria o meu pai.

E eu também não abandonaria o dela. Sentia a responsabilidade de uma filha extremosa. Não lhe conseguia escapar e sabia que não queria escapar, mesmo que pudesse.

Mas Alanna e ClanFintan não compreenderiam.

Abri os olhos. Via tudo com clareza — finalmente.

— O que dizem faz sentido. — Brindei-os com o meu sorriso mais obsequioso.

Eles desanuviaram.

E eu fingi-me com tonturas.

— Ai estou tão cansada. Já é manhã?

Fizeram um ar aflito, e eu senti uma pontinha de culpa. Momentânea. Alanna respondeu primeiro, mas ClanFintan agarrou-me na mão, parecendo mesmo preocupado.

— Senhora minha, ainda não é alvorada.

— Descansa, Rhiannon, vou tratar de mandar os guerreiros trazerem os aldeões para o templo. — A mão livre tocou-me na face numa carícia breve. Ele era mesmo giro, ao estilo equino.

— Estou mesmo cansada. — Armei-me em Lana Turner, deixei-me cair nas almofadas, levei a mão livre à testa. A outra ainda agarrada à de ClanFintan (sabia mesmo bem!).

— Descansa, Senhora minha. — Alanna arrullhava e mexia nas almofadas.

— Vou tratar dos guerreiros. — ClanFintan curvou a cabeça sobre a minha mão e virou-me a palma para cima. Abri logo os olhos, não fosse ele morder-me outra vez. Antes pelo contrário, ele fitou-me e beijou-me a palma da mão. Beijou mesmo. Ai que boca tão quentinha.

Pois, e também soube muito bem. Vão por mim, o pai havia de gostar bastante deste tipo. O pai sempre gostou de homens que chegassem para mim.

Depois ele largou-me a mão e avançou rapidamente para a porta. Ainda o ouvi a dar ordem para acordarem os centauros e lhes levarem, depois a porta fechou-se e fiquei com o calor da boca dele na palma da minha mão.

Alanna ainda mexia nas almofadas com ar ralado, uma espécie de mãe galinha muito doce.

— Estás bem, Senhora minha?

— Sim, Alanna, obrigada. Acho que só preciso de descansar um pouco. Aconteceu tanta coisa. — Aninhei-me na minha caminha confortável. — Tu também precisas de dormir. Vai lá descansar, eu fico bem.

Ela lançou-me um olhar duvidoso.

— Não será melhor ir buscar vinho quente, ou escovar-te o cabelo até adormeceres?

Caraças, que ela sabia mesmo o que me agradava.

— Não, fofinha. Obrigada, mas não. Só preciso de dormir.

— Então vou deixar-te descansar. — Ela tirou-me o cabelo da testa num gesto já familiar e, antes de eu sentir os olhos fecharem-se, ainda senti os lábios dela tocarem-me na fronte e ela sussurrar: — Boa-noite, Shannon.

Ela virou-se para se ir embora e não pude deixar de fazer a pergunta que me estava sempre a atormentar:

— Alanna, Rhiannon chegou a dizer como é que tencionava voltar para cá, e levar-me de volta para lá? — Ainda estava de olhos fechados, mas ouvi-a parar de andar e soube que se virara para mim.

— Ela disse que não era possível voltar. Só é possível passar pelo Fosso uma vez e sobreviver. — A voz dela soava triste. — Lamento, Shannon. Sei que deve ser difícil para ti.

— Não te rales com isso. A culpa não é tua. — Será que ela conseguia ouvir o bater do meu coração donde estava? Nunca mais voltar para casa? Continuei de olhos bem fechados.

De repente compreendi Scarlett O'Hara. Eu não podia pensar naquilo naquele momento. Pensaria naquilo no dia seguinte.

Ouvi os passos de Alanna esmorecerem e abri bem os olhos quando a porta se fechou. Depois sentei-me na cama e emborqueei o resto do chá (a cafeína faz bem à alma). Tinha sítios aonde ir e pessoas a quem... bem... sepultar. Aquela treta de “porta-te bem e fica a salvo” podia ser para a Dona Rhiannon, mas eu cá sou de outra cepa.

E o meu pai não ia ficar entregue à bicharada.



Caraças, quem me dera ter o meu *Mustang*. A mobilidade é a emancipação da mulher moderna. Quem é que pode travar uma mulher quando ela pode saltar para dentro de um carro e rumar a uma terra/homem/emprego diferente?

Tentei descortinar como chegar a um castelo que ficava algures a noroeste dali. A meio da noite. Com uma espécie de monstros vampiros à solta num mundo bizarro. Sem carro. A bem dizer, ninguém ali tinha carro.

Por conseguinte, com a minha canção temática — “I Am Woman” — a passar na cabeça, tentei não ceder a uma crise de nervos. Muito bem, em caso de dúvida, tratar do guarda-roupa. Primeira ordem de trabalhos — mudar de indumentária. Nem por sombras podia viajar com bocados de seda transparente. Até ali devia fazer fresco de noite. Ainda apanhava uma pneumonia vestida (aliás, despida) daquela maneira. Mais, se não podia ter o meu *Mustang* — até senti a lampadinha a acender-se-me na cabecita —, a alternativa era, bem, um mustang a sério. Alanna dissera que o meu sonho era a verdade. A belíssima égua prateada devia ser mesmo minha. Aposto que ela não se importaria nada com uma surtida à meia-noite. Aqueles trajes não eram nada feitos para montar a cavalo (ui!).

Olhei para o meu espaçoso quarto e vi vários roupeiros de madeira entalhada. Bastou meter o bedelho para dar com roupa. Montes de roupa. Fora de brincadeiras, sentia-me como a Barbie. E não era só a Barbie simples, era a Barbie vai ao Baile, Barbie no Verão, Barbie numa Festa, Barbie namora com um Médico/Advogado/Executivo... E assim por diante.

Rhiannon tinha mesmo montes de roupa, coisa que eu não lhe podia levar nada a mal.

Tentei não me distrair (nem deslumbrar, era evidente que tínhamos mais em comum além do amor pelos nossos pais), remexi cobiçosamente em metros e metros de tecido até deparar finalmente com o que seria o Roupeiro do Desporto. Estava cheio até à cunha com calças justas e topes de cabedal. Todas as calças do mesmo corte, da mesma cor amarelada, cada qual com ornamentos complexos. Reconheci um nó muito céltico nas laterais de muitas delas. E juro que vi mais caveiras pavorosas ocultas nos ornamentos do cabedal. Calças justas com fitas esquisitas que davam laçadas acima da anca esquerda (aquela malta não devia saber o que eram fechos de correr). Mirei-as desconfiada, e rezei para não estar a fazer retenção de água. Decidi-me por um par que tinha menos caveiras, comecei a enfiá-las e fiquei boquiaberta com a macieza do cabedal. Eram macias como rabinhos de bebé. Não era só caírem bem, era moldarem a macieza ao meu rabo e às minhas coxas. Pois. Rhiannon era mesmo uma menina mimada.

Ela ia ter uma grande surpresa quando visse o preço da roupa no meu mundo e o estado muito finito do meu guarda-roupa.

Tirei o tope de seda e agarrei numa das peças de cabedal. Também atava nas costas (no que me deu uma trabalhadeira — era por isso que precisava de Alanna para me vestir). Porém, não ia acordá-la nem responder a um montão de perguntas, pelo que lá me enfiar sozinha (sempre a trautear “I Am Woman” que nem uma doida...) e consegui dar as laçadas no tope. Aliás, fiquei contente ao ver que, além de me ficar bem, a fatiota tinha sido cortada para montar a cavalo. Acompanhava os movimentos do corpo, mas dava uma sustentação de que a Victoria's Secret teria orgulho (vamos lá a falar a sério, eu tenho trinta e cinco anos — as minhas generosas copas C são velhotas e a gravidade é uma coisa maléfica, sabem o que quero dizer, não sabem?). Assim sendo, fiquei toda contente por ver que tinha envergado o equivalente céltico de um sutiã de desporto. Até poderia subir às árvores e matar dragões com aquela roupa (rezei fervorosamente para que não fosse preciso nada disso).

Depois pus-me a remexer no fundo do roupeiro e encontrei vários pares de botas muito, muito fixes. Do mesmo cabedal amarelo-manteiga, flexíveis e maleáveis. Tinham solas grossas, um pouco como mocassins. Peguei num par e reparei que na sola havia o alto-relevo de uma estrela de cinco pontas.

Eu ia deixar pegadas de estrelas por onde andasse. A Barbie nem sequer faz isso.

Ora, estava toda vestida mas...

Rememorei a visão do sonho e consegui visualizar o templo de cima. Se o meu sentido de orientação fraquinho não me enganasse, o templo estava virado a oeste. A cordilheira ficava a norte, e estendia-se até onde a vista alcançava a leste e oeste. Na parte ocidental fundia-se no mar. Mais abaixo na costa ficava o castelo do pai. Lembrava-me claramente de um rio amplo que rodeava o templo e dali se estendia acidentado para oeste. A ponta noroeste do rio terminava (ou começava, sei lá) no mar. Eu só tinha de seguir o rio para longe do templo e rumo ao mar, e depois virar à direita. Acabaria por chegar ao castelo do pai.

Em teoria, pelo menos.

Sabia que os estábulos eram um anexo da parte setentrional do templo, e era lá que encontraria a égua.

Mas como raio é que iria dar com a parte do templo que tinha os estábulos? Não era que eu pudesse andar por ali sem dar nas vistas até tropeçar em bosta de cavalo. Eu saíra a levitar pelo teto, mas não fazia ideia em que ponto estava no castelo.

Lindo.

Depois tive uma ideia. Lembrei-me das decorações amorosas das portas que mirara antes e pensei num dos meus motes favoritos: em caso de dúvida, arranjar um tipo que ajude.

Alisei o cabelo, que estava a portar-se bem para variar (graças às mãozinhas de fada de Alanna), e emborquei o resto do chá. Depois dirigi-me à porta — aquela que dava para o corredor de certezinha, e não para o quarto de Alanna ou de ClanFintan. Abri-a de supetão e fiz uma surpresa aos “rapazes”.

Sim, senhor, eram mesmo apetitosos.

Barriguinhas lisas. Troncos nus. Queixos fortes. Coisinhas a tapá-los e... (portei-me como a Galdéria Rhiannon e dei uma espreitadela) embalagens grandes. E não eram da UPS.

Eles bateram nos torsos musculados numa continência dedicada. Estiquei-me toda com a altivez possível (sempre a ver se não me babava) e olhei nos olhos do mais alto dos dois.

— Quero ir montar a cavalo.

Ele pestanejou.

— Agora.

Ele tornou a pestanejar. Mas porque é que eu parto sempre do princípio de que os mais altos são os mais espertos? (Não são nada mais espertos, são só mais giros: Não Esquecer.)

— Bem, informem os... hum... Criados dos estábulos que têm de a selar para mim. — Safei-me, mas já me estava a esticar (credo, Deus queira que Rhiannon monte com uma espécie de sela). Respirei fundo e tentei

armar-me em grande cabra presunçosa (coisa que, vá-se lá saber, estava a custar-me mais do que de costume).

— Senhora, devo mandar acordar a tua escolta? — O Mister Músculo ainda parecia confuso.

— Não! — Apercebi-me de que guinchava e dominei a voz. — Quero privacidade. Não acordem nenhum dos meus guardas. Mandem só os criados dos estábulos selarem a minha égua.

— Às tuas ordens, Senhora minha.

Fui logo atrás dele quando se virou e dirigiu ao que só podia ser a saída para os estábulos. Vi-o virar a cabeça para trás uma vez, e a cara admirada que fez quando viu que eu ia atrás dele, mas calculei que estaria habituado a que Rhiannon se portasse como uma cabra destravada — aquilo não devia ser nada, comparado ao facto de se deitar com tudo o que lhe aparecia à frente e sabe Deus que mais.

O guarda giro levou-me por um corredor que ia na direção oposta ao que me levava à cerimónia do vínculo e ao banquete. Passado algum tempo, chegámos a um conjunto de portas duplas entalhadas. O Mister Músculo falou com os guardas destas, e eles abriram-nas depressinha, antes de irem acordar os moços de estrebaria. Entrei nos estábulos e o meu coraçãozinho de rapariga do Oklahoma começou a bater mais forte.

Eram estábulos dignos de uma rainha. Melhor ainda. As cocheiras eram feitas do mesmo mármore branco leitoso do resto do templo e muralha circundante. Estendiam-se ao longo de um amplo corredor de cada lado. Devia haver vinte espaçosas cocheiras de cada lado; comecei a descer o corredor e não pude deixar de parar em cada uma e de me meter com as belíssimas montadas. Eram animais dignos da realeza. Todas éguas, desde baias de aspeto árabe até alazãs puro-sangue. Fui ficando cada vez mais comovida com o reconhecimento que as éguas manifestavam. A cada cocheira, a égua erguia o focinho macio e soprava na minha direção, ansiosa pelas minhas festinhas e elogios sussurrados. — Olá, linda.

— Que coisa mais doce.

— És mesmo bonita, não és?

Cada qual relinchou em resposta, a tentar chamar-me só para si. Era conversa típica de quem adora cavalos e foi criada com eles. Cada égua esticou a cabeça por cima da porta da cocheira, à espera de uma festinha. Fosse Rhiannon o que fosse, era certinho que gostava de cavalos, e eles retribuíam o sentimento. Mais um aspeto em que Shannon É Parecida Com Rhiannon (não posso deixar a lista crescer muito).

Quando cheguei ao fim das cocheiras, o corredor virava à esquerda e depois abria-se numa cocheira gigantesca anexada a um picadeiro particular fora do estábulo. Reconheci-o da visita que o meu espírito fizera ao

princípio da noite. Dentro da espaçosa cocheira (que até me fazia lembrar o quarto de Rhiannon — por mais estranho que pareça) estavam três ninfas bonitas (mas sonolentas e descompostas) a prepararem-me a égua prateada. Entrei na cocheira, elas pararam para me fazer uma vénia, e voltaram a preparar a égua.

Tive de suspirar de felicidade, ali perante aquele animal magnífico. Era ainda mais excepcional do que me parecera no sonho. Deu pela minha presença e fiquei encantada quando virou a cabeça perfeita para me poder ver. Depois telegrafou-me a saudação com um relincho maravilhoso, o que me fez rir de alegria pura.

— Olá para ti também, maravilhosa! — Avancei para ela, tirei a almoça a uma das criadas e comecei a desfrutar da sensação de lhe escovar o pelo tão macio.

Adoro escovar cavalos. Sempre adorei. Não faltam donos de cavalos a achar que escová-los ou limpar cocheiras é trabalho degradante. Desprezam as tarefas comuns de cuidado com os animais. Eu nunca pensei assim. Desde pequena que adoro o cheiro dos estábulos e a sensação de limpar o pelo e a cocheira de um animal meu. É um trabalho de amor. É como estar deitada ao sol — ou tirar ervas daninhas do roseiral —, trabalho que desanuviava a alma e a mente. Faz bem a todas as maleitas.

A égua prateada chegou o focinho à minha cara e mordiscou-me o ombro, enquanto eu lhe escovava o cachaço já perfeitamente cuidado.

— És uma menina linda e doce. — Falei baixinho e carinhosamente, sentia-me outra vez uma rapariguinha, envolvida no aroma e na sensação daquele hálito quente.

Ela avançou obedientemente a cabeça quando uma das criadas apareceu com um cabresto (era de prever que aquela égua não precisaria de freio). Saí do caminho quando as outras duas criadas içaram uma sela que parecia pele de carneira dos anos 70 com estribos e cilha.

A criada apertou a cilha e afastou-se. Ficaram todas a olhar para mim.

Olhei para os estribos altos. A égua alta. E pensei no meu corpo de trinta e cinco anos.

Lindo. Agora tenho de fingir ser Miss Atlética.

Espera — não, só tenho de fingir ser Miss Cabra. Há quem diga que não será fingir muito.

— Então, ajudem-me a montar! — Credo, parecia mesmo odiosa. Sorri. Sem hesitar, avancei (a gozar um verdadeiro momento John Wayne), agarrei num punhado de crina prateada e levantei o pé (na esperança de que uma ninfa lhe pegasse e me desse impulso). Graças a Deus que uma apanhou, e lá consegui montar, enfiar o pé no outro estribo e endireitar os ombros.

Mas agora não sabia por onde era a saída.

— Então, abram-me o portão! — Estava a apanhar aquela treta de me armar em cabra com toda a facilidade.

Uma das ninfas saltitou para uma porta do outro lado da cocheira da égua, e outra ninfa despachou-se a abrir uma saída impercetível na parede exterior do templo. Dei dois estalinhos com a língua (no que esperava ser cavalês universal para ordem de trotar) e a égua maravilhosa avançou. Antes de passar pela última porta aberta, fi-la parar e olhei para trás.

— Obrigada. Podem voltar aos vossos quartos. Podem dormir até mais tarde, eu própria trato da égua quando voltar. — Apertei as coxas sobre a manta da sela e debrucei-me. A égua lançou-se a trote.

Estávamos fora do castelo e no bom caminho. A lua ainda ia alta e cintilante, tínhamos muito boa visibilidade. Fiz a égua estacar para ver onde raio estávamos, e depois discorrer para onde raio deveríamos ir. A primeira coisa em que reparei era que o templo fora estrategicamente erigido no cume de um monte, e que o terreno em redor, embora verdejante, não tinha árvores. O templo propriamente dito era um círculo enorme, majestoso e opulento com colunas de mármore e uma fonte borbulhante mesmo em primeiro plano (uma espécie de cavalo gigantesco a erguer-se num oceano com o que parecia água mineral quente a jorrar de vários orifícios — muito tipo Fonte de Trevi).

Tentei olhar para o edifício com olhos de militar, e percebi o que Clantintan quisera dizer quanto à construção defensiva. Era evidente pela muralha circundante. Parecia grossa e impenetrável, no cimo as típicas ameias como dentes, incluindo seteiras que seriam ideais para destacar arqueiros (ou banhistas, consoante ditassem as condições de guerra ou de paz). A muralha não era apenas sólida, era linda, até fiquei espantada. Parecia ter sido feita de uma única peça enorme de mármore cor de creme. Ao luar, tinha um brilho sobrenatural. Apercebi-me de que, se tirássemos a muralha exterior, o templo em si parecia-se com o Panteão de Roma, só que o topo não tinha buraco.

O reflexo da lua na água chamou-me a atenção para o rio, que dava a volta ao templo por detrás — não estava tão perto que houvesse perigo de cheias, mas perto o bastante para atracarem embarcações. Era um cenário conveniente. Se não fosse pelas pavorosas criaturas humanoides e carnívoras, seria um belo sítio para se viver.

Nisto, lembrei-me de que estava ali embasbacada como uma japonesa no Vaticano e que devia seguir o rio até ao mar. Tinha mais que fazer do que mirar um templo bonito. E não tinha máquina fotográfica, não senhora. Quer dizer, com franqueza, onde é que iria mandar revelar o rolo?

Encaminhei a égua para o rio, contente por ser uma noite tão calma e

límpida. Sabia que, algures dentro do templo, ClanFintan estava a acordar os centauros e a dar ordens para começarem a recolher pessoas em segurança, pelo que me debrucei e finquei os joelhos, para levar a égua a um galope doce. Não podia ser apanhada ali em campo aberto, nem passar por um qualquer despique público sobre o que pretendia fazer. Até podia perder o despique. O poder de Rhiannon parecia impressionante, mas fiquei a pensar até onde chegaria se as minhas vontades colidissem com o que era considerado seguro para a Amada de Eponina.

O galope da égua não tardou a levar-nos à zona ribeirinha, e eu virei-a a oeste. O rio propriamente dito era impressionante. Não havia como adivinhar-lhe a fundura, mas era largo e a corrente rápida. Cheirava bem, não a peixe e lodo como o Mississípi, mas límpido e pedregoso como o Colorado. Havia arvoredos nas margens e fiquei contente quando a égua escolheu um carreiro, uma espécie de trilho de veados, que corria paralelo à margem. Não havia mato que a impedisse de avançar sem um caminho, mas aquilo facilitava as coisas. De certezinha que eu não queria seguir a estrada que vira do templo. Parecia que ia no sentido que eu queria, mas também parecia concorrida. Não era uma autoestrada de quatro faixas, claro, mas de certezinha que, ao raiar da aurora, estaria cheia de centauros e de gente. Como se não reparassem na Amada de Eponina a trotar na sua égua prateada resplandecente?

Por falar na minha égua linda, abrandei-lhe o galope. Parecia estar em excelente forma, mas tínhamos dois dias de viagem intensiva, e cavalo algum poderia galopar durante dois dias. Dei-lhe palmadinhas no cachaço e ajeitei-me na sela; ela passou a trotar suavemente mas sempre a adiantar caminho.

— Ouve lá, docinho, como é que a Rhiannon te trata? — Ela virou as orelhas delicadas para trás ao ouvir a minha voz. — Não posso continuar a chamar-te a Égua, é ridículo. É como se me chamassem a mim a Mulher ou, tendo em vista o mau feitio de ultimamente, a Cabra. — Ela abanou a cabeça numa concordância óbvia. Naquele mundo, sabe-se lá, se calhar ela até compreendia as minhas palavras. — É evidente que todos te chamam Eponina, mas isso é demasiado formal e empertigado para mim. — Estendi a mão e afaguei-lhe a crina. — E se te chamar Epi? Pode não ser muito importante mas, no meu mundo, importante é o que os políticos tentam parecer que são. — Não me pareceu que ela se ralasse com uma lição deprimente sobre a derrocada da política americana moderna, mas iam ser dois longos dias, de modo que pus a história de lado para contar mais tarde — se ficasse mesmo desesperada por assunto.

Ela resfolegou, atrevida, e cabriolou um pouco para o lado; achei que era resposta bastante.

— Epi, seja.

Fiz-lhe festinhas na bonita crina e instalei-me para a longa viagem. Ficava evidente desde o princípio que Epi não era montada que precisasse muito de atenção por parte da cavaleira. Era esperta e bem capaz de trotar pelo caminho fora sem incentivo nem orientação. Instalei-me e desfrutei do panorama. Era mesmo uma região bonita. Por entre as árvores, viam-se casinhas aqui e ali, pitorescas. Pareciam bem cuidadas e com bonitos telhados de colmo, mas tive de pensar na bicheza que haveria no colmo e perdeu-se algum do romantismo.

Entre as casinhas, estendiam-se hectares de vinhedos e campos de cultivo, creio que reconheci milho e feijão, mas ao luar não tive a certeza. De vez em quando reparava em animais sonolentos, na sua maioria vacas e ovelhas com um cavalo de vez em quando — e fiquei impressionada e agradecida quando Epi não relinchou como uma égua comum. De vez em quando via o luar refletir-se na estrada que serpenteava entre quintas, sempre rumo a noroeste, mas ficava longe e senti-me bem escondida no arvoredo.

Em suma, uma bela noite. Não faltará quem (cobardolas) tenha medo de andar sozinha no meio do nada, mas eu nunca tive medo do escuro, nem nunca tive medo de andar sozinha. É certo que o destino era intimidante, e eu nem sabia bem ao certo o que iria fazer quando (se) lá chegasse, mas ia armada em Scarlett O’Hara, pelo que não custava nada, comigo imersa em negação, encontrar alegria num passeio a cavalo ao luar.

Foi clareando. O arvoredo também foi ficando mais disperso, o caminho menos definido. Epi não parecia ralada, por isso deixei-a abrir caminho à sua vontade, e dirigimo-nos para a margem do rio. O sentido de orientação dos cavalos pode dar muito jeito. Do mesmo modo, apercebi-me de que tinha abalado, armada em Cabra Mandona, sem sequer pensar em coisas como pequeno-almoço, almoço, jantar, água, papel higiénico. Sabia-se lá que horas eram mas, quando o sol começou a espreitar pela copa das árvores, o rabo e a barriga diziam-me que já andávamos “há algum tempo”.

Na gíria do Oklahoma, “algum tempo” pode ir de cinco horas a cinco dias. A cabeça dizia-me que já estaria montada há cinco horas. Rabo e barriga tinham a certeza de que eram cinco dias. Deixemo-nos de rodeios, tenho o rabo e a barriga maiores do que a cabeça, eles ganham.

Bem, pelo menos sabia onde arranjar água. Podia desmontar agilmente, levar Epi pela arreata até ao rio cintilante e (muito ao estilo John Wayne) beber um trago refrescante. Talvez até caminhasse algum tempo e deixasse Epi descansar.

Falar é fácil.

Já montaram “algum tempo”? E não me refiro a andar às voltas num picadeiro com o instrutor de equitação a incentivar. Também não me refiro

a pagar cinquenta notas à hora para me sentar num cavalo que podia dar-se por clinicamente morto, atrás de mais quinze Pilecas dos Walking Dead numa Cavalgada Autêntica. A qual dura exatamente trinta e cinco minutos e meio.

Refiro-me a montar a cavalo (num animal vivo) durante várias horas. Alternando entre trote, meio-galope, passo, voltar a trote. Num rabo de trinta e cinco anos. Sem pequeno-almoço.

Pois não é nada como nos filmes, embora eu esteja certa de que John Wayne montava realmente muito. Devia ter um rabinho de ferro, Deus o abençoe.

Quando deslizei pelo flanco de Epi, não sentia os pés — nem as pernas. Tinha o rabo no mesmo sítio, mas parecia mais largo e achatado. Que ideia mimosa. Fiquei ali especada, a tentar sentir o sangue a circular nas extremidades, contente por ser só Epi a ver a minha completa falta de competência de glúteos.

Por fim (quase “algum tempo”), senti-me capaz de cambalear — sim, refiro-me mesmo a ir coxeando e praguejando à boa maneira do Velho Oeste — pela ladeira até à beira-rio.

— Bem, pelo menos não tem lodo — resmunguei. Dei palmadinhas a Epi e deixei-a beber primeiro. Devagar, endireitei-me, a ouvir a cantilena da minha coluna a estalar. Epi molhou os beiços e sorveu vários tragos ruidosos, a dizer “sabe bem” em cavalês. Coxeei para montante e agachei-me (a estalar por todo o lado) para lavar as mãos.

— Ai, que frio! — Estava à espera que o rio estivesse à temperatura ambiente, já que o clima era tão ameno, mas estava gelado, e percebi que só podia nascer nas montanhas distantes. Ora, ora — tenho uma licenciatura, não me escapa nada. Pus as mãos em concha e sorvi a água fria e límpida.

Era como a água do poço da avó. Não há nada que mate a sede como a água fria saída do poço. Em pequena, cheguei a achar que a água do poço da avó era a Fonte da Juventude. Dava à bomba como uma louca e depois dava a volta para apanhar mãos cheias de água cristalina. Os joelhos cheios de ferrugem provavam agora que a teoria da Fonte da Juventude estava errada, mas o sabor ainda dessedentava e refrescava como um aguaceiro primaveril. De súbito, senti-me com muito menos fome.

— Bem, velhota. E se eu for a pé para te dar descanso? — Afaguei-lhe a crina no alto da cabeça e a fronte também, enquanto ela se aninhava na minha camisa e me dava beijinhos no queixo com o focinho molhado. Deus meu, os cavalos são animais incríveis. Estar assim sozinha com ela fez-me perceber as saudades que tinha de ter um. O cheiro, a beleza equina e a bondade inteligente são coisas únicas, insubstituíveis, não há cão nem gato, daqueles que acham que não são de ninguém (embora os gatos se-

jam mais fixes do que os cães — são as cabras altivas do mundo animal, só posso apreciar isso neles). Mas sempre adorei cavalos. São animais verdadeiramente nobres. Lembram-se da cena em *A Velha Raposa*, quando Little Blacky deixa John Wayne (Rooster Cogburn) estafá-lo até à morte para se poder salvar a Baby Sister? Solução. Que outro animal (fungadela) poderia (assoadela) fazer uma coisa dessas (secar os olhos)?

Não admirava que eu achasse ClanFintan tão giro, o maldito — estava precisada de animal de estimação e de homem. Parecia que, com ele, matava dois coelhos de uma só cajadada.

Só que ele ia ficar mesmo lixado quando eu voltasse para o templo.

E achava que eu era uma cabra.

Mais uma palmadinha no cachaço de Epi e virei costas ao rio, com relutância, passei as rédeas por cima dos ombros e lancei-me em busca do carreiro. Epi foi atrás, linda menina, a apanhar bocados de erva e a mastigar toda satisfeita.

Comecei a assobiar “Eu vou, eu vou” dos anões da Branca de Neve. Epi soprou-me para cima, interpretei como sendo comentário ao meu assobio, e ri-me por cima do ombro para ela, ainda a assobiar. Agora já estávamos a divertir-nos.

O arvoredo estava mesmo mais cerrado, e viam-se cada vez menos casinhas por entre a folhagem. Tentei lembrar-me do mapa da terra como o vira no sonho, mas em espírito deslocara-me tão depressa que não apanhara mais pontos de referência além do próprio rio, da terra verdejante em redor e do facto de surgir algures a nordeste do castelo e de correr ao longo do templo. Sentia-me Donzela Marian perdida na Floresta de Sherwood. Só tinha a certezinha de que o Robin dos Bosques não me iria salvar (e que não sou nenhuma donzela, sinceramente).

Detesto gente queixosa, mas estava mesmo cheia de fome. Não demorei a deixar de assobiar e rir, e a começar a busca por Qualquer Espécie de Baga Comestível.

— E aqui estamos, rodeadas desta natureza toda. — Epi virou as orelhas para a frente, a ouvir-me resmungar. — Dir-se-ia que encontrávamos morangos silvestres. Ou mirtilos. Ou amoras. Até em Oz tinham macieiras. — Epi abocanhou mais uma mão-cheia de erva. — Isso é bom? — O mais certo era ficar de diarreia, e nem tinha levado papel higiénico, carças. Só de visualizar, fiquei logo dissuadida de provar o jantar de Epi.

Odeio acampar. Os meus pais obrigavam-me a acampar com eles (antes de se divorciarem — creio que era a noção que tinham de tempo em família, o que não deu nada bom resultado), e comecei a odiar nessa altura. Não é que não me agrada *A Vida ao Ar Livre*. Acho a natureza inspiradora e amorosa. Gosto de caminhadas, e até estou disposta a deitar-me ao sol a

ler um livro, enquanto o homem com quem estiver vai à pesca. Só quero apreciar durante o dia, e ir para um sítio com boa cama, águas correntes e boa mesa à noite. Não gosto mesmo nada de falta de conforto.

— Então que raio estou a fazer aqui fora? — Epi mordiscou-me a trança francesa, e eu fingi que lhe batia no focinho. — Não, nem por sombras consigo fazer um pente dum bocado de árvore para voltar a entrançar esta cabeleira. — E já me começavam a doer os pés. Rhiannon já tinha estreado as botas, mas deviam ter sido feitas para usar com peúgas, e eu, bem, esquecera-me de procurar a gaveta das meias antes de sair. Assim como me esquecera de procurar a cozinha.

— Epi, acho que tenho uma bolha do tamanho de Rhode Island. — Parei, encostei a cabeça naquele cachaço quente e falei com a boca colada ao pelo macio. — E acho que tenho de montar outra vez. Espero que não te importes. — Tomei a focinhadela como assentimento, e apertei-a um bocadinho. — Vamos beber mais um copo primeiro. Pago eu desta vez, ou pagas tu? — Ela resfolegou. — Gosto de margaritas com muito gelo e muito sal. — Traduzi o olhar dela em cavalês a dizer-me que eu era muito mais divertida do que Rhiannon.

Virei-me para o rio e reparei que nos afastáramos bastante da margem, provavelmente porque era acidentada e, de repente, parecia muito inclinada. Com cuidado, fui à frente de volta ao rio, a derrapar pela ladeira e a espalhar pedras por todo o lado. Depois de tanto trabalho para lá chegar, foi um alívio ver que a água era límpida e fresca como antes, especialmente porque o tempo já aquecera com o dealbar do dia. Não era desagradável, ali à sombra das árvores, mas a água fria foi um alívio. Para não me deixar abater pelo calor, lembrei-me de que aquilo não era nada comparado com o verão no Oklahoma, com humidade de centenas por cento e sempre acima dos 35 graus. Quase chegava a derreter o sutiã da Super-Mulher.

A mudança de mundos dera-me cabo da reputação, mas o tempo melhorara de certezinha. Podia dar-me por muito satisfeita.

Epi deu-me um empurrãozinho e interrompeu-me o raciocínio.

— Pronta a zarpar, linda? — O olhar dela dizia que sim, por isso levei-a até um pedregulho que serviria de degrau para a montar. A égua inclinou a cabeça para o lado e lançou-me um olhar esquisito.

— Já deves ter calculado que não sou a Rhiannon. Ela se calhar sabia saltar-te para cima sem ajuda nenhuma. — O olhar sabedor de Epi não vacilou, e eu senti necessidade de me defender. — Sem ofensa, mas podia ser por estar tão habituada a andar para cima e para baixo. — Epi arqueou o cachaço e piscou os bonitos olhos para mim. — Não tenho nada contra para cima e para baixo, mas prefiro qualidade a quantidade. — A égua sacudiu a cabeça e soltou um ruído muito humano. Até parecia um risinho

cavalar e, quando me icei do pedregulho para cima e montei, dei comigo a rir-me também. — Estamos entendidas? — Epi esticou a cabeça para trás e tocou-me no pé, que pendia desajeitado do estribo. — Vou interpretar que sim. — Sorri e pus o pé onde devia, antes de estalar a língua e dar àquela montada maravilhosa ordem de marcha (como se ela precisasse).

Baixei-me e dei-lhe palmadinhas no pescoço. Há coisas neste mundo que são mesmo fixes.

Eu e Epi virámo-nos para subir a margem, e fiquei admirada ao vê-la tão íngreme e rochosa. Não parecia tão má a descer. Bom, devia ser a diferença de ver a pé e depois a cavalo. Debrucei-me e instei Epi a rumar ao carreiro verde e plano...

De repente, as pedras mudaram; Epi tentou não perder o equilíbrio. Fui sacudida para a frente com força e tive de me agarrar bem ao cachaço para não ser projetada. Senti-a a esforçar-se por chegar a terreno firme. Era como nadar em pedras movediças que lhe estavam sempre a sugar as patas. Não estava a conseguir ganhar terreno às pedras e cascalho que nos rodeavam. Eu só consegui agarrar-me bem e tentar que o meu peso não pendesse para nenhum dos lados, não fosse ela perder um equilíbrio tão precário já de si.

De uma só vez, livrámo-nos daquilo e subimos a margem às arrancadas até terra firme. Sem ligar ao estômago cheio de nervoso miudinho, desmontei e comecei a passar as mãos pelas patas musculosas dela. Ela arquejava e tremia por todo o lado. Qualquer outro cavalo estaria de olhos em alvo e em pânico, mas Epi ficou sossegada e deixou-me terminar o exame.

— Linda menina. És um doce de menina. — Fui falando com ela, a tentar acalmar os nervos, meus e dela. — Foste tão corajosa. Tenho tanto orgulho em ti. — Terminei a palpação das patas. Nada partido. Nada ferido. Parecia tudo bem.

Porém, eu sabia, pois crescera com cavalos, da fragilidade enganadora das patas deles. Basta ver uma corrida de cavalos, um animal a virar a curva e a pôr mal uma pata e esta a partir-se, nunca mais se esquece. Eu tinha dez anos quando vi pela primeira vez um cavalo a partir uma perna. Partiu bem, entre o joelho e o casco, e o cavalo continuou a tentar terminar a corrida com fratura exposta.

Basta um passo em falso, um só.

Deixei Epi encostar a fronte ao meu peito e massajei-lhe a bonita cabeça, endireitando-lhe a crina despenteada.

— Tu estás bem. Tu estás bem, menina linda. — Continuei a murmurar pequenos nada, até abrandarmos a respiração descompassada.

Por fim, ela levantou a cabeça e passou-me o focinho pelas faces, mo-

lhadas das lágrimas. Sequei a cara e dei um passo para trás, observando-a outra vez com olho crítico.

— Acho que estás bem. — Andei à roda dela enquanto Epi baixava a cabeça e soprava um tufo de erva verdinha. Sorri. — Tens fome, por isso deves estar bem. — Ela apanhou uma mão-cheia e suspirou para cima de mim. — Não vamos cair noutra, está bem? — Ela sacudiu a cabeça. — Bom, valentona, agora tenho de subir para cima de ti sem ajudinha nenhuma. — Epi parou de mastigar, e juro que fez um ruído muito feminino, “humpf”, pelo nariz. — Não te mexas e não te rias.

Ela não se mexeu mas, enquanto eu gemia e me tentava içar, não afianço que não se tenha rido. Começámos a andar e ela parecia bem. Suspirei de alívio e estalei a língua para passarmos a trote. O meu cabelo, claro, começou a tentar escapar da trança de aço, e eu comecei a tentar enfiar gavinhas ruivas no seu sítio, e a trautear a melodia da série *Bonanza*.

— Desisto. — Epi virou as orelhas para me ouvir. — Por mais que seja um desastre de moda, preciso encarecidamente de um elástico. — Metade do cabelo já se enrolava todo na cabeça como se eu fosse a irmã ruiva e tresloucada da Medusa. A outra metade ainda estava presa na trança francesa. — Se calhar ainda lanço uma nova moda. — Epi não fez comentários. Acho que foi simpática.

Era altura de cantar outra coisa.

Já trauteava a melodia da série *I Dream of Jeannie* quando o trote de Epi vacilou e passou a um andar cambaleante. Parecia que tentava andar em bicos de pés, aliás, bicos de cascos. Fi-la parar e desmontei rapidamente.

— O que se passa, Epi? — Dei-lhe palmadinhas no cachaço e ela sacudiu a cabeça, agitada. — Vamos lá ver. — Regra número um da resolução de problemas equinos: ver os cascos. Agarrei-lhe na pata esquerda por baixo, estalei a língua e disse: — Dá cá, menina. — Animal maravilhoso e obediente, deu-me a pata. Parecia normal. Com os dedos tirei duas pedrinhas da base do casco e soltei uma bola de terra. Com cuidado, mas firmeza, carreguei na ranilha do casco.

Ora, o que é a ranilha? Pegue-se no casco de um cavalo. Procure-se o V macio. É a ranilha. Vem de rã, deve ter sido uma desgraçada de uma rã que se sacrificou pelo bem-estar da equinidade. Respeitinho.

Bem, a ranilha parecia bem. Dei a volta a Epi, sempre a examinar tudo, e cheguei à pata direita da frente.

Quando fiz pressão na ranilha, ela encolheu-se e soltou um gemido de dor equino. Dei-lhe palmadinhas no pescoço para a confortar, e limpei a terra e a erva que se tinham agarrado ao casco. Tateei o V da ranilha macia mais para cima e fiz pressão novamente. Desta vez, ela gemeu mais alto e

eu senti um calor e uma moleza anómala com os dedos. Cautelosamente, baixei-lhe a pata.

— Não é para me gabar, que não sou veterinária, mas acho que magoaste a ranilha. — Tentei falar com ligeireza e não deixar aquela égua invulgarmente esperta notar que eu estava raladíssima com aquela reviravolta. Olhei para baixo, para o apêndice ofendido. Era óbvio que ela tentava não fazer peso desse lado.

— Posso estar enganada, mas dói-te o casco, não dói?

Ela deu-me com o focinho.

— Bem me pareceu. — Afaguei-lhe a queixada e ela encostou a cabeça à minha carícia. — Portanto, eu não devia montar-te. E se procurássemos uma clareira simpática, talvez algures a montante onde a margem não seja tão íngreme, para descansamos um pouco?

Devagar, fui à frente e Epi foi coxeando dorida atrás de mim. Continuei a tagarelar, e ela caminhou com a fronte encostada às minhas costas, entre as omoplatas. Fiquei contente por não me poder ver os olhos a dardejarem freneticamente pela terra diante de nós, em busca de uma descida mais fácil. Sabia que tinha de a levar para o rio, e não era só para ter água que beber. O casco precisava de cuidados. A minha cabeça andava a mil, em busca de informações sobre cavalos que eu tivesse arquivado no cérebro nos tempos de juventude. Só esperava que não tivessem estado em células que a minha afinidade por vinho tinto tivesse matado. Lembrei-me que sintomas como os de Epi pediam que se pudesse gelo na parte magoada do casco. Se conseguisse que ela ficasse no rio dez minutos ou coisa assim, parecia-me lógico que isso parasse o inchaço e suavizasse a dor. Depois ela podia descansar e eu arranjaria maneira de saber que raio faríamos a seguir.

Por breves momentos, desejei que ClanFintan aparecesse com o resto da malta, mas a realidade estragou-me o devaneio. O centauro estava ocupado a reunir pessoas e a lidar com a crise das criaturas — uma noiva relutante que saíra sem licença não importava muito. Seja como for, nunca fui do tipo de passar a vida à espera de um cavaleiro andante, a rezar para que ele aparecesse num corcel branco para me salvar. No meu caso específico, toda a questão cavalo/homem estava a confundir-me as metáforas, sem intenção. Grande dor de cabeça para uma professora.

Porém, estava com sorte, e não andáramos muito até depararmos com uma curva abrupta à direita no rio. Menos árvores, mais erosão, a ladeira verdejante descia graciosamente até ao rio agitado. Abri caminho com cautela e levei Epi até à água.

Sem grandes percalços, chegámos lentamente à beira-rio. Equilibrei-me com uma mão no flanco dela, tirei as botas e arregacei as calças de couro macio. Epi acabou de beber e tocou-me com o focinho molhado.

— Aquilo que nos faz falta, velha amiga, são duas pedicuras. Mas nunca se consegue marcar esteticista quando mais se precisa. — Dei-lhe uma palmadinha e levei-a a entrar na água gelada. — E se fizermos a alternativa e pusermos os pés de molho? — Epi parecia disposta a isso; seguiu-me cautelosamente pelo caminho que eu escolhi, entre as maiores pedras escorregadias e um pouco para dentro da corrente rápida.

Minha nossa senhora, que frio.

— Ouve, Epi, já ouviste uma canção escocesa muito triste que se chama “Loch Lomond”? — Ela levantou logo a pata direita e eu encostei-me ao flanco esquerdo para a fazer pousar o casco na água fria. Mirou-me com ar de dúvida mas não tirou a pata da água. — É a história de dois homens do Formoso Príncipe Carlos capturados na revolta. Um foi executado, o outro libertado. Consta que o soldado condenado compôs a canção à guisa de derradeira carta de amor à sua amada.

Epi não estava a perceber nada.

— Não ouviste, pois não? — Frio, frio, frio. — Pois estás com sorte. Não porque eu saiba cantar, pois já viste muito bem que não sei, mas porque sei a letra todinha. E vou ensinar-ta, ai pois vou. — Ela suspirou e pode muito bem ter revirado os olhos. Lancei-me energicamente na primeira quadra e reparei que os pés doridos já estavam dormentes. Pigarreei e fiz o melhor sotaque escocês de que fui capaz:

By yon bonnie banks and by yon bonnie braes,  
Where the sun shines bright on Loch Lomond.  
Where me and my true love were ever wont to gae  
On the bonnie, bonnie banks o' Loch Lomond...

Continuei aquela pobre versão de uma das minhas baladas preferidas e reparei que Epi já não estava a tomar atenção.

— Muito bem! Vamos ao refrão mais uma vez!

... O ye'll tak' the high road and I'll tak' the low road,  
An I'll be in Scotland afore ye,  
But me and my true love will never meet again  
On the bonnie, bonnie banks o' Loch Lomond!

Suspirei em tom melodramático, fiz um soluço enorme e sequei lágrimas imaginárias.

— É linda, não é? — Ela soprou-me e depois molhou a boca, a alternar o peso com ar aflito. — Bem vejo que não te deixas impressionar por cantigas de amor trágicas e deprimentes, cantadas com trágica e deprimen-

te falta de compreensão do mais básico que há em tom musical. Pronto, pronto, e se te mostrar um pouco daquilo que até sei fazer bastante bem? — Ela mirou-me, obviamente reticente por causa da demonstração de talento para a música, ou falta dele.

— Pois, espertinha, lembro-me bem da descrição de um cavalo que ensinei em ensaio ao segundo ano. — Ela espevitou as orelhas. — O autor escreveu: “Um pato é um animal baixo e comprido coberto de penas. Do mesmo modo, um cavalo é um animal alto e comprido coberto de confusão.” — Ela piscou os olhos e achei que bufava. — Bom, na altura teve graça. Acho que só visto, contado... — Estava novamente nervosa, mas achei que a conseguia manter na água mais uns minutos. Pensei, pensei, tentei não pensar nos pés gelados e, de súbito, lá se acendeu a luzinha da inspiração.

— Ena! Já sei do que vais gostar! — Não me estava a ligar nenhuma, e eu tinha de me encostar ao flanco esquerdo para que ela não tirasse a pata direita da água. Começou a mexer as patas traseiras.

— Eu bem sei que isto não tem graça nenhuma, mas ouve só mais uma, e depois vamo-nos embora deste gelo.

Concentrei-me e voltei atrás no tempo. A minha professora de Literatura na Bíblia era uma excêntrica — bela representante de uma longa sucessão de leitoras de Inglês mal vestidas. Na frequência final do semestre, mandou-nos decorar e apresentar um capítulo do Antigo Testamento que versasse sobre animais. O terceiro ano da faculdade foi há muuuuuito tempo. Porém, quando comecei a récita hesitante dos versículos, começaram a jorrar-me da boca como se contentes por largarem as teias de aranha do meu cérebro:

Acaso deste força ao cavalo?

Hum... qualquer coisa — qualquer coisa... hum... ah, pois.

Terrível é o feroso respirar das suas ventas.  
Escarva no vale, e folga na sua força,  
e sai ao encontro dos armados.  
Ri-se do temor, e não se espanta;  
e não torna atrás por causa da espada.  
Sobre ele rangem a aljava,  
a lança cintilante e o dardo.  
Tremendo e enfurecido devora a terra:  
e não se contém ao som da trombeta.  
Toda a vez que soa a trombeta, diz: Eia!

E de longe cheira a guerra,  
e o trovão dos capitães e os gritos.

Pelo menos desta vez, chamei-lhe a atenção.

— Livro de Jó, Capítulo Qualquer Coisa, Versículo Não M'Alembra.

Tinha as orelhas viradas para mim e sacudiu a cabeça; depois resfolegou no que eu esperava ser apreço equino. Mais importante, claro, estivera quieta com o casco dentro da água curativa.

— Obrigada, obrigada. Não, não, bondade vossa. — Fiz uma vénia com a graciosidade possível de quem tem pés gelados. — Creio que já tratámos do momento literário do dia. Não percam amanhã, à mesma hora, a minha própria e distorcida versão da PBS. Anda lá, velha amiga. Está aqui um frio do caraças. — Levei Epi de volta à margem, devagar. Os pés são apêndices esquisitos quando gelados. Senti-me um pouco como Quasimodo, a coxear para fora de água em busca do refúgio da terra seca.

Dada a erosão, o chão rochoso misturava-se no tapete de fetos da floresta mais acima. Até era um belo sítio para descansar. Não faltava erva ao alcance de Epi, o que era perfeito porque ela precisava mesmo de descansar. Tirei-lhe a sela, sempre de olho nela, mas sem dar nas vistas.

— Quem me dera umas almofaças. Pareces mesmo sonolenta. — Improvisei, peguei num bocado de casca de árvore e passei-a para a frente e para trás naquele corpo cansado, coçando-a um bocadinho. Ela suspirou e fechou os olhos. — Parece assim uma massagem aos pés. — Depois dei-lhe palmadinhas na garupa. — Porque não vais pastar um pouco e descansar, a seguir eu dou mais uma olhadela ao casco? — Epi ficou com a pata direita fletida para não fazer peso e começou a tratar da paparoca.

E eu apercebi-me de que precisava mesmo de, bem, tratar das necessidades. Credo.

— Epi, vou só ali um bocadinho. — Ela deu-me atenção e depois voltou ao pastoreio sobre três patas. — Não demoro nada.

Subi a ladeira como pude, sempre de olho num arbusto volumoso e numa planta de folhas macias. Odeio acampar. Saí do carreiro, entrei na folhagem nativa e comecei a apalpar folhas, a avaliar textura e durabilidade, como uma Mrs. Whipple<sup>6</sup> maluquinha.

E nisto, charan! Tropeço num bocadinho de céu. Uvas! Grandes, tintas, maduras! Despachei a toilette (não esquecer de lavar as mãos!) e meti (delicadamente) vários cachos maravilhosos numa boca que já salivava. *Nham*.

Apanhei os cachos que poderia carregar e voltei bem depressa para onde deixara Epi.

<sup>6</sup> Costureira idosa de *A Casa na Pradaria*, Laura Ingalls Wilder. (N. da T.)

— Olha, Epi! Vê só o que encontrei. — Não se deixou impressionar mas, pelo menos, não parecia inquieta nem escarvava o chão. Voltou a pastar. Pus o monte de uvas perto da manta da sela, fui ao rio buscar as botas que lá tinham ficado e lavar as mãos. Em seguida, finalmente, sentei o rabinho cansado e espalmado, encostei-me à sela, e lancei-me ao festim afrodisíaco da Mãe Natureza (a Michelle disse-me que as uvas são um afrodisíaco natural, e ela lá sabe).

As uvas eram deliciosas, e não seria só porque eu estava esfomeada. Sabia mesmo bem ter a barriguinha cheia. Não reparei em efeitos secundários invulgares por jantar uma barrigada de afrodisíaco. Por enquanto. Mas reparei que tinha as pálpebras muuuuito pesadasssss.

A arrastar o rabo dorido e cansado — credo, mais parecia ter montado a defesa toda dos Dallas Cowboys —, fui a coxear até à égua sonolenta.

— Deixa cá ver esse casco. — Ela deu acordo de si, para eu ver a ranilha magoada. Não parecia pior, não a senti tão quente como antes, devia ser bom sinal. Dei-lhe palmadinhas no pescoço e um abraço cansado. — Para citar John Wayne em Rooster Cogburn, “Aqui. Acampamos aqui”. Perdoa não dar mais realismo à citação, caindo de ti abaixo para o meio do chão. — Ela nem pestanejou perante esta graçola improvisada. Já se estava a habituar. — Vamos só fazer uma soneca. Acorda-me se me atrasar para as aulas.

Cautelosamente, voltei para a sela e deixei que o corpo fizesse contacto vagaroso com o chão. Como é que uma margem rochosa e uma manta de sela podiam saber tão bem é coisa que não sei explicar, mas senti-me grata pelo que tinha. Grata o bastante para reconsiderar a aversão ao campismo, não, mas grata. Fui fechando os olhos e pondo o alarme mentalmente para dali a “algum tempo”.